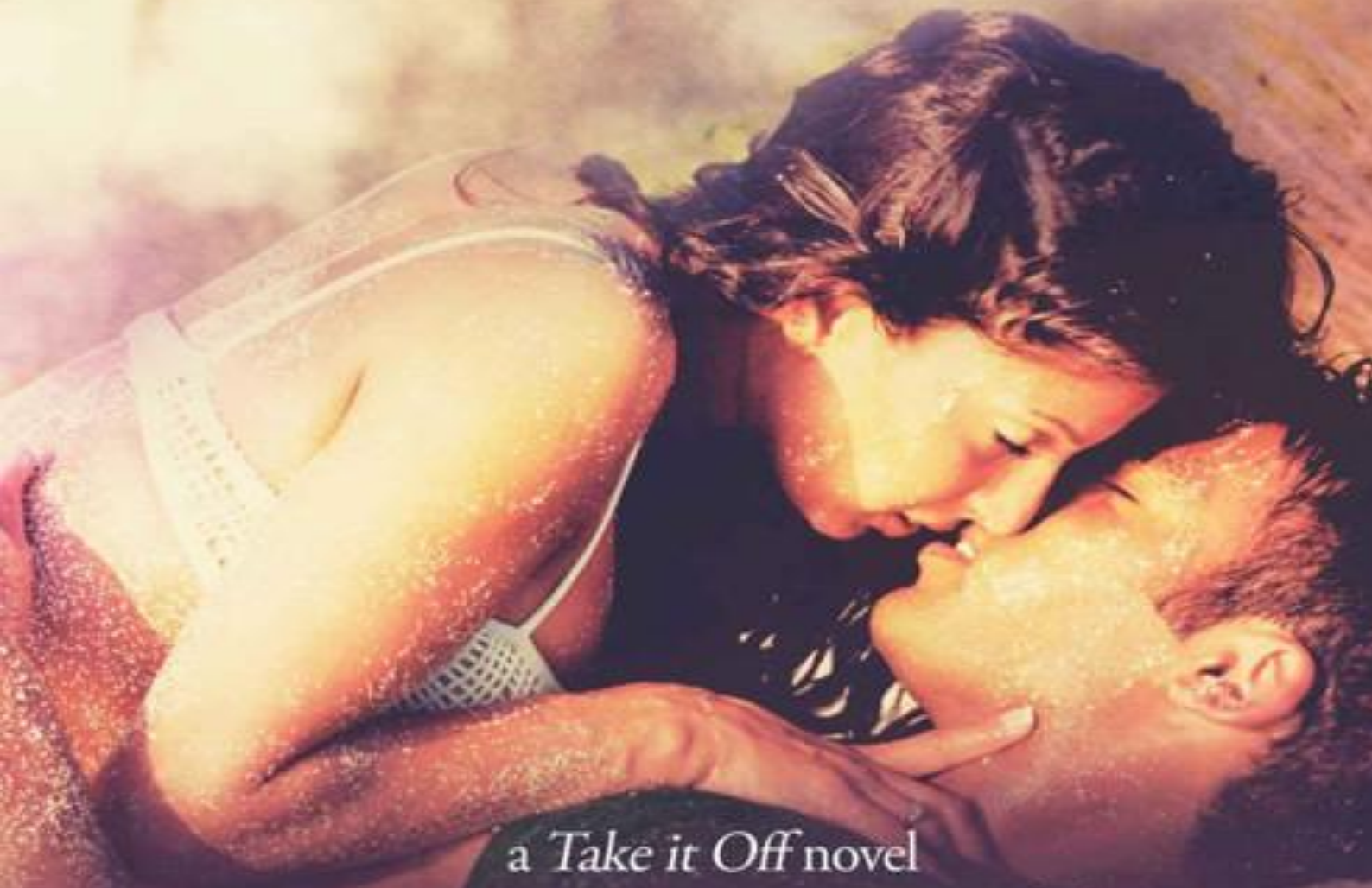
# TORCH

*novel*

"If you can't take the heat...stay away from the flame."



a *Take it Off* novel

CAMBRIA HEBERT



# Grupo Rhealeza Traduções

*A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções{GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária.*

*O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem, portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.*

*No intuito de preservar os direitos autorais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros.*

*O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em quaisquer rede social (Orkut, Facebook, grupos) ou {blogs, sites} ou ainda, qualquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.*

*O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo RHEALEZA de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro Lei nº 9610/1998.*

Rhealeza

# TORCH

## Take It Off #1 – Cambria Hebert

## SINOPSE

Se você não aguenta o calor... fique longe das chamas.

Katie Parks esteve por conta própria desde seus quinze anos. Tudo que ela sempre quis era um lugar para chamar de seu – uma vida que fosse toda dela e que ninguém pudesse lhe tirar. Ela acreditava que tinha conseguido, mas no riscar de um único fósforo, tudo pelo que ela havia trabalhado foi reduzido a uma pilha de cinzas fumegantes. E quase que ela também.

Agora, ela está sendo perseguida por alguém que decidiu que sua hora de morrer chegou. A única coisa que se interpõe no caminho de sua morte pelo fogo é o bombeiro sexy, Holt Arkain.

O corpo de Katie pode estar a salvo com Holt... mas seu coração, isso é outra história.

Conforme o perigo esquenta, faíscas se acendem, e a única coisa que Katie tem certeza é que sua vida inteira está prestes a ser incendiada.

Since 2013

# *Staff*

Tradução: Selene

Revisão Final: Diana

Leitura Final: Hera

Formatação: Selene/Cibele

Disponibilização: Cibele

Grupo Rhealeza Traduções

06/2016

# Capítulo 1

O excruciante cheiro de gasolina atingiu minhas narinas, e minha cabeça foi jogada para trás em aversão. Eu abri meus olhos e levantei minhas mãos para proteger minha boca e nariz, com a esperança de bloquear parte do cheiro opressivo.

Exceto que minhas mãos não obedeceram.

Eu tentei de novo.

Pânico atingiu minhas entranhas quando percebi que meus braços não obedeceriam nenhum tipo de comando, pois eles estavam presos atrás de mim.

*Que diabos?!*

Eu olhei por cima do ombro, tentando ver as grossas cordas que prendiam meus pulsos. A luz aqui dentro era pouca.

Espere.

Onde eu estou?

Meu coração começou a acelerar, minha respiração ficou superficial, pequenos soluços me balançavam enquanto eu fechava meus olhos molhados de lágrimas, às familiares formas ao meu redor. Um pouco de calma me invadiu quando percebi que estava em casa. Minha casa era o lugar em que sempre me sentia segura.

Mas eu não estava segura, não agora.

Eu estava sentada no centro da minha sala de estar, amarrada a cadeira da sala de jantar. Eu deveria estar dormindo na cama. O short e a camiseta que usava afirmavam isso.

Eu comecei a me debater, a forçar as amarras que me prendiam. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas sabia o suficiente para entender que aquilo não era nada bom.

Um movimento chamou minha atenção e fiquei imóvel, com meus olhos encarando a direção em que havia alguém.

—Olá? —Eu disse. —Por favor, me ajude!

Estava tão escuro que não conseguia identificar quem era. Parecia se elevar à distância, de pé logo na entrada, nada além de uma sombra.

Meus olhos piscaram rapidamente, tentando limpar as lágrimas que escorriam pelas minhas bochechas. O cheiro de gasolina era tão intenso. Era como se eu estivesse sentada no meio de uma poça de gasolina.

—Socorro!

Eu gritei de novo, me perguntando por que diabos a pessoa ficava ali em vez de vir me ajudar.

O som do riscar de um fósforo ecoou pela escuridão, e a luz da pequena chama atraiu meus olhos. A luz começou pequena, lembrando-me dos vaga-lumes que eu costumava caçar quando criança. Mas então, ela cresceu em intensidade, e a chama brilhou forte, ficou mais ousada, e queimou a madeira do fósforo.

A sombra levantou o fósforo para longe de seu corpo, segurando acima do chão por vários longos segundos.

E então, o soltou.

O fósforo caiu no chão como se pesasse milhares de quilos, e deixou um pequeno rastro brilhante em seu caminho. Eu vi quando a chama atingiu o chão, pensando que ela se apagaria e o quarto voltaria à escuridão total.

Mas a chama não se apagou.

Ela incendiou.

Em um grande clarão, fogo irrompeu para cima, e tudo próximo àquele pequeno fósforo rugiu à vida em raivosas chamas alaranjadas. Eu gritei. Eu não me preocupei em pedir ajuda de novo, pois ficou claro que quem estava nesta casa não me ajudaria.

Eles estavam aqui para me matar.

Para comprovar meu pensamento, a figura escura calmamente se retirou pela porta da frente. As chamas no chão aumentaram rapidamente, espalhando-se como uma doença contagiosa pelas paredes, e engolindo a porta da frente por completo. A pequena e antiga mesa de apoio ao lado da porta, que eu havia raspado, lixado e pintado, incendiou como se fosse o pedaço de madeira mais seco no centro de um incêndio florestal.

Fumaça começou a preencher os cômodos, aproximando-se, fazendo eu me encolher. Quanto tempo demoraria para que as chamas chegassem a mim?

Eu comecei a gritar, gritar por socorro, rezando para que meus vizinhos me ouvissem e viessem ao meu resgate. Exceto que eu sabia que ninguém viria correndo para me salvar. Eles ficariam parados no gramado no limiar da calçada, murmurando e apontando, e balançariam suas cabeças, hipnotizados pela forma como o fogo consumia minha casa. E minha vida.

Eu não morreria desse jeito.

Eu torci meus braços, forçando contra as cordas amarradas, sentindo-a cortar minha pele, mas eu continuei, só precisava de uns centímetros para escapar.

Eu tentei me levantar para correr para os fundos da casa. Se eu não conseguisse me libertar da cadeira, eu a levaria comigo. Mas meus tornozelos estavam amarrados juntos e cruzados.

Eu gritei por socorro de novo, mas o som se perdeu no rugido das chamas. Eu nunca percebi o quão barulhento o fogo realmente é. Eu nunca percebi o quão

rápido ele poderia se espalhar. Já não estava mais escuro, as chamas iluminavam minha casa como os fogos de artificio no dia da independência, jogando um brilho laranja sobre tudo. Toda a entrada e escada haviam sido engolidas. Eu podia ver que tudo estava embebido em gasolina; o liquido pútrido criava uma trilha espessa ao redor da sala. Quem quer que esteve aqui, encharcou a casa com o líquido inflamável, e então me colocou no centro dele.

Eu consegui ficar de pé, curvada sobre a cadeira amarrada a mim. Era difícil levantar com meus tornozelos cruzados. Mas eu tinha que tentar. Eu tinha que sair daqui. Eu dei um passo incerto quando a tosse abalou meus pulmões. Eu engasguei e tossi, meus pulmões procurando por ar limpo para respirar, mas encheu apenas com mais e mais fumaça.

Eu consegui dar um passo antes de cair, com meu ombro levando o impacto da queda, e a cadeira batendo no carpete espesso. Eu fiquei ali deitada, tossindo, tentando enxergar pela minha visão úmida e embaçada, encarando as chamas... Elas pareciam me perseguir.

As chamas aproximavam-se, seguindo o caminho da gasolina, serpenteando pela sala, preenchendo-a rapidamente ao meu redor, até que eu estava quase completamente cercada pelo fogo. O calor, Deus, o calor era tão intenso que suor escorria pela minha pele, e fazia com que respirar fosse muito mais difícil.

Era o tipo de calor que golpeava você, que o deixava tonto e apagava por completo qualquer pensamento.

Eu morreria.

Mesmo se eu conseguisse ficar em pé, eu não conseguiria escapar do círculo de fogo que consumia tudo ao meu redor.

Eu pressionei minha bochecha contra o carpete, não para me aconchegar em sua maciez, não pensando no conforto que ele geralmente trazia aos pés descalços. Outra rodada de tosse sacudiu meu corpo. Meus pulmões doíam. Deus, eles doíam tanto. Era como se uma malha gigante espremesse dentro do meu peito, espremendo tudo até que eu só conseguisse pensar em oxigênio e no quanto eu precisava dele.

Meu queixo tombou para trás enquanto eu me contorcia no chão na minha última tentativa de me libertar, antes que as chamas me consumissem por completo. Eu ouvi um quebrar de madeira agudo, o som de algo caindo na destruição, e pisquei.

É isso.

Os últimos momentos da minha vida.

Eu morrerei sozinha.

Eu comecei a ter alucinações, a falta de oxigênio estava pregando peças na minha mente enfraquecida, enquanto uma figura grande atravessava as chamas. Literalmente caminhava através das chamas. Ele levantou seus braços, protegendo seu rosto e cabeça enquanto avançava, parecendo um herói de um filme de ação.

Meus olhos fecharam-se quando minha pele começou a doer, como se eu tivesse sentada embaixo do sol por horas sem usar protetor solar.

Eu ouvi um grito abafado e tentei abrir meus olhos, mas eles estavam muito pesados. Além disso, eu preferia a escuridão de qualquer forma. Eu não queria assistir enquanto meu corpo era consumido pelo fogo até a morte.

Dor alastrou-se pelo meu corpo, e a sensação do carpete contra minha bochecha desapareceu. Meu primeiro pensamento foi lutar, mas meu corpo não conseguia obedecer minha mente. Eu senti um movimento, eu senti o tórax sólido de alguém, e podia jurar que ouvi o som da voz de um homem.

—Aguente firme. —Ele disse.

O estilhaçar do vidro e o despedaçar da madeira não me acordaram da névoa que havia tomado conta do meu cérebro. O alastrar da dor em minhas costas, a extrema sensação de queimar e derreter fez um grito sair da minha garganta, e ainda assim, não foi o suficiente para abrir meus olhos.

Então eu pude ouvir o agudo lamurio das sirenes, gritos distantes de homens, e um grito abafado de alguém que estava muito mais perto.

Eu realmente pensei que o paraíso fosse mais calmo.

Então eu estava voando no ar, a parede sólida que me segurava foi arrancada. Eu mergulhei, e com um grande estalo eu atingi a água, as gotículas congelantes foram um choque para meu sistema sobrecarregado.

Meus olhos abriram. A água os invadiu enquanto tentava dar sentido ao que estava acontecendo. Eu pensei que estivesse queimando. Mas agora, agora eu estava... Afogando-me.

A água estava escura e me puxava cada vez mais para baixo, para suas profundezas. Eu olhei para cima. A superfície ondulava e brilhava em laranja. Eu quase morri lá em cima. Mas agora, eu morreria aqui em baixo.

Eu queria nadar. Meus braços, eles doíam tanto, mas eles queriam nadar para a superfície, para me ajudar a chegar onde estava o oxigênio que meu corpo precisava tão desesperadamente.

Mas eu ainda estava amarrada a cadeira.

A cadeira bateu no fundo – uma superfície sólida e fria – enquanto meu cabelo flutuava ao meu redor e bolhas saíam do meu nariz e da minha boca.

Aqui não era quente.

Aqui não era barulhento, mas quieto de uma forma assustadora.

Era uma forma diferente de morte, mas uma morte de qualquer forma.

As ondulações na água aumentaram e a cadeira começou a balançar. Eu ouvi o barulho de algo entrando na água e olhei para cima. Pelas mechas do meu cabelo bagunçado, eu o vi de novo. Meu herói. Seus braços poderosos deram três grandes braçadas e me alcançaram, me agarraram por baixo dos braços, me impulsionando para cima para a superfície brilhante.

Quando minha cabeça saiu da água, meus pulmões automaticamente sugaram o abençoado ar. Doía tanto, mas era o tipo de dor que eu tinha que aguentar. Outra tosse abalou meu corpo, e enquanto eu arfava, o homem que segurava a mim e a minha cadeira disse:

—Continue respirando. Apenas continue respirando.

Então eu estava sendo levada para fora da água, a cadeira colocada no cimento enquanto eu tossia, arfava e gananciosamente sugava o ar.

—Senhora. —Alguém estava dizendo. —Senhora, você consegue me ouvir? Você está bem?

Eu olhei para cima, piscando a água dos meus olhos, mas minha visão continuava embaçada. Eu tentei falar, mas tudo que eu consegui fazer foi tossir de novo.

As cordas em meus pulsos foram arrancadas e eu gritei. A dor era tão intensa que eu pensei que desmaiaria ali mesmo.

—Fique comigo. —Uma voz calma disse por trás. Era a mesma voz que me instruia a continuar respirando.

Quando meus braços estavam livres, eu cedi para frente. A dor que atingiu meu corpo era muito para aguentar. Então, havia mãos em meus tornozelos, e eu ouvi uma faca cortando a corda. Quando eu estava completamente livre, meu corpo caiu para frente, escorregando da cadeira para o chão.

Mas ele estava lá.

Eu escorreguei direto para seus braços, com meu corpo desossado.

Um baixo praguejar deixou seus lábios enquanto ele gritava por um médico. Sim, um médico. Isso parecia uma ótima ideia. Eu sentia dor, eu sentia dor por toda parte.

Eu choraminguei quando ele me moveu em seus braços, me aproximando de seu peito. Eu apoiei meu rosto nele. Ele estava molhado, mas suas roupas estavam ásperas contra minha bochecha. Eu tentei olhar para ele. Eu abri meus olhos e levantei minha cabeça. Eu peguei um flash de cabelos escuros e olhos claros, mas então minha visão apagou, a dor tomou conta, e eu desmaiei.

# Capítulo 2

O problema em desmaiar é o acordar, você ter que enfrentar a dor de tudo o que a fez desmaiar em primeiro lugar mais uma vez. Ok, então a dor não estava tão ruim quanto antes, e eu achei que foi, em grande parte, devido à intravenosa saindo da parte de trás da minha mão. Gostaria que tivessem um analgésico para isso, porque essas IVs machucam.

Pisquei, tentando me concentrar e olhar ao redor do quarto. Eu estava em um quarto privado, o que era bom. As paredes eram brancas estéreis. Havia uma cortina empurrada ao redor da cama e uma televisão montada na parede. Os cobertores que cobriam a minha cintura não eram ruins e não arranhavam. Não como todos meus travesseiros e roupas de cama em casa.

Casa.

O pensamento trouxe uma onda de pânico. Olhei para meus pulsos, que estavam envoltos em camadas de gaze branca que alcançavam em torno da base dos meus polegares e depois de volta novamente.

Queimada.

Eu estava queimada.

Imagens do que aconteceu me agrediram. O jogo, o fogo, o medo. Eu me mexi, querendo fugir das memórias, e uma mecha de cabelo deslizou sobre minha bochecha. Ela cheirava a fumaça.

A memória de quase sufocar até a morte na fumaça, fez uma lágrima descer pela parte de trás da minha garganta. O monitor à minha direita começou a apitar, e eu olhei para cima, e o som ajudou um pouco a me trazer de volta à realidade.

Eu estava segura.

Não havia fogo aqui.

Não havia nenhum homem em pé nas sombras com um fósforo.

A porta do meu quarto abriu e uma enfermeira entrou apressada. Ela sorriu quando me viu olhando para ela.

—Ah, você está acordada. Vou chamar o médico. —Ela apertou um par de botões no monitor, e o rápido sinal sonoro parou. Em seguida, ela se apressou em sair do quarto.

Havia uma ligeira dor no meu ombro, e minha pele estava esticada em todos os lugares, como se tivesse sido molhada e eu tivesse sido jogada na máquina de secar, o que causou um encolhimento da pele ao redor do meu corpo. Olhei para as ataduras em torno dos meus pulsos novamente, e perguntei-me o quão boas eram as drogas que tinham me dado. Mais como o quão ruim isso doeria mais tarde, quando eu não estivesse tomando o máximo de medicamento?

Olhei para a jarra de água ao lado da cama, me perguntando se havia alguma água nela. Minha garganta estava tão seca, como se eu não tivesse tomado qualquer água em dias... Quanto tempo eu estive deitada aqui?

Estendi meu braço, pegando a jarra, mas não fui muito longe, porque cada músculo no meu braço e costas gemeu em protesto. Mas em vez de abaixar meu braço, eu me sentei congelada, olhando para a queimadura vermelha em minha mão direita. A pele estava completamente vermelha, como se eu tivesse enfiado a mão para fora de uma janela, e deixado assar um dia inteiro no sol quente do sul.

Eu fui queimada no fogo.

Meu cérebro parecia estar trabalhando extremamente lento, porque isso acabou se tornando claro. As bandagens, obviamente, não tinham sido um indicador suficiente. E o fato de que meus pulsos estavam enfaixados e minhas

mãos não estavam, mas ainda estavam vermelhas... Bem, isso foi muito revelador. Essas queimaduras deveriam estar piores.

A porta do meu quarto abriu novamente. Olhei para cima esperando um médico de jaleco branco, carregando um gráfico. Mas não era um médico. Não era uma enfermeira também.

A porta se abriu lentamente, fechou atrás dele e seus passos pararam quando ele viu que eu estava olhando para ele. Como se eu pudesse desviar o olhar. Mais uma vez, eu senti a sensação familiar dos meus pulmões apertados por falta de oxigênio. Era como se ele fosse algum vácuo humano extremo, que tivesse a capacidade de sugar cada pingo de ar da sala.

—Você está acordada. — Sua voz era oxigênio para o meu corpo sem fôlego. No minuto em que as palavras calmas, mas fortes, passaram pelos seus lábios, meu corpo inalou automaticamente. Foi quase como se o meu corpo o conhecesse - como se o tivesse reconhecido, embora o meu cérebro gritasse que ele nunca esqueceria uma única coisa sobre seu rosto incrível. E suas palavras... Isso significava que ele não tinha acidentalmente tropeçado no quarto, errando o caminho para visitar sua avó doente e frágil?

Quem eu estava enganando? Ele não parecia o tipo que teria uma avó doente e frágil.

Ele era alto, obscenamente mais alto do que eu... Ele provavelmente tinha mais de 1,80 m de altura (o que o deixava com vinte centímetros mais alto do que eu), com ombros muito largos que contrastavam com seus quadris estreitos e pernas que pareciam ir por milhas, apenas para terminar com os pés do tamanho da Florida. Como ele encontrava botas para cobrir essas coisas eu nunca entenderia.

Junto com as botas desgastadas, ele estava vestindo jeans, uma camiseta cinza surrada (para fora das calças), e uma jaqueta militar-verde com cerca de um milhão de bolsos na parte da frente. Ele estava vestido como qualquer cara comum que você veria na calçada ou no shopping.

Só que ele não era nada comum.

Ele era casual e áspero. Ele tinha o tipo de olhar que as mulheres de qualquer idade seguiriam com os olhos, até que ele estivesse completamente fora de vista. Era quase como se ele não colocasse um único pensamento sobre a forma como ele saía de casa.

Seu cabelo escuro era curto, mas ainda parecia amarrotado. Sua mandíbula muito forte estava coberta de barba, criando uma sombra sobre a parte inferior do rosto. Acima estava um nariz forte, sobrancelhas grossas escuras e olhos... Olhos azul-claros que pareciam fora de lugar com tal cabelo escuro e pele morena clara.

No entanto, eles não estavam fora de lugar. Eles eram como um sinalizador. Algum lugar para se concentrar. Algum lugar para o meu mundo, de repente, inclinado a ser erradicado.

—Você está com sede? —Disse ele, notando que eu estava virada e em direção à jarra. Ele limpou a garganta e atravessou rapidamente o quarto, pegando a jarra e franzindo a testa. —Está vazio.

Eu assisti, ainda incapaz de dizer uma palavra, enquanto ele desaparecia no banheiro onde ouvi a torneira ligar. Eu finalmente deixei cair o braço na cama, encolhendo-me um pouco com a dor, mas me sentindo mais acordada do que antes, desde a abertura dos meus olhos.

A torneira desligou e ele caminhou de volta para o quarto, e meus olhos mais uma vez, fixaram em seu rosto, em seus movimentos fluidos, fortes. Eu não tinha ideia de quem ele era, mas eu certamente gostava de olhar para ele. Algo começou a desenrolar no meu interior - algo quente e agradável. Um sentimento que eclipsava a dor e o medo de acordar em um quarto de hospital sozinha e confusa.

—Aqui. —Ele se aproximou suavemente, colocando um canudo no copo pequeno amarelo, e segurando-o perto de mim. Seu perfume flutuava no ar, completamente assumindo meus sentidos e me fazendo esquecer que a minha garganta estava seca como um deserto. Era profundo e limpo. Muito másculo. Muito poderoso sem ser excessivo. Ele limpou a garganta, usando os dedos grossos para dobrar o canudo na minha boca enquanto ele ainda o segurava.

Meus lábios entreabriram e o canudo encontrou meus lábios, mas meus olhos, meu olhar foi mantido em cativeiro por suas íris azuis geladas. Olhos gelados que estavam longe de serem frios. Meu corpo pareceu se lembrar do quanto estava sedento, porque sem eu perceber, suguei um pouco de água através do canudo. Era quase doloroso engolir, e eu senti a água viajar todo o caminho através da minha garganta e se espalhar em meu estômago.

Tossi um pouco, o líquido morno foi um pouco surpreendente para o meu sistema, e então o copo desapareceu, e o estranho incrivelmente bonito aproximou-se, passando o braço em volta do meu ombro e olhando para mim com os olhos cheios de preocupação.

—Alguém sabe que você está acordada?

—Quem... Quem é você? —Eu disse. Minha voz estava estranhamente rouca e baixa.

A porta do meu quarto abriu mais uma vez. Nossa, uma menina não poderia ter qualquer privacidade com algum estranho gostoso? Foi um pensamento divertido... Até que me lembrei de que alguém tentou me matar. Um estranho.

Eu me afastei do seu toque, segurando um grito de dor.

Ele endireitou e se afastou quando o médico moveu-se para o fim da cama, primeiro olhando para o monitor, que estava mais uma vez apitando loucamente, e depois de volta para mim com uma expressão educada no rosto. A enfermeira estava bem atrás dele, vindo para silenciar a máquina mais uma vez.

—Senhorita Parks, é bom vê-la acordada. Sente alguma dor?

—Não muita. —Eu respondi, notando novamente um tom profundo na minha voz. Minha mão foi automaticamente para minha garganta.

—A mudança em sua voz é apenas temporária. Você inalou um pouco de fumaça. Você provavelmente terá uma dor de garganta por um tempo.

—Minhas mãos. —Eu disse, olhando para ele.

—Quanto você se lembra? —Perguntou o médico.

Eu senti a atenção do estranho aguçar enquanto ele olhava para mim, esperando pela minha resposta. Olhei para ele, sem saber se eu deveria estar falando com o meu médico sobre qualquer coisa na frente dele.

—Eu vou esperar lá fora, no corredor. —Disse ele, observando claramente o meu desconforto.

O médico balançou a cabeça, mas eu tinha que saber. —Eu deveria conhecer você?

Ele parou e girou. —Não, eu... — Suas palavras se apagaram como se ele não tivesse certeza de como explicar o fato de que ele estava aqui.

—Ele é o bombeiro que tirou você da casa. —Disse a enfermeira, cheia de excitação em seu tom, como se esta fosse uma enorme cena de uma das telenovelas que ela provavelmente assistia.

O médico limpou a garganta e deu-lhe um olhar cheio de censura, e ela olhou para o chão, culpada.

Imagens do incêndio passaram diante de mim. Senti o calor, as garras da morte chegarem em mim... Mas então eu vi o homem - o que eu pensava que tinha sido nada além de uma alucinação. Ele caminhou através das chamas. Ele literalmente passou através de uma parede de fogo para me pegar e me levar para a segurança.

Ele foi o único que me jogou na piscina. Enquanto eu estava amarrada a uma cadeira.

—Você é ele. —Eu disse, não porque a enfermeira tinha acabado de dizer isso. Ela estava muito excitada, então eu sabia que tinha que ser verdade.

Ele assentiu.

—Fique. —Ouvi-me dizendo. Espere, o quê?

Ele não se moveu de volta para o quarto. Em vez disso, ele encostou-se à parede, colocando as mãos no bolso da frente da calça jeans. Quer dizer, sério, parecia que ele poderia estar em uma revista. Fazendo publicidade para alguma colônia sexy ou perfume. Algo com o nome de *Rogue*.

Oh meu Deus, o fogo deve ter derretido metade das minhas células cerebrais. Eu estava sonhando com perfume após acordar de uma tentativa de homicídio.

—Alguém tentou me matar. —Disse ao médico, olhando-o diretamente no rosto. O estranho contra a parede ficou rígido, mas não disse nada, e eu não olhei em sua direção.

—Então, você se lembra do fogo. —Disse ele, não evitando diretamente as minhas palavras.

—Lembro-me de alguém tentando me queimar viva.

O médico franziu a testa e olhou para a enfermeira, que se apressou em sair do quarto, em silêncio. —Você pode falar com a polícia sobre isso. —Disse ele. —Estou aqui para me concentrar em seus ferimentos.

—Quão ruins são as queimaduras?

—Você tem queimaduras de primeiro e de segundo grau, Srta. Parks. Eu diria que você teve realmente muita sorte. Você sofreu inalação de fumaça moderada. Como eu disse, a sua garganta e voz serão afetadas por um tempo. Você ficou no oxigênio pelas primeiras vinte e quatro horas em que esteve aqui, então, respirar não deve ser um problema.

—Espere. —Eu disse. —Há quanto tempo estou aqui?

—Quatro dias.

—Quatro... — Eu perdi quatro dias. Quase uma semana inteira. Isso era quase tão assustador quanto quase morrer. Era como se eu tivesse morrido durante quatro dias... Quatro dias que eu nunca me lembraria. Quatro dias imóvel e perdida.

—Você teve muita sorte. —Disse o médico, interrompendo meu pânico momentâneo.

—Sorte?

—Seus ferimentos não foram tão graves considerando a extensão do fogo. Ele olhou para o estranho e depois de volta para mim.

—Você tem queimadura de primeiro grau em suas mãos, e de segundo grau em seus pulsos. Mantivemos você fortemente sedada pelos primeiros dois dias para mantê-la confortável. Mas receio que ainda sentirá dor. Sua pele foi danificada. Pode haver formação de cicatrizes. Nós estamos mantendo tudo limpo e medicado com antibióticos para ajudar com a infecção. As bandagens devem ser trocadas a cada oito horas. Infelizmente, isso agravará a dor. As queimaduras em suas mãos são consideravelmente menores, e devem curar muito mais rápido. Eu gostaria de mantê-la aqui por mais um dia e, se não houver complicações ou infecção, você poderá sair. Eu lhe prescreverei remédio para a dor, e a enfermeira vai ensinar-lhe a como trocar suas bandagens. —Ele parou com a má notícia, então disse. —Senhorita Parks, há alguém que possamos entrar em contato para você? Um parente, cônjuge? Alguém que será capaz de ajudá-la durante as próximas semanas?

Eu queria dizer que sim. Eu não queria ver o flash de pena que certamente fluiria em seus olhos quando eu dissesse que não. Mas não havia ninguém. Não havia por um tempo muito longo.

—Não.

—Entendo. Bem, nesse caso, você pode vir duas vezes por dia para ter seus curativos trocados pela equipe.

—Eu posso trocar. —Eu disse um pouco dura demais.

Ele assentiu. —Eu gostaria de examiná-la agora, se estiver tudo bem?

Eu balancei a cabeça.

—Vou esperar lá fora. —Disse o estranho e depois desapareceu.

Eu sofri com o exame, mas fui incapaz de me concentrar no médico ou em suas perguntas invasivas. Eu não pude me conter e mantive olhando para a porta, me perguntando se ele havia ido embora. Perguntando-me se eu o veria novamente.

Depois que o médico terminou de me torturar e cutucar o hematoma enorme cobrindo meu ombro e braço (provável de quando eu caí com a cadeira), ele se despediu, mas não antes de prometer que voltaria mais tarde. Oh, alegria.

Eu ouvi a profunda voz de barítono em uma conversa do homem, e o médico dando uma resposta curta. Antes que a porta pudesse fechar completamente, ela abriu e uma cabeça escura apareceu.

—Posso entrar?

Eu balancei a cabeça.

Ele estava carregando uma nova jarra de água, idêntica à que estava ao lado da cama. Ele fez um gesto em direção a ela.

—A enfermeira me deu um pouco de água fresca com gelo. É provavelmente melhor do que a água da torneira que lhe dei. —Disse ele timidamente.

Eu tinha vergonha de admitir que eu teria bebido água de esgoto se estivesse oferecendo-a para mim.

Eu vi quando ele me serviu um novo copo, transferiu o canudo do copo velho para o novo, e estendeu-o para mim. Eu o peguei, embora enrolar meus dedos em torno dele provou ser mais difícil do que eu pensava, mas eu fiz isso, orgulhosa que não estremeci com a dor da minha pele que se estendia pelo osso.

Ele me olhou através daqueles olhos azuis cristalinos enquanto eu bebia metade da água. Era gelada e pareceu como pequenas agulhas contra minha garganta, mas eu continuei a beber, meu corpo avidamente exigindo mais.

Quando terminei, ele tomou o copo sem me perguntar e colocou-o sobre uma mesa que ele virou até perto do meu colo.

—Você é um bombeiro? —Perguntei. —Você foi o único que...?

Ele assentiu. —Eu sou um bombeiro.

—Você me jogou em uma piscina. — Eu fiz uma careta.

Ele sorriu. —Você estava em chamas.

—Bem, então foi por isso. —Eu disse. Falar com ele era inteiramente fácil demais. Olhar para ele era inteiramente fácil demais. Eu não poderia esquecer a razão pela qual ele estava aqui. —Você salvou minha vida.

—Somente mais um dia de trabalho. —Disse ele, dando de ombros.

—Devo chamar a enfermeira? —Perguntei.

Alarme limpou o sorriso do seu rosto e endureceu a sua postura. Ele se inclinou um pouco mais perto, com os olhos varrendo o meu corpo. —Você está com dor?

—Nós podemos precisar de algo para o ego. —Eu respondi. —Eu nunca vi a cabeça de ninguém crescer tanto tão rápido. — Eu estava flertando?

Oh meu Deus, eu estava totalmente flertando.

Alívio encheu seus olhos e ele sorriu. Seus dentes eram brilhantes contra a escuridão de sua barba. —Acha que ela me daria um banho de esponja também?

A imagem dele nu e todo molhado de água fez o monitor estúpido apitar mais uma vez. Eu odiava essa coisa estúpida.

Ele olhou entre mim e o monitor, com um sorriso malicioso nos lábios. Quando a enfermeira entrou, apertou o botão e verificou a tela, ele piscou para mim.

Ele piscou.

Esse pequeno gesto me fez apertar minhas coxas sob o cobertor.

Depois que a enfermeira avisou que era emoção demais (eu ia morrer de vergonha), ficamos sozinhos novamente.

—Eu tenho que dizer... — Seus olhos brilhavam. —Você é muito mais divertida quando está acordada.

—Esta não é a primeira vez que você esteve aqui? — Eu disse, e todos os vestígios de flerte foram deixados de lado.

—Eu estive algumas outras vezes.

—Algumas?

Ele encolheu os ombros com indiferença.

—Mas por quê? — Eu soltei.

Ele parecia querer recusar a responder essa pergunta, como se ele não estivesse realmente certo do que dizer ou como dizer.

—Eu entendo. —Eu disse a ele. —É como uma política de acompanhamento dos bombeiros? Checar para certificar-se de que a vítima está bem?

—Sim, apenas me certificando.

Eu balancei a cabeça. —Como você pode ver, eu vou ficar bem.

—Você disse ao médico que alguém tentou matá-la.

—Bem, eu não me amarrei a uma cadeira e coloquei minha casa em chamas.

Seus punhos fecharam ao lado do corpo, como se as minhas palavras tivessem o deixado com raiva. Os músculos do lado de sua mandíbula tremeram em um movimento que eu achei muito perturbador.

—Quem tentaria matá-la? —Ele perguntou depois de alguns momentos.

—Isso é exatamente o que nós gostaríamos de saber também. —Disse uma nova voz quando alguém entrou no quarto.

Eram dois policiais. Um homem e uma mulher. Eu não tinha nenhuma dúvida em minha mente que sempre que interrogavam alguém, a loira jogava de boa policial e o homem baixo, jogava de mau policial.

—Katie Parks? — O homem perguntou, olhando para mim.

—Sim.

—Estamos aqui para discutir os eventos de quatro noites atrás.

—Essa é a minha deixa para sair. —Disse o bombeiro ao meu lado.

Eu prefiria muito mais falar com ele do que com a polícia.

—E você é? —A policial feminina disse, tirando seu bloco e caneta como se fosse escrever tudo. Eu sabia que ela não ia. Ela só queria saber o seu nome. Eu realmente não poderia culpá-la.

—Holt. Holt Arkain.

Seu nome me atingiu como um raio direto no coração. Eu nunca tinha ouvido esse nome antes, mas cabia-lhe tão bem. Forte e robusto... Casual, mas único.

—Você é o cara que a tirou do fogo. —Disse o policial masculino.

Holt assentiu.

—Você conhece a vítima?

—Uh, não. Eu só estava... —Ele olhou para mim. —Acompanhando para me certificar de que ela estava bem.

Algo sobre a maneira como ele disse isso me fez pensar que ele estava aqui para mais do que isso. Mas devem ter sido os analgésicos porque os oficiais

assentiram e, em seguida, ele estava caminhando para a porta... Eu provavelmente nunca o veria novamente.

—Holt? — Eu disse, gostando da forma como o seu nome pareceu deslizar facilmente dos meus lábios.

Ele parou sua retirada e olhou por cima do ombro para mim. —Sim?

—Obrigada. Por salvar a minha vida.

Lá estava, aquele sorriso arrogante novamente. —O prazer foi meu.

E então ele se foi. Eu não pude deixar de notar como a “boa policial”, de repente, pareceu a má policial. Talvez ela estivesse esperando pelo seu número de telefone.

Eu me senti um pouco alegre sabendo que ela não o teria.

Claro, eu provavelmente nunca mais o veria também.

Todos os vestígios de alegria foram embora. Na verdade, uma onda de cansaço tomou conta de mim. O oficial limpou a garganta e olhou para mim com expectativa. Eu não sabia o que eu poderia dizer-lhes. Eu não sabia de nada.

A única coisa que eu sabia com certeza era que alguém me queria morta.

# Capítulo 3

Eu descobri muito mais coisas com os policiais do que eles descobriram comigo. Eles ficaram no meu quarto por quase uma hora, fazendo-me pergunta após pergunta. *Você tem inimigos? Você viu o incendiário que ateou fogo à sua casa? Por que você não acordou quando eles a arrastaram da sua cama e te amarraram a uma cadeira? Quem poderia querer matá-la?*

E assim as perguntas foram feitas.

Eu não tinha resposta para nenhuma delas. A pura verdade era que eu não tinha inimigos (que eu soubesse), eu não pude ver a pessoa que ateou fogo, e eu também queria saber por que eu não acordei ao ser amarrada à cadeira. A coisa mais lógica que eu poderia pensar era que este foi um ato aleatório de violência, levado ao fim por algum psicótico seriamente desequilibrado.

Depois de ouvir-me repetir minhas respostas mais e mais, eu acho que a polícia estava quase concordando com a minha maneira de pensar. Poderia ter sido um assalto que deu errado. Poderia ter sido uma brincadeira estúpida que saiu de controle. Poderia ter sido um milhão de coisas, e tudo isso me deixou extremamente exausta para pensar.

Quando a enfermeira finalmente ordenou a eles que saíssem do meu quarto, eu estava praticamente em lágrimas. Eu odiava chorar. Era um desperdício inútil de energia. Energia que poderia ser melhor aproveitada fazendo algo que realmente ajudaria a minha situação.

E a situação era muito desagradável.

Minha casa foi completamente destruída.

De acordo com a polícia, não havia mais nada para salvar.

Eu tinha seguro que provavelmente cobriria a casa e tudo dentro, mas isso realmente não me fez sentir melhor. Tudo o que eu tinha havia sido destruído. A vida que eu construí para mim, a vida que eu queria tanto, estava agora reduzida a uma pilha de cinzas enegrecida.

*Você vai ter que começar de novo*, eu disse a mim mesma em um esforço para levantar meu espírito. Não funcionou. Começar de novo era algo que eu odiava. Eu tinha feito tantas vezes nos últimos anos, que fazê-lo novamente, me fez querer gritar até morrer.

*Até morrer*. Ok, essa foi uma má escolha de palavras.

A ideia de começar de novo me fez querer socar um grupo inteiro de pessoas no rosto.

Sim, essa foi melhor.

Se eu focasse na raiva dentro de mim, eu não teria espaço para pensar sobre quão devastadora era a sensação de perder tudo. Eu realmente pensava que finalmente havia encontrado o meu lugar no mundo. Não era um grande lugar, mas era meu, e isso significava mais para mim do que qualquer coisa.

Mas, com o único golpe, tudo o que eu sempre quis foi consumido pelas chamas.

Eu me afastei em um sono profundo, com a memória do fogo provocando meu subconsciente. Apenas quando as memórias ameaçaram me sufocar, um homem com olhos azul gelo apareceu, e como um balde de água, sua mera presença extinguiu o pior do meu medo.

À medida que a noite avançava, a dor começou a pulsar. Parecia que minha pele estava em chamas tudo de novo - tudo queimava e formigava. Eu queria arrancar as bandagens e apenas raspar a pele danificada, até que não houvesse mais nada nos meus pulsos além dos ossos. A pele em minhas mãos gritava comigo, sentindo-se esticada e enrugada. Tudo o que eu podia fazer era ficar ali sem saber quanto tempo à dor duraria. Quando eu teria algum alívio?

Quando o sol se levantou, eu decidi que não fingiria dormir mais, e apertei o botão para a enfermeira.

—A dor. —Eu disse a ela quando ela apareceu. —Está pior do que ontem.

Ela assentiu com empatia. —Isso é porque o médico reduziu a dose de medicação para a dor que você está tomando. Você estava em uma dose muito maior quando você chegou.

—Então, a dor não irá embora?

Ela franziu a testa. —Você estará se sentindo com um pouco mais de dor. As queimaduras são muito dolorosas. Mas está na hora de sua dose regular, então eu posso ajudar-lhe nisso. Uma vez que entrar em ação, eu terei que mudar suas ataduras.

Eu contive um gemido. Ela estava apenas fazendo seu trabalho. Eu não a faria se sentir mal por isso.

Fiel à sua palavra, de que eu receberia algum alívio para a dor, ela apareceu carregando curativos limpos e alguns suprimentos. —Olha quem eu encontrei no corredor. —Disse a enfermeira, sustentando a porta com o pé.

A porta se abriu mais quando Holt passou por ela, seus olhos indo direto para a cama onde eu estava. Estendi a mão para tirar o cabelo dos meus olhos, tirando um momento para me preocupar com a forma como eu estava, antes de uma dor pungente me lembrar de que eu era uma idiota por me preocupar com a forma como eu parecia.

Ele apareceu ao meu lado sem fazer barulho, e com a mão penteou para trás o cabelo emaranhado, colocando-o atrás da minha orelha. Mas em vez de se afastar, ele arrastou as pontas dos dedos levemente em toda a minha bochecha até a ponte do meu nariz onde ele arrastou-os para baixo antes de erguer a mão.

—Você tem um milhão de sardas. —Disse ele, os olhos gelados procurando qualquer coisa.

Meu estômago deu um salto mortal. —Maldição de uma ruiva. —Eu respondi, com minha voz rouca por causa da minha garganta. Nossa, eu poderia ser mais desinteressante ?

A enfermeira não disse nada, mas eu senti seu olhar e afastei meus olhos para longe dele para olhar para ela. Ela estava nos observando enquanto colocava todos os seus suprimentos em cima da mesa móvel e pequena ao meu lado.

—Trata-se de um momento ruim? — Perguntou Holt, sem nem uma vez olhar para longe do meu rosto.

—Você chegou a tempo para a tortura. —Eu respondi.

—Eu vou ser tão suave quanto eu puder. —Disse a enfermeira, estabelecendo-se ao meu lado. —Talvez seja bom que ele esteja aqui. Ele pode distraí-la do desconforto.

—Você está com dor? —Ele disse, com seus olhos glaciais afiados. Seus lábios cheios e beijáveis puxados em uma linha reta, como se a ideia de eu estar com dor o deixasse infeliz.

—Não está tão ruim. —Eu disse, percebendo que eu não queria que ele visse o quanto doía.

—Eu vou remover os curativos, aplicar este antibiótico, e depois colocá-los novamente. —Disse a enfermeira, afastando minha atenção.

Holt pegou uma cadeira e puxou-a ao lado da cama, sentou-se e apoiou aqueles pés enormes seus acima do final do colchão.

—Seus pés são enormes. —Eu soltei.

Ele sorriu. —Parece que você tem doze anos.

—Eu não!

Seu rosto ficou sério. —Quantos anos você tem, afinal?

—Perguntar a uma senhora sua idade é falta de educação. —A enfermeira disse enquanto desfazia o que restava da bandagem.

Se ele respondeu: Eu não ouvi. Toda a minha atenção foi sugada para meu pulso. Parecia um pacote de hambúrguer cru. Hambúrguer cru, brilhante. Em alguns lugares, a pele estava com bolhas e solta; em outros, a pele tinha desaparecido completamente, deixando para trás nada além de partes vermelhas, parecendo carne. O ar passou sobre ela, e eu mordi meu lábio inferior. Eu nunca soube que o ar tinha a capacidade de infligir dor.

—Parece muito ruim, mas essa é apenas a forma da pele se curar. Não fique chateada com o que vê.

Mas eu estava chateada. Parecia horrível e me sentia pior. Eu sabia que me curaria, e eu não me importava com as cicatrizes que deixaria para trás, mas naquele momento, meus ferimentos eram um lembrete de tudo que eu suportei e tudo o que eu perdi.

Fiquei olhando para a bagunça que a enfermeira fazia enquanto limpava a área e aplicava o antibiótico. Uma fina camada de suor frio apareceu na minha testa e meu estômago revirou.

Algo quente e sólido pousou na minha coxa. Eu podia sentir o calor dele mesmo através dos cobertores que cobriam as pernas. Meus olhos afastaram-se da queimadura e para a mão que estava deitada no meu colo. Lentamente o meu olhar viajou até seu braço, passando pelo seu ombro e queixo com barba por fazer, e colidiu com os seus olhos. Seu polegar desenhou um círculo preguiçoso sobre o cobertor, e eu esqueci tudo que estava acontecendo ao meu redor.

Se um único toque dele poderia fazer o mundo inteiro sumir, então como seria seu beijo?

—Então, você vai me bater se eu te perguntar quantos anos você tem de novo? —Disse. Olhei para sua boca enquanto ela formava as palavras.

Eu balancei minha cabeça. —Eu tenho vinte e dois.

Seus dedos apertaram ao redor da minha coxa por um segundo antes de relaxar mais uma vez. —Isso é bom.

Por que era bom? —Quantos anos você tem?

—Vinte e quatro.

—Quase pronto. —Disse a enfermeira. Eu tinha me esquecido completamente que ela estava lá. Olhei para meu pulso, grata que ele já estava sendo coberto com um curativo fresco. —Só mais um. —Disse ela, movendo-se para o outro lado da cama.

Holt se afastou e se levantou. Instantaneamente, minha coxa perdeu o calor de sua palma. —Eu vou explicar o que estou fazendo com esse para que você saiba o que fazer quando for liberada amanhã.

Eu balancei a cabeça enquanto ele movia-se para o lado em que a enfermeira acabara de sair.

—Com quem você vai ficar? Quando eles chegarem aqui, vou com prazer vir e explicar-lhes como trocar isso. Será mais fácil para alguém usando as duas mãos.

—Eu vou ficar sozinha. —Eu disse, observando enquanto ela revelava o outro pulso. Este parecia exatamente o mesmo. —Eu vou ser capaz de fazer isso, no entanto.

A enfermeira olhou para cima, com pena piscando em seus olhos. Eu odiei isso. —Você vai ficar sozinha?

Eu me perguntei o que ela diria se eu lhe dissesse que tinha praticamente estado sozinha desde a idade de quinze anos. Em vez disso, eu apenas balancei a cabeça.

Ela franziu a testa. —Talvez eu devesse falar com o médico. Talvez atrasar sua alta seria melhor.

—Não! —Eu disse rapidamente. —Isso não é necessário. Obrigada. Eu vou ficar bem.

—Mas nós normalmente não liberamos vítimas de queimaduras sem alguém para ajudá-los.

Vítimas de queimaduras. Suas palavras fizeram minhas orelhas arderem. Eu era uma vítima de queimadura. Alguém tentou me matar. Eu não tinha ideia do por que.

Antes que eu pudesse cair no buraco negro da preocupação, a voz de Holt me puxou de volta. —Onde você vai ficar?

Eu realmente não tinha pensado nisso. Era difícil envolver minha cabeça em torno do pensamento de que minha pequena casa tinha desaparecido. Eu só tinha chegado a viver lá por apenas um ano.

—Um hotel, eu acho. —Eu respondi.

Ele franziu a testa.

A enfermeira começou a explicar o que fazer com as ataduras e remédios. Prestei atenção, piscando as lágrimas que ameaçavam derramar sobre minhas bochechas. Eu não era um bebê, mas essa dor... O tipo de dor que eu esperava nunca ter que sentir novamente.

O médico veio enquanto a enfermeira recolhia seu material. Ele parou no pé da minha cama e olhou para mim do jeito que ele tinha olhado ontem.

—Recebi alguns de seus resultados de laboratório. — Ele olhou para Holt, antes de continuar.

—Está tudo bem. Ele pode ficar. —Eu disse. Eu sabia que mal o conhecia (ok, eu não o conhecia realmente), mas havia algo sobre ele que só me deixava confortável.

—Você tinha vestígios de ácido gama-hidroxibutírico, vulgarmente conhecido como GHB, em sua corrente sanguínea.

—Não é essa a droga do estupro? —Perguntei, confusa. Em seguida, outro tipo de alarme me inundou. Oh meu Deus, eu fui violada? Imediatamente, eu comecei a prestar atenção a certas partes de mim... Como as partes entre minhas pernas. Será que ela parecia diferente? Será que eu me sentia diferente? Por que eu não tinha pensado nisso antes? Eu não tinha ideia de como acabei amarrada a essa cadeira na minha sala... O que mais eu não me lembro?

Holt subiu de sua posição sentada e caminhou até a janela. Ambas as mãos formaram punhos em seus lados.

Minha boca abriu, mas nenhum som saiu. Como você pergunta a um médico se alguém a estuprou?

O médico limpou a garganta. —Tanto quanto eu poderia dizer, você não foi violada, Srta. Parks.

Eu expulsei o ar em um fôlego, e o alívio deixou-me fraca. —Eu não entendo. —Eu murmurei.

—A droga é bastante comum, fácil de comprar. Ela pode deixar a vítima inconsciente e também pode tirar suas memórias... Srta. Parks, você conscientemente ingeriu GHB?

—Não! — Eu gritei. Isso era absolutamente ridículo.

O médico concordou. —Foi o que pensei, mas eu tinha que perguntar. Você saiu, digamos, a um bar na noite anterior ao fogo?

Eu ri. —Não. Eu não vou a bares. Eu não vou a qualquer lugar quando eu chego em casa do trabalho.

—Onde você trabalha? É provável que alguém possa ter colocado algo em sua bebida em seu escritório?

—Eu trabalho em uma biblioteca. Eu sou uma bibliotecária. Então, não é muito provável.

—Entendo. Bem, eu tinha que informar a polícia sobre o resultado da toxicologia. Eles provavelmente terão perguntas. A droga está fora de seu sistema, e não pareceu haver nenhum efeito ruim por ingeri-la. Eu terei seus documentos de liberação prontos esta noite. Com quem você vai ficar?

Por que todos eles continuam me perguntando isso? —Eu vou ficar sozinha.

O médico parecia se recusar a isso. —Talvez mais alguns dias aqui... —Ele começou.

—Isso não é necessário. Eu vou ficar bem.

—Eu talvez não possa permitir que você saia daqui sozinha.

—Ela não estará sozinha. —Veio à voz da janela.

Tanto o médico quanto eu olhamos em sua direção enquanto Holt se virava, me espetando com aqueles olhos claros. —Ela pode ficar comigo.

—Absolutamente não. —Eu protestei, minha pele ficou ruborizada apenas com o pensamento.

—Eu acho que é uma ideia maravilhosa. Você precisará de alguém para ajudá-la. —O médico falou.

Eu não precisava de ajuda. Nem de ninguém. Eu era muito boa em cuidar de mim mesma. Eu disse a eles isso. Que bando de Neandertais.

—Eu devo dizer que, se você quiser sair hoje à noite, terá que ser sob a condição de que você não ficará sozinha. Caso contrário, você pode ficar aqui e vou lhe dar alta no início da semana.

Merda. Eu realmente não queria estar aqui por mais tempo do que eu tinha que ficar. Além disso, eu tinha que ligar para a companhia de seguros, voltar ao trabalho, e começar a procurar outro lugar para viver.

—Como você sabe que não me liberará com alguma pessoa louca? —Eu perguntei ao médico.

Ele riu. —Srta. Parks, eu conheço o Sr. Arkain por vários anos. Ele tem uma reputação impecável na comunidade.

Olhei para o Sr. Impecável. —Então você leva as meninas do hospital para casa muitas vezes? — Algo que parecia como ciúme deslizou pela minha espinha.

Um lento sorriso espalhou em seu rosto. —Não. Você é a minha primeira.

O médico pareceu pensar que isso estava resolvido e desculpou-se, prometendo voltar mais tarde com os meus papéis de liberação. Holt caminhou até minha cama, de pé em cima de mim, olhando para baixo.

—Eu não gosto quando as pessoas pairam sobre mim. —Eu reclamei.

—Eu não estou pairando.

—Eu não vou para casa com você.

Ele sorriu. Se minhas mãos não estivessem queimadas, eu daria um soco nele.

Ele inclinou-se, com sua respiração atingindo ao longo da minha bochecha. —Não se preocupe, Katie. Eu não mordo. A menos que você queira.

Antes que eu pudesse reagir, ele estava abrindo a porta e olhando por cima do ombro. —Eu estarei de volta esta noite para te buscar.

Eu descobri duas coisas, uma vez que ele se foi:

Uma, eu não tinha pensado sobre a dor enquanto ele falava para mim.

E duas, eu realmente queria ir para casa com ele.

# Capítulo 4

As enfermeiras estavam fofocando sobre mim. Ou talvez fosse por causa de Holt que elas estavam nesse frenesi todo. De qualquer maneira, eu me tornei o principal atrativo para várias enfermeiras entediadas. Elas continuavam entrando no meu quarto, fazendo barulho em cima de mim, e dizendo como tinha sorte que Holt estava cuidando de mim.

Era como se eu fosse um gatinho de rua que alguém encontrou no lado da estrada e, que de alguma forma, acabou em uma casa maravilhosa.

Eu realmente não queria toda essa atenção, mas eu a usei para minha vantagem (como você não usaria), e uma das enfermeiras lavou o meu rosto e cabelo, indo tão longe como encontrar um secador de cabelo e secá-lo em um estilo reto e longo. Ela levou muito tempo, porque o meu cabelo era tão espesso e longo, mas ela não pareceu se importar. Na verdade, acho que ela meio que gostou. Ela disse que a tirou de esvaziar comadres.

No momento em que terminou meu cabelo, eu estava cansada, os analgésicos estavam fazendo efeito de novo, e eu só queria dormir para escapar da realidade por um tempo. Enquanto eu estava lá no silêncio do meu quarto, minha mente continuava vagando até Holt.

Parte de mim achava que ele não voltaria. A outra parte de mim ficou olhando para a porta, esperando por ele. Para uma menina que aprendeu cedo na vida a não depender de ninguém, eu com certeza agia como se eu estivesse pensando sobre ele e dependendo dele.

Eu não sabia o que o possuiu para anunciar que ele me levaria para casa. Ele tinha que saber que eu não iria a lugar nenhum com ele. Ainda assim, eu deixaria os médicos acharem que foi porque era a minha maneira mais rápida de sair daqui.

Eu sou apenas parte de seu trabalho, eu me lembrei. A única razão pela qual ele vinha aqui é porque ele é um bombeiro, um homem que se preocupa com o bem-estar dos outros.

Adormeci pelo que poderia ter sido horas ou minutos, e fui acordada pelo suave peso de algo colocado sobre o fim da cama.

Era um saco. Um saco de compras com o logotipo do shopping ao lado. Eu bocejei e sentei-me um pouco mais ereta, olhando para o saco.

—Eu pensei que você pudesse querer algo para vestir que não cheirasse como fumaça e tivesse um pouco mais de... cobertura.

Lembrei-me do shortinho que eu estava usando quando ele me puxou para fora da casa e corei. Dividi meu olhar entre o saco e o homem que o trouxe. Ele nunca deve fazer a barba. Ou isso, ou ele era secretamente um lobisomem que crescia pêlos faciais na velocidade da luz.

—Você me trouxe roupas?

—É apenas uma calça jeans e uma camiseta. Eu não sei o tamanho que você usa, então eu tive que adivinhar.

Ele me trouxe roupas. Foi um pequeno gesto, mas provou que ele pensou em mim mesmo depois que ele deixou este quarto.

—Obrigada. — Eu sorri. —Eu realmente não estava ansiosa para colocar roupas com mau cheiro.

Ele sorriu. —As enfermeiras no corredor disseram que estava tudo pronto para você ir.

Eu empurrei as cobertas e balancei as pernas sobre a cama. —Sim, o médico me liberou para sair. Eu só vou me vestir e então podemos ir.

Sua mão quente enrolou no meu braço e saí da cama. —Sentindo-se bem? —O tom profundo de sua voz fez uma pequena corrida de arrepios sobre minhas terminações nervosas.

Eu pude apenas acenar, não confiando em minha voz quando ele estava tão perto de mim. Felizmente, ele soltou meu braço e colocou a mão no saco para retirar uma calça jeans, uma camiseta branca e um par de chinelos.

—Como eu disse, é algo bastante básico.

—É perfeito. —Eu respondi, olhando para os materiais de aparência suave. Eu não sei por que, mas a emoção obstruíu minha garganta. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que alguém tinha feito algo para mim. Eu não tinha recebido um presente em anos. E mesmo que as roupas fossem uma necessidade e não realmente um presente, eu duvidava que ele um dia soubesse o quanto isso significava para mim.

Limpei a garganta e olhei para ele. —Eu só vou me vestir e o encontro no corredor.

Ele assentiu. —Eu vou pedir a enfermeira para deixar sua carruagem pronta.

—Minha carruagem?

Ele deu de ombros timidamente. —Eu pensei que soava melhor do que cadeira de rodas.

Eu sorri. —Totalmente melhor.

Vestir-me provou ser mais difícil do que eu imaginava. Meu corpo estava duro e dolorido. Meus músculos gemeram com cada movimento que eu fazia, e a contusão no meu ombro gritava para mim que não estava curada o suficiente para levantar os braços e colocar uma camiseta.

Joguei no chão o algodão branco e peguei o jeans. Apoiando-me contra a cama, eu muito lentamente enfiei meus pés dentro da calça. Toda vez que o material áspero roçava a pele sensível das minhas mãos, eu estremecia, mas eu continuei. Eu não estava prestes a embarcar em minha carruagem com meu bumbum ao vento.

Eu devo ter levado muito mais tempo do que eu pensava, porque Holt voltou pela porta alguns minutos depois. Ele parou quando me viu ainda não vestida e de pé ao lado da cama.

—Parece que estou tendo alguns problemas. —Eu admiti.

Ele entrou na sala, com as botas movendo silenciosamente sobre o piso de ladrilho frio. —Eu deveria ter conseguido algo mais fácil de colocar. Eu não pensei sobre o uso de suas mãos sendo tão limitado.

Eu bufei. —Você está de brincadeira? Você não precisava nem estar aqui agora. Isso não é sua culpa.

Ele ajoelhou-se na minha frente, gentilmente afastando meus braços e segurando as calças de brim pela cintura. Ele moveu-se lentamente, avançando o jeans pelas minhas pernas. Quando atingiu minhas coxas, eu me levantei, e seu rosto levantou lentamente até que encontrou o meu. Meu corpo estremeceu um pouco quando seus dedos roçaram a parte sedosa e suave da minha coxa.

—Desculpe. —Ele murmurou, sua voz um sussurro áspero enquanto ele continuava a puxar o tecido em volta da minha cintura. O jeans era baixo, o cós roçando meus quadris e mergulhando abaixo do meu umbigo.

Seus dedos ágeis deslizaram ao longo da borda superior, roçando o tecido e meu estômago plano (que estava pulando de excitação), até que ele parou no centro, apenas polegadas acima do lugar mais feminino do meu corpo, e gentilmente prendeu o botão. O pomo de Adão balançou em sua garganta, e seus olhos pareciam estar com as pálpebras pesadas quando ele estendeu a mão para o zíper e, lentamente, dolorosamente, deslizou-o para cima.

Meus joelhos, na verdade, começaram a tremer.

Que diabos havia de errado comigo? Eu nem sequer agi assim quando eu descobri que os meninos existiam, e realmente não tinham piolhos como eu pensava. Eu nem sequer agi assim quando o cara mais popular da escola sorriu para mim do outro lado do corredor, e piscou antes de se virar para sair com seus amigos.

Claro, eu não tinha quinze anos agora. E o homem de pé diante de mim, o homem com seu toque persistente no meu estômago, não era um menino. Ele era todo homem. Um ser vivo, com pacote total de tirar o fôlego.

Quando seu dedo indicador arrastou para o meu umbigo, eu pulei e recuei. Eu estava tão perto da cama que minhas pernas dobraram e acabei caindo sobre o colchão. Meu ombro gritou em protesto, e eu mordi meu lábio para não gritar.

—Eu-uh... —Disse ele, tropeçando em suas palavras, suas bochechas ficando ligeiramente rosadas.

Eu me apoiei sobre um cotovelo. —Sente muito por me apalpar? —Eu terminei por ele.

Ele sorriu. —Eu não estava apalpando você. Quando eu apalpá-la, você saberá.

*Quando ele me apalpar...*

Eu não sabia o que fazer com essa declaração, então eu levantei meu pé. —Eu preciso dos meus sapatos.

Ele pegou da sacola um par de chinelos. No centro das correias estava um aglomerado de pedras brilhantes. Era lindo, e ele deslizou-os em meus pés.

Ele pegou minha camisa e olhou para mim.

Eu não estava usando sutiã.

Depois da minha reação a ele puxar as calças para cima debaixo do meu vestido de hospital, eu tinha certeza que se eu tirasse este vestido aqui, eu me envergonharia. Além disso, eu não o conhecia. Eu não estava prestes a dar uma de *Girls Gone Wild*[1] e me mostrar a ele.

—Eu vou apenas ficar com isso.

[1] **Girls Gone Wild** é uma franquia de entretenimento pornográfico criado por Joe Francis , em 1997.

Ele franziu a testa. —Você está com tanta dor?

Eu balancei minha cabeça. —Eu estou apenas dolorida de ficar deitada nesta cama por tanto tempo. E meu ombro está um pouco machucado de quando caí.

—Você caiu?

Eu balancei a cabeça. —Na cadeira. Eu estava tentando ficar de pé e caí.

Seus olhos escureceram como a cor das nuvens da tempestade. —Eu gostaria de ter chegado lá mais cedo.

Algo dentro de mim se suavizou com o arrependimento em seu tom. —Eu acho que o seu timing foi perfeito. — Levantei-me e dei-lhe um empurrão brincalhão para trás. —Mas eu poderia ter saído de lá sem que fosse jogada na piscina.

—Você afundou muito rápido.

—Ha-ha. — Juntei meus artigos, que consistia em meu pijama em ruínas e a camisa que ele me trouxe, empurrei tudo no saco que ele trouxe, e então fomos até a porta. Tentei ignorar a mão nas minhas costas e a forma como o vestido de grandes dimensões levantava ao vento.

Ele fez um som na parte de trás de sua garganta e eu me virei, olhando por cima do meu ombro para ele. —O que?

Ele estava tirando a camisa de botão cor de ardósia que ele estava usando por cima da camiseta azul-marinho com as letras WFD (Wilmington Fire Department) na frente. —Você não pode usar isso.

—Estou coberta. —Eu protestei.

—Mal. — Ele murmurou e chegou mais perto, segurando a camisa aberta como se fosse um casaco e estivéssemos em algum evento à fantasia, onde o senhor sempre ajudava as senhoras com o seu traje de noite.

Ele segurou-a baixo o suficiente para que eu fosse capaz de apenas deslizar ambos os meus braços para dentro, administrando com sucesso para não bater meus pulsos enfaixados, e então ele colocou-a em torno de mim, suas mãos não me tocando nenhuma vez.

Agradecidamente.

Ok, eu estava um pouco decepcionada. Parecia que meu corpo gostava de seu toque. Na verdade, meu corpo praticamente cantarolava sempre que ele estava por perto. Era muito estranho.

Ele teve um pouco de trabalho com os botões, fechando a camisa em torno de mim em tempo recorde (fazendo-me pensar que ele propositadamente demorou naquele botão no meu jeans), e depois recuou para admirar o seu trabalho.

A camisa alcançava meus joelhos.

Ele sorriu. —Você é pequena.

Eu dei língua para ele. —Você é enorme.

Ele piscou.

Calor inundou meu rosto, porque de repente o comentário sobre o tamanho dele assumiu um novo significado.

Felizmente, a enfermeira abriu a porta e me colocou na cadeira de rodas. Eu afundei-me no assento, e posicionei todos os meus pertences no meu colo, tomando um momento para lamentar o fato de que tudo que eu tinha caberia em um único saco de compras.

Na entrada do hospital, Holt desapareceu por alguns minutos para retornar em um caminhão que eu tinha certeza de que precisaria de uma escada para entrar.

Era enorme. Ele também era vermelho-cereja sem um grão de terra sobre ele. As calotas sobre os pneus gigantes eram cromadas, e eu realmente peguei

meu reflexo no pneu dianteiro. O lado do caminhão dizia HEMI e pelo som disso, ele tinha dois silenciadores na parte traseira.

Quando ele veio ao redor do capô, ele riu de mim e da enfermeira.

—Vocês deveriam ver seus rostos.

—Você quer que eu entre nisso? —Perguntei em dúvida.

A enfermeira se inclinou sobre a parte de trás da minha cadeira e sussurrou em meu ouvido. —Vá em frente, querida. —Eu olhei por cima do ombro para ela, mas ela estava olhando para Holt.

Eu me perguntei se ela estava me dizendo para ir para um passeio no caminhão... ou com o homem que o conduzia.

Holt estendeu a mão e me deu um olhar que me desafiava a não me levantar. É claro que eu tinha que assumir o desafio. Eu poderia estar sendo liberada do hospital, mas eu não era covarde. Eu sobrevivi a ser amarrada em um incêndio e jogada em uma piscina.

Holt espalmou as mãos em volta da minha cintura, mais uma vez, murmurando sobre a minha pequena estatura, e me levantou na cabine do caminhão como se eu pesasse nada mais do que um saco de Skittles.

Mmm. Skittles soava bem.

—Deixe-me ajudá-la com isso. —Disse ele, puxando o cinto de segurança em volta de mim e encaixando-o no lugar sobre meu colo. Em seguida, ele ajustou-o em meu peito antes de se afastar para olhar para o meu rosto.

—Está pronta?

Era uma pergunta simples.

No entanto, o peso por trás dela pareceu-me fazer recuperar o fôlego e me deixar cautelosa. Eu não sei que tipo de emoção passou pelo meu rosto, mas

ele riu e fechou a porta para entrar no assento do motorista. Quando ele se afastou do meio-fio, eu falei.

—Você pode apenas me levar para um motel que fica perto da biblioteca.

O caminhão parou com um solavanco e eu fui para frente. Holt estendeu a mão casualmente e espalmou a mão sobre meu peito, me impedindo de ir para mais longe. Então ele afastou a mão e olhou para mim.

—Motel?

Meus olhos arregalaram com a dureza de seu tom. —Eu aprecio que você disse ao médico que olharia por mim, mas você realmente não achou que eu ficaria com você, não é?

—Eu dei ao médico a minha palavra.

Eu fiquei boquiaberta. Ele estava falando sério? Ele não poderia me querer em sua casa mais do que eu queria estar lá. —Eu não vou dizer-lhe que me levou para um motel.

—Eu não vou te levar para um motel. —Ele rosnou.

—Sim. Você vai.

Ele ignorou completamente o fato de que ele estava parado no centro da estrada e cruzou os braços sobre o peito e me olhou com as sobrancelhas levantadas. —Como você planeja pagar pelo quarto?

—Eu tenho uma conta bancária. —Eu falei, mas então eu percebi que os meus cartões bancários, talão de cheques, e carteira de motorista queimaram no fogo. —Oh.

Ele sorriu.

—Meu carro foi danificado?

—Acho que não.

Eu soltei um suspiro. —Eu tenho minha ID da biblioteca para o trabalho no meu porta-luvas. Posso usar isso no banco. —Graças a Deus eu a mantinha lá. Eu também mantinha uma nota de vinte com ela, porque uma vez eu deixei a minha carteira em casa e passei fome o dia inteiro, porque eu não tinha dinheiro para comprar o almoço.

—É depois das cinco. —Disse ele, apontando para o relógio no painel.

—Os bancos estão fechados.

Coloquei minha cabeça contra o assento. Ela estava começando a doer.

—Veja. Sem ofensa. Eu sou grata a você por salvar minha vida. Por me verificar no hospital e por me trazer esses chinelos realmente bonitos, mas eu não te conheço. Eu não posso simplesmente ir para sua casa.

—Você está com medo de mim. — Ele disse isso como se as palavras tivessem deixado um gosto ruim na boca.

—Não. —Eu protestei. Eu realmente não estava. Ele me fez sentir... segura. Mas esse era o problema. Eu não estava segura. Alguém tentou me matar. Eu não podia simplesmente ir para casa com um estranho, porque eu não queria ficar sozinha.

—Alguém tentou matá-la.

—Eu sei. — Eu levantei meu pulso.

—Eu não vou te levar para um motel.

—Não é a sua decisão.

—Eu sou o único dirigindo.

—Você é estúpido! — Eu gritei.

Ele riu. Uma risada real que começou em sua barriga e explodiu de seu peito. Eu ri. Eu acabei de chamá-lo de estúpido como se eu tivesse doze anos.

Um carro parou atrás do caminhão e buzinou alto, em seguida, nos ultrapassou. O motorista levantou um dedo muito hostil para fora da janela e saiu descontroladamente.

—Bem, eu acho que ele me disse isso. —Disse Holt e mostrou os dentes.

Eu ri um pouco mais.

Ele acelerou o caminhão e se afastou. Seu rosto ficou sério. —Você realmente não tem ninguém?

Suspirei. —Eu posso cuidar de mim mesma.

—Como é que alguém como você acabou sozinha?

Suas palavras causaram uma sensação de vazio dentro de mim. É o tipo de sentimento como se um balão gigante de ar continuasse em expansão, até que não sobrasse nada, além da pressão de vazio dentro de mim. —É uma longa história.

—Eu tenho tempo.

—Estou cansada. —Eu disse. Eu me inclinei mais no assento e olhei para fora da janela, para os edifícios passando. O sol estava baixo no céu, e eu sabia que em apenas algumas horas, a escuridão cobriria a cidade, cobrindo todos os vestígios de luz solar. Eu não tinha certeza se estava pronta para a escuridão.

A última vez em que eu fui dormir no escuro, acordei amarrada a uma cadeira no meio de um fogo furioso.

—Veja. Deixe-me levá-la para a minha casa esta noite. Na parte da manhã, eu posso levá-la ao banco e para esse motel que você quer. É apenas uma noite.

Senti-me começando a sucumbir às suas palavras. Eu sabia que dormiria melhor se ele estivesse por perto. Eu tentei não pensar muito sobre isso, porque eu não gostava disso. Eu realmente estava cansada. Meu corpo estava dolorido, e tudo o que eu realmente queria, era tomar alguns analgésicos, e enrolar-me debaixo de um cobertor. Um macio.

—Bem. Eu vou ficar.

Ele sorriu como um gato que comeu um canário.

—Mas se você tentar me matar no meu sono, eu vou voltar como um fantasma e tornar sua vida um inferno.

Ele fez essa coisa de frear imediatamente novamente, usando o braço para me impedir de voar para frente. Deixei escapar um suspiro exasperado.

—Você é um motorista terrível.

—Katie, olhe para mim.

O comando em sua voz era inegável.

Eu olhei para cima.

Ele me olhou com os olhos sombrios. —Juro que eu não vou te machucar.

No fundo eu sabia disso. Era quase como um instinto. Como quando você conhece alguém e imediatamente você sabe que é um mentiroso. Ou que de imediato lhe dá arrepios. Bem, com Holt, no minuto em que o vi, eu sabia. Eu sabia que ele era um bom rapaz. Meu subconsciente o chamou de um super-herói. Ele não era um mentiroso ou um assassino – eu sentiria se ele fosse. Não sentiria?

*Você não sabia que alguém estava tentando matá-la*, uma voz maligna no fundo da minha cabeça sussurrou.

Eu disse a ela para calar a boca.

Voltei a olhar para ele novamente. Ele estava esfregando seu queixo com a mão, olhando-me de uma forma que mostrava a dúvida em seus olhos. Ele estava nervoso. Era bonito de ver.

—Se você pisar no freio mais uma vez, eu vou insistir em dirigir.

Um lento sorriso espalhou pelo seu rosto. —Nenhuma mulher está autorizada a conduzir este caminhão.

Eu levantei uma sobrancelha. —É mesmo?

—Com certeza.

E assim, eu fui para casa com um estranho bombeiro quente.

# Capítulo 5

Eu não percebi a enormidade de ir para casa com ele, até que ele parou na calçada de concreto ao lado de sua casa térrea. Era um lugar com um bonito alpendre que clamava por cadeiras de balanço, e estendia por todo o comprimento da frente da casa. Era uma casa construída mais recentemente, com uma cerca na cor azul-cinzenta, e janelas com molduras em madeira em um tom de marrom escuro.

A porta da frente era branca, e eu sabia que se fosse minha casa, a primeira coisa que eu teria feito, era pintá-la para coincidir com as janelas.

Mas esta não era a minha casa.

Minha casa pequena e bonita não existia mais.

—Tudo bem? —Perguntou Holt, virando o rosto para mim quando eu não fiz nenhum movimento para sair do caminhão.

—Eu gosto da sua casa.

—Obrigado. Eu não moro aqui há muito tempo. O interior é bastante vazio.

—Como uma ardósia limpa. —Murmurei sem pensar.

—Mais como um apartamento de solteiro.

Olhei para ele, sentindo meus lábios puxarem em um meio sorriso.

Ele não disse mais nada, mas saiu de seu caminhão monstruoso. Abri a porta e olhei para o chão, hesitante, pensando sobre o quão longe eu realmente estava.

—Vamos descer? —Disse Holt em um tom distinto. Ele estendeu a mão e eu não hesitei em colocar a minha nela.

Sua mão apenas segurou a minha, tão suave que era como se ele não estivesse me segurando realmente, e sua pele estava fria contra a minha pele queimada pelo calor. Em seguida, ele estava segurando-me pela cintura, me abaixando, e me colocando suavemente sobre o pavimento.

Ele não recuou, mas em vez disso ficou no meu espaço pessoal, invadindo-o totalmente. Ele inclinou-se para frente, fazendo-me inclinar para trás, enquanto ele estendia a mão e recolhia a minha triste bolsa de pertences.

Em seguida, ele endireitou-se, e espalmou a borda da porta e sorriu, ainda não movendo-se para trás.

Eu me abaixei para passar por ele, roçando contra o seu lado enquanto eu me movia. O breve contato enviou um pequeno chiado de desejo em mim.

*Recomponha-se, Katie*! Eu disse-me, desgostosa com o meu próprio comportamento.

Eu ouvi uma risada suave por trás, e resisti à vontade de virar e sorrir para ele. Será que ele sabia o efeito que ele tinha sobre mim?

—Vamos Katie-cat[2], vamos entrar. Está quente aqui fora.

—Não me chame de Katie-cat.

—Por que não? —Ele disse, olhando por cima do ombro enquanto destrancava a porta da frente.

—Porque eu não tenho doze anos.

—Graças a Deus por isso. —Ele murmurou enquanto a porta abria e uma explosão de ar frio acenava-me para entrar. Os verões no sul eram brutais, e hoje era um dia muito quente.

[2] Cat - Gato

—Eu amo ar condicionado. —Eu disse enquanto o seguia para dentro da casa. Fingi não ouvir a sua última observação. Eu não queria pensar muito sobre o que significava de qualquer maneira.

—Todo mundo no sul ama ar condicionado. — Disse ele, empurrando a porta atrás de mim.

Sua casa era bonita. Era uma casa de rancho simples e histórica, com um layout aberto. Estávamos de pé na porta da frente, que dava para uma grande sala de estar. As paredes eram brancas e os pisos eram feitos de madeira escura. Havia películas cobrindo as janelas, mas não cortinas. Os tons eram brancos, por isso permitia que a luz entrasse sem perturbar a privacidade. A única peça de mobiliário na sala de estar era um grande sofá cinza e uma grande tela montada na parede.

Da minha posição, eu podia ver diretamente a cozinha, que era separada da sala por uma grande ilha com um par de banquetas deslizadas embaixo. Por trás da ilha, eu podia ver utensílios de aço inoxidável e armários de madeira escura. Havia um espaço ao lado da cozinha para uma mesa de jantar, mas não havia uma lá.

À nossa direita estava um corredor que eu assumi que levava ao banheiro e quartos.

—Há quanto tempo você mora aqui? —Perguntei.

—Cerca de seis meses.

Fiz um ruído na parte de trás da minha garganta, um ruído que irritou a área já sensível. —Você vive aqui a seis meses e só conseguiu obter um sofá e uma televisão?

Ele sorriu. —Eu tenho uma cama também.

Revirei os olhos.

Ele moveu-se pela casa, jogando as chaves do carro e telefone celular na ilha, e abriu a geladeira para tirar uma garrafa de água. Ele tirou a tampa e levou-a para mim, estendendo-a.

—Como está sua garganta?

—Está bem, obrigada. —Eu disse, aceitando a bebida oferecida e bebi.

—Você vai ficar na porta a noite toda? —Ele perguntou, passando por mim e se jogando no sofá.

Ele ocupou a metade.

Estar aqui, de repente, parecia uma má ideia. Eu acho que eu não tinha pensado sobre como seria estar realmente sozinha com ele. No hospital, alguém estava sempre no corredor. As enfermeiras estavam sempre entrando e saindo, mas aqui... Aqui havia apenas ele e eu.

Ele olhou por cima do encosto do sofá, com os olhos brilhantes espetando-me na luz fraca da sala. —Você está com fome?

Meu estômago roncou. Eu balancei a cabeça.

—Pizza?

Eu balancei a cabeça novamente. —Vegetariana?

Ele fez uma careta. —Por favor, me diga que você não come nada, além de alface.

Eu sorri, e os músculos tensos nas costas relaxaram. —Não, mas eu gosto de pizza vegetariana.

—Salsicha também?

Concordei, embora a salsicha não fosse a minha favorita.

—Vegetariana então! — Ele devia ter a loja de pizza na discagem rápida, porque ele tinha a pizza ordenada em cinco segundos.

Eu decidi me afastar da porta e me movi mais para dentro da sala, retirando meus chinelos e deixando-os ao lado da porta.

—Então, *Freckles*[3]. —Ele disse quando me sentei.

—*Freckles*? —Interrompi.

—Você disse que eu não poderia chama-la de Katie-cat.

Estremeci. —Eu tenho um nome, você sabe.

—Eu não quero chamá-la como todo mundo te chama.

—Você não quer?

—Não.

—Por quê? —Perguntei, desconfiada.

—Porque eu sou especial.

—Lá vai aquele ego seu novamente. — Eu estendi meus braços. —Grande.

—Eu e minha boca.

Poucos minutos depois, a pizza chegou e eu estava um pouco chocada com o quão rápido isso aconteceu. Mas quando Holt abriu a porta e cumprimentou o cara da entrega pelo nome, eu entendi. Ele deve comer um monte de pizza.

Quando a caixa foi aberta na nossa frente, o volume da TV abaixado, e guardanapos espalhados no sofá entre nós, ele empurrou metade de uma fatia na boca e, em seguida, olhou para mim. —Então, *Freckles*, quem está tentando te matar?

Engasguei um pouco com a mordida enquanto engolia, um pouco chocada com sua franqueza. —Ninguém.

[3] Costuma ser um nome para gatos.

Ele me olhou com descrença.

—Eu acho que foi apenas uma coisa aleatória. Um assalto que deu errado. A polícia parece concordar.

—Você acha que, alguém amarrar você a uma cadeira e jogar gasolina na sua casa toda, foi uma coisa aleatória?

Pousei a pizza, não mais com fome. —Sim, eu acho. Eu não sei quem tentaria me matar.

Ele me olhou por um longo momento. —Ninguém?

—Você diz isso como se eu fosse uma criminosa com um grupo de amigos mafiosos.

Ele riu. —Não há máfia em Wilmington.

Inclinei-me. —Você tem certeza disso? — Eu brinquei.

Seus olhos arregalaram-se um pouco e eu sorri.

—Engraçado. —Disse ele, e empurrou o resto da pizza em sua boca.

—Posso usar o banheiro?

—Sinta-se em casa. —Ele disse e, em seguida, apontou para a direita da sala.

Eu me tranquei no banheiro e me estudei no espelho. Era apenas como eu pensava. Eu parecia uma porcaria. Bem, exceto pelo meu cabelo, graças à enfermeira. Ele realmente parecia bom, caindo em ondas sobre meus ombros e no meu peito. Na verdade, estava bastante simples também, os fios grossos cor de canela tendo apenas uma pequena ondulação, provavelmente do tempo que passei na cama do hospital. Minha pele estava mais pálida do que o habitual, tornando as sardas praticamente laranjas que se espalhavam por minhas bochechas e nariz. Meus olhos estavam mais azuis, mas eles não eram como o azul gelado de Holt. Eles eram mais acinzentados, como um céu tempestuoso, e

eram alinhados com sobrancelhas vermelhas. Meus lábios eram cheios e cor de pêssego, e eu normalmente usava brilho para dar-lhes mais volume.

Olhei para a camisa de Holt abotoada sobre a minha camisola de hospital e sorri com tristeza. Eu estava ridícula. Cuidadosamente, eu tirei a camisa e desamarrei o vestido do meu pescoço. Era tão grande que caiu em torno dos meus pés descalços em uma poça. Eu me cobri de volta com a camisa de Holt, contente pela primeira vez que meus seios não eram grandes, porque eu não tinha um sutiã para segurá-los. Eu não pude deixar de notar o quão confortável o tecido desgastado de sua camisa era contra a minha pele, e como ela carregava o cheiro dele, o que me fez respirar um pouco mais profundamente.

Enfiei o vestido no lixo, na esperança de que eu nunca tivesse que usar um como ele novamente, e então fiz minhas necessidades e saí do banheiro. No momento em que eu estava de volta no sofá, me senti cansada e minhas lesões estavam doendo.

—Tudo saiu bem? — Holt disse quando me sentei.

—Você seriamente acabou de me perguntar isso? — Eu não pude deixar de rir.

—Você demorou um longo tempo.

—Minhas mãos estão queimadas e assim estão os meus pulsos!

Isso pareceu limpar o humor de seu rosto. Eu não tinha a intenção de fazer isso. —Quer que eu a ajude com as ataduras?

—Não, a enfermeira fez isso antes de você chegar.

—Você mal comeu. —Ele observou.

Eu peguei a pizza e dei uma mordida, não porque quisesse, mas porque ele claramente queria que eu comesse. Parei na mastigação. Desde quando eu fazia coisas porque alguém queria que eu fizesse também? Uh, não.

Eu coloquei a pizza no prato novamente e deslizei para as almofadas do sofá, inclinando a cabeça para trás e tentando ficar confortável. Eu senti saudades de casa. Eu senti falta do meu sofá, meu cobertor favorito, e minha casa. Eu sabia que isso era apenas temporário, que eu teria meu próprio lugar novamente, mas eu odiava esse negócio de temporário.

Temporário era apenas uma palavra, uma forma de estar que realmente só significava que nada era meu. Era como se eu estivesse usando algo que não me pertencia.

Eu estava cansada disso.

Eu queria algo permanente.

Algum filme de ação estava passando na tela, então voltei minha atenção para isso, tentando me distrair. Eu só estava cansada. Cansada e chateada. Uma combinação que sempre me fez sentir um pouco ranzinza e, esta noite, um pouco triste.

Amanhã eu me sentiria melhor.

Holt bufou para algo na TV, e eu virei minha cabeça para olhar para ele. Ele tinha ombros largos, mandíbula forte, e bíceps duro. A barba em seu rosto era suave, abafando um pouco da dureza que ele projetava. Sua presença era reconfortante e, de alguma forma, isso me fez sentir como se tudo fosse ficar bem.

A visão borrada dele percorrendo o fogo para me resgatar surgiu na minha cabeça, e eu tentei ver mais dele, mas uma memória era apenas isso: uma memória. Eu não podia realmente ver mais detalhes daquele momento, mesmo se eu quisesse. Se eu fosse capaz, eu duvido que notaria a boa aparência do bombeiro em seu uniforme. Se qualquer coisa, eu notaria somente a forma como as chamas devoravam minha casa.

Fechei os olhos, desejando que eu parasse de pensar completamente. Tomei algumas respirações profundas e posicionei meus braços para que meus pulsos não ficassem esmagados debaixo do meu corpo. Não demorou muito para

cair no sono. De vez em quando, a TV quebrava meu sono, mas eu achei o som reconfortante. Fez-me sentir menos sozinha.

Eu não sei que horas era quando senti que estava sendo movida. Um alarme me atingiu, e meus instintos pensaram que alguém estava de alguma forma aproveitando de mim no meu sono. Eu acordei, balançando meus braços enquanto meu corpo ficava rígido.

—Está tudo bem. Você está segura. —A voz de Holt era um ronco suave ao lado da minha orelha.

Eu pisquei, olhando para cima. Eu estava em seus braços. Ele estava embalando-me contra ele e minha bochecha roçava seu peito. —O que você está fazendo? —Eu murmurei, com meus olhos fechando novamente.

—Você vai estar mais confortável em uma cama.

Ele me carregou como se eu não pesasse nada, e seu corpo exalava um delicioso calor que minha pele aproveitou ao máximo, como uma flor em um dia ensolarado. Em seguida, ele me colocou em uma cama com lençóis macios, e puxou um cobertor em torno dos meus ombros.

Eu podia jurar que senti o toque de seus lábios em meu cabelo, mas poderia ter sido um sonho, porque logo depois dessa breve sensação de contato, um sono profundo me reivindicou completamente.

# Capítulo 6

Algo estava queimando. Eu acordei no centro de uma cama muito grande. Nos primeiros momentos, eu me sentei lá desorientada, tentando me lembrar de onde eu estava.

Lembrei-me do fogo. Do hospital. Lembrei-me de ser levada para a cama por Holt.

Algo estava em chamas.

Mais uma vez.

Agindo rapidamente, eu joguei as cobertas e saltei da cama, mal percebendo o quão frio o piso de madeira parecia contra os meus pés. Procurei por sinais de fogo enquanto eu corria pelo corredor, me abaixando um pouco mais em caso de aumento da fumaça.

Um sinal sonoro agudo alto agredia a manhã tranquila, e tocava com um entusiasmo que só poderia ser produzido por uma boa bateria.

—Holt! — Eu gritei, minha voz esforçando para alcançar o volume que eu queria. —Fogo! Saia da casa.

Meu coração estava batendo tão rápido que eu pensei que poderia entrar em colapso em meu peito. Meus joelhos começaram a tremer com a adrenalina, enquanto eu cruzava a sala e corria em direção à porta da frente.

Eu tinha que sair.

Eu não queria me queimar.

—Holt! — Eu gritei novamente, abrindo a porta, preparando-me para sair correndo para o quintal.

Algo me pegou pela cintura e me puxou de volta para a casa. Meus pés foram levantados do chão, mas eles continuaram a fazer um movimento de correr, chutando tudo o que estava me segurando.

—Não, por favor! — Eu gritei, tentando me livrar do aperto.

—Katie! —Disse Holt, com sua voz contra a minha orelha. —Sou eu. Não há fogo.

Eu parei de lutar, ficando mole em seus braços. Ele alcançou a porta, fechou-a e nós voltamos para a cozinha.

—Eu estava tentando fazer o café da manhã.

Levou um momento para as suas palavras e seu significado afundarem em mim. Olhei aturdida para o outro lado da sala e além da ilha. Havia muita fumaça acima do fogão e a janela acima da pia estava aberta.

Tigelas e colheres enchiam a ilha, e havia uma caixa de ovos aberta.

Ele estava tentando cozinhar.

Ele era muito ruim nisso.

Eu comecei a rir.

O tipo de risada que sacudia meus ombros e saía histericamente. Meus batimentos cardíacos ainda estavam fora de controle, e eu recolhi algumas respirações entre risos para tentar acalmá-los.

Ele disse alguma coisa, mas eu não podia ouvi-lo, porque o alarme de incêndio ainda estava tocando. Eu não tinha dúvida de que metade da vizinhança estava agora acordada com o som. Ele não se preocupou em me colocar para baixo, mas me puxou junto com ele, onde ele finalmente me abaixou, arrastou uma cadeira perto do alarme, e subiu para remover a bateria.

O ruído parou e a cozinha ficou em silêncio.

—Bem, merda. —Disse ele, olhando para a bateria em sua mão.

Um riso escapou de mim. —Será que isso sempre acontece quando você cozinha?

Ele encolheu os ombros. —A única vez em que cozinho é quando é a minha vez na estação. — Sua testa enrugou e um olhar pensativo surgiu em seu rosto. —Os caras nunca estão ao redor quando é a minha noite para cozinhar. Agora eu sei por quê. —Ele agarrou uma toalha do balcão e começou a acenar para tirar o resto da fumaça persistente.

Eu apertei o botão do ventilador acima do fogão. Havia uma panela com metade de uma espátula derretida, algo que podia ou não ter sido uma vez ovos, e uma panela com muffin, meio cru meio queimado (Como isso era possível?).

—Bem, isso parece... — Minhas palavras vacilaram, tentando chegar a algo positivo para dizer.

—Completamente intragável? —Completou.

Eu sorri. —Você fez tudo isso para mim?

—Imaginei que após uma semana de comida de hospital, você pudesse gostar de algo bom. Aparentemente, você não vai encontrar isso aqui.

Eu tinha o desejo de abraçá-lo. Eu mantive meus pés plantados onde eles estavam. —Obrigada. Ninguém nunca arruinou uma panela por mim antes.

Ele sorriu. —Eu tenho cereal. Talvez eu não possa estragar tudo.

Eu vi quando ele puxou para baixo uma tigela e me serviu um pouco, adicionando leite. Ele parecia tão bonito quando me entregou a tigela que eu levantei a colher e levei à boca.

—Melhor cereal que já tive.

—Com certeza.

Eu levei a tigela até o balcão e me sentei. —Depois de comer, você se importaria de me levar para o meu carro? Espero que ele ainda esteja dirigível.

—E as chaves?

—Eu tenho uma caixa de depósito de segurança no banco. Eu mantenho a minha reserva lá em caso de eu precisar dela.

—Muito esperta.

—Eu tenho algumas boas ideias de vez em quando.

—Ao contrário do que parece, eu também.

—Obrigada por tentar me fazer café da manhã. E pelo cereal.

Ele foi até o fogão e pegou a panela arruinada. —Você morreu com honra.

—Disse ele, dando-lhe uma saudação simulada. E então ele jogou a coisa toda na lixeira.

Eu ri. —Você poderia ter lavado, você sabe.

Ele fez uma careta. —Não. Eu poderia ser tentado a usá-la novamente.

—Eu deveria mudar meus curativos e... Uh... — Olhei para a sua camisa.

—Minhas roupas.

Notei seu olhar sobre minhas pernas antes que ele falasse. —Eu vou te ajudar com isso.

Por um minuto eu pensei que ele estava falando sobre minha calça, e a lembrança da última vez em que ele me “ajudou” com ela me atingiu. Calor impregnou meu sistema quando o meu corpo lembrou-se de como se sentiu com seu toque, e como as pontas dos dedos permaneceram na minha pele.

Ele limpou a garganta e minha atenção voltou ao presente, e eu percebi que ele não estava falando sobre minha calça. Ele estava falando sobre as ataduras.

Era oficial.

E estava me transformando em uma pervertida.

Eu peguei meu saco de pertences na sala de estar, tirei alguns dos suprimentos médicos que a enfermeira do hospital me deu, e os espalhei na ilha da cozinha. Então me sentei em um banquinho e comecei a desembrulhar um dos meus pulsos.

—Aqui, deixe-me. — Sua voz era gentil enquanto ele segurava as minhas mãos, e levava meu pulso para perto dele. Ele trabalhou em silêncio, desembrulhando completamente a ferida e, em seguida, olhando para ela com uma expressão sombria. —Como está a dor?

—Administrável. —Eu disse, oferecendo-lhe um sorriso.

—Eu deveria ter chegado lá mais cedo. —Disse para si mesmo.

Era culpa que ouvi na sua voz? Eu estiquei a minha mão livre e cobri seu braço. —Holt, eu estou viva por sua causa.

—Mas você ainda se machucou.

—Teria sido muito pior. —Murmurei, pensando naquela noite. —Eu pensei que você fosse apenas uma alucinação. —Eu disse e ele olhou para cima, ouvindo minhas palavras. —Eu estava tentando desesperadamente ficar de pé e correr em direção à parte de trás da minha casa, mas meus tornozelos estavam cruzados, o que tornou difícil. Quando consegui, eu caí.

Ele não disse nada, mas me fez virar o braço para cima e deslizou de modo que seus dedos pudessem segurar os meus.

—Eu nunca tive tanto medo em toda a minha vida. O calor, era tão intenso, sabe? —Ele balançou a cabeça e eu continuei. —Estava ficando muito difícil para respirar, e eu podia sentir a minha consciência se esvaindo. E então lá estava você. Percorrendo as chamas como uma espécie de super-herói.

—Talvez eu devesse ter uma capa. —Brincou.

Eu ri levemente. —Talvez. Nós tivemos sorte que o fogo não se espalhou para a porta de trás.

—Você sabe que eu realmente não andei através das chamas. Não devemos fazer isso.

Inclinei a cabeça para o lado. —Com certeza parecia isso de longe, de onde eu estava sentada.

Ele assentiu. —As chamas estavam perto. Mais perto do que gostaríamos que estivesse. Nós estávamos realmente desistindo para entrar pela parte de trás da casa. Mas eu sabia que se eu saísse, se eu fizesse o que eles disseram você teria morrido.

A enormidade do que ele fez me envolveu. Ele continuou indo em frente mesmo depois que foi dito que ele não deveria. Ele literalmente arriscou a própria vida por mim. Eu não me incomodaria dizendo-lhe que foi uma escolha imprudente, que ele não deveria ter feito isso. Porque eu estava feliz que ele o fez. E eu certamente não faria menos do que ele fez, dizendo que ele estava errado.

—Queria ficar em apuros?

Seu sorriso foi muito rápido. —Nah. O chefe me ama.

Aposto que sim. Eu não poderia imaginar que alguém não o amasse.

Ele voltou a trabalhar no meu pulso, aplicando os cremes que me foi dado e envolvendo a ferida como se ele estivesse lidando com um filhote de cachorro recém-nascido, ou algo igualmente precioso.

Doeu, mas a dor foi ofuscada por sua proximidade, pelo som até mesmo de sua respiração, e pela aparência de preocupação que esses incríveis olhos azuis me dispensavam.

—Respire. —Ele me lembrou, fazendo uma pausa em suas ministrações.

Eu não tinha percebido que eu estava segurando a minha respiração. Eu respirei e ele voltou a trabalhar. Ele provavelmente pensou que eu estivesse prendendo a respiração por causa da dor. Não era a dor. Era ele. Ele era diferente de qualquer homem que eu já tinha conhecido. Era um homem verdadeiramente forte para ser tão gentil. E ele era altruísta também, colocando minha vida à frente de sua própria naquela noite.

Claro, eu não estava a ponto de lhe dizer isso.

Ele me deu um pequeno sorriso, quase como se ele pudesse ler meus pensamentos, e em seguida levantou meu outro pulso e começou o processo todo novamente.

Olhei para o meu cereal, há muito esquecido e agora um verdadeiro mingal.

—Você pode fazer outra tigela depois que eu terminar. —Disse ele, as palavras retumbando em seu peito enquanto trabalhava.

—Eu posso simplesmente parar no caminho para o motel e comer alguma coisa.

Seus olhos brilharam para os meus. —Motel?

Eu balancei a cabeça. —Eu vou ficar em um até que eu seja capaz de conseguir outro lugar.

—Você pode ficar aqui.

—Eu não posso.

—Por que não?

Abri a boca para dar algum tipo de resposta quando ele perguntou.

—Você tem um namorado? — A raiva em seu tom era surpreendente.

—Não!

Ele ficou em silêncio de novo enquanto terminava a minha bandagem. Quando terminou, ele agarrou meu braço acima das queimaduras. —Katie, por favor, fique aqui.

Senti meu interior derreter. Eu desviei o olhar. Se eu não pudesse ver a persuasão em seus olhos, eu não seria tentada. Afinal, eu me sentia segura com ele, e depois de tudo o que aconteceu, sentir-me segura parecia realmente importante.

*Ele ainda é um estranho*. A voz sensata na minha cabeça me lembrou.

Pela primeira vez em toda a minha vida, eu encontrei-me não querendo ser sensata.

—Holt, eu...

Ele inclinou-se para frente, puxando a gola da minha camisa. —Eu gosto de ver você na minha camisa.

Eu gostava de usá-la. Era como estar envolta em seus braços o tempo todo.

Ele passou o polegar em toda a plenitude do meu lábio inferior, e suas irís dilataram um pouco com o contato. A partir daí, seu polegar arrastou sobre a minha mandíbula e meu pescoço, criando uma carga de eletricidade entre a nossa pele. Sua mão enrolou nas pontas do meu cabelo, e eu sabia que ele me beijaria.

E eu o deixaria.

Na verdade, eu meio que desejava que ele se apressasse.

Assim que seus lábios desceram sobre os meus, a campainha tocou. Eu me afastei como se tivesse sido pega fazendo alguma coisa proibida. Seus ombros caíram e ele suspirou. —Não vá a qualquer lugar. —Ele me disse, e então ele murmurou por todo o caminho até a porta sobre o mau momento.

Foi cativante.

Ele abriu a porta e eu juro que todo o calor na sala foi imediatamente sugado para fora para ser substituído por um vento ártico.

—Estou ocupado. —Disse Holt em um tom frio que eu nunca o ouvi falar antes e moveu-se para fechar a porta a quem estava lá fora.

—Ha-ha, muito engraçado. — Uma voz feminina veio do outro lado. —Nós dois sabemos que você não está ocupado. —Disse ela, passando por ele e entrando na casa.

É claro que ela era impressionante. Ela tinha cabelos muito loiros cortado de forma que caísse sobre o ombro, sem nenhuma grama de frizado à vista. Sua maquiagem foi aplicada sobre a pele impecável que parecia nunca ter visto o sol duro do sul. Ela era alta e esguia, com seus movimentos graciosos, e ela estava vestindo short branco curto e um pólo rosa forte com um par de sandálias de tiras.

Em comparação a ela, eu parecia um traste. Baixa, cheia de hematomas e bandagens.

Seu olhar pousou em mim instantaneamente. Eu fiquei de pé.

—Oi... — Eu comecei, mas ela estreitou os olhos.

—Quem diabos é você?

Oh, eu conhecia sua espécie. O tipo de garota que achava que era a abelha rainha de tudo. Mesmo sendo intimidada, você não poderia mostrar porque uma vez que alguém como ela cheirasse seu medo, tudo estaria acabado.

Eu levantei meu queixo. —Quem diabos é você? —Retruquei.

Holt sorriu e me deu uma piscada por cima do ombro. Então, em um tom de escárnio, ele disse: — Este não é um bom momento, Taylor.

Taylor estava ocupada dando uma olhada no meu traje, ou na falta dele. Seus olhos encontraram os meus e um brilho rancoroso estava neles. Ela passeou pelo tapete para ficar na minha frente, olhando para baixo empinando o nariz

para mim (eu não estava prestes a levantar a cabeça e olhar para ela), e ela ofereceu uma mão tão bem cuidada.

—Sou Taylor. A esposa de Holt.

Choque percorreu todo o meu corpo, e foi tudo que eu podia fazer para não deixar que a minha boca se abrisse. Olhei para Holt, que parecia ter engolido um saco inteiro de limões, e disse: — Você é casado?

Ele abriu a boca para responder quando minha atenção foi atraída para longe. —Vá colocar algumas roupas. Eu não gosto de vê-la vestida com a camisa do meu marido.

Oh. Meu. Deus.

Eu morreria de vergonha.

Eu corri para fora da sala, em direção ao quarto onde eu me apressei para encontrar meu jeans e camisa. Doeu colocar as roupas, mas eu quase não notei. Minha mente estava muito ocupada, nadando com os pensamentos.

Como pude ser tão estúpida? Que tipo de cara traz para casa outras mulheres e permite que elas durmam em suas roupas quando eles têm uma esposa? Eu ia deixá-lo me beijar!

Era exatamente por isso que nunca me preocupei em me aproximar das pessoas. Era exatamente por isso que eu preferia cuidar de mim mesma.

Uma vez que as minhas roupas estavam em mim, corri para a sala, nem mesmo dando atenção às vozes alteradas, agarrei meu saco plástico patético e, em seguida, corri para a varanda.

A porta nem sequer fechou atrás de mim antes de Holt me mandar parar.

Eu parei, mas só porque ele era a minha carona.

—Eu preciso do meu carro. —Eu disse a ele, sem preocupar em me virar.

Eu o senti atrás de mim. Sua proximidade fez o meu corpo formigar, e eu empurrei isso para longe, tentando ignorar o sentimento. Ele deu um passo em volta de mim, parando perto demais.

—Ela não é minha esposa. —Disse ele, sua voz apenas para meus ouvidos.

—Então ela é delirante?

—Não, ela é apenas uma cadela.

Isso fez minha cabeça levantar para vê-lo. Ele sorriu com tristeza e encolheu os ombros.

Eu não disse nada. Eu só esperava tudo aquilo que ele queria dizer para que pudéssemos ir.

Ele suspirou. —Ela é minha ex-esposa. Ênfase na ex.

—Você foi casado com isso? —Perguntei cética.

—Infelizmente. Nós éramos namorados no ensino médio. Ela acabou sendo mais que uma namorada.

Eu bufei.

—Há quanto tempo você se divorciou?

Ele hesitou, o que me fez pensar que eu provavelmente não gostaria de sua resposta. —Há seis meses.

Isso explicava a nova casa e a falta de mobiliário.

—Mas nós estamos separados a mais de um ano. —Acrescentou rapidamente.

—O que ela está fazendo aqui? —Perguntei, olhando para trás para a varanda onde ela estava nos observando.

—Ela gosta de aparecer de vez em quando e me fazer infeliz.

—Por que você se divorciou? —Perguntei, desconfiada.

—Taylor gosta de dinheiro. Eu não tinha o suficiente.

Nojo me fez franzir o nariz. —Você está brincando.

A forma como sua mandíbula tremeu me fez perceber que ele não estava, e ele não estava exatamente feliz em admitir que alguém pudesse pensar que ele fosse um... perdedor.

—Você está certo. —Eu disse quando um sentimento de proteção estranha tomou conta de mim. —Ela é uma cadela. Ela é estúpida também.

Alívio inundou seus olhos. —Você acredita em mim?

—Sim, eu acredito. — Mas isso ainda não mudava o fato de que era hora de eu ir. Ele estendeu a mão para levar o meu saco. Puxei-o para trás. —Eu realmente quero pegar o meu carro.

Ele balançou a cabeça tristemente. —Eu só vou pegar minhas chaves.

Ele correu para dentro da casa, pegou suas chaves, em seguida, fechou e trancou a porta, enquanto Taylor estava olhando muito presunçosa. Eu ouvi as fechaduras automáticas do caminhão e adiantei-me para entrar.

Mas então eu parei.

Virei-me e acenei meus dedos para Taylor. —Não se preocupe, eu não sou nada para ter ciúmes. Estou apenas usando Holt para o sexo. Ele é tão bom na cama.

Sua boca caiu aberta.

Eu subi no caminhão.

Holt ainda estava rindo quando ele ligou o motor e saiu da garagem. Desde que seu carro estava estacionado logo atrás do dele, ele teve que desviar e dirigir pelo gramado antes de voltar para a rua e se afastar.

Taylor apenas ficou lá olhando.

—Você é um pouco mal-humorada, não é? —Disse ele, dando-me um olhar de aprovação.

—Eu sou uma ruiva.

Nós não falamos depois disso. Eu só quebrei o silêncio para dizer-lhe qual era o meu banco. Ele esperou do lado de fora quando fui pegar minha chave. Felizmente, um dos atendentes me reconheceu e abriu a caixa depois que eu expliquei minha situação, e mostrei-lhe as minhas ataduras. Uma vez que eu tinha a chave, eu agradeci profusamente e prometi voltar com a minha ID da biblioteca para que eu pudesse obter novos cartões, e fazer um levantamento da minha conta.

Todo o caminho para minha casa, meu estômago estava em nós. Eu não tinha certeza do que eu queria ver do que restava da minha amada casa. Eu sabia que não seria bonito, e eu tentei me preparar para a realidade que eu estava prestes a enfrentar.

Até agora, parte disso parecia como um sonho ruim. Se eu não estivesse sentada aqui com Holt e sentindo a constante importunação das queimaduras dolorosas, eu poderia ter sido capaz de me convencer de que eu tinha imaginado a coisa toda.

Mas então ele virou na minha rua.

Você não podia negar o que olhava você diretamente no rosto.

O que antes era uma casa amarela de dois andares, com roseiras que revestiam a frente, e vasos de plantas que decoravam o pórtico, agora parecia algo saído de um filme de terror.

Um pouco da estrutura foi parcialmente preservada. As madeiras restantes estavam negras e tinham uma aparência frágil. O telhado tinha cedido, e algumas telhas queimadas se misturavam às cinzas que cobriam a grama. A maioria das paredes tinha caído. Apenas duas paredes externas ainda permaneciam. A calçada de concreto que uma vez levara à porta da frente, estava

toda enegrecida com marcas de fogo e fuligem. Todos os vasos que continham flores coloridas foram destruídos. Pedaços de barro e sujeira enchiam a passarela uma vez varrida.

Parecia tão fora de lugar lá no centro do pequeno e escondido bairro entre as casas alegres e flores desabrochando. Era quase como se a minha casa residisse em um universo completamente diferente do que aquelas em cada lado. Como se o inferno tivesse aberto algum tipo de portal de destruição, desencadeando a sua ira sobre apenas a minha pequena fatia do país, e depois desaparecendo, deixando para trás os restos do esqueleto do que foi outrora uma vida pacífica.

Olhei na frente da casa diretamente para o pequeno quintal, tomado em sua maioria pela piscina em forma de rim. Detritos flutuavam na água, pedaços da minha vida que foram muito arruinados para identificar. E ao lado disso... No concreto ao lado da piscina...

Estava uma cadeira.

A minha cadeira.

A qual eu estava amarrada.

Na verdade, um pedaço de corda ainda estava enrolado debaixo dela.

Senti como se eu estivesse em um vácuo, e as memórias da minha tentativa de homicídio estivessem tentando me sugar, onde tudo o que eu podia fazer era revivê-las uma e outra vez.

—Eu deveria ter movido isso. —Disse Holt, chegando para ficar logo atrás de mim.

Eu afastei meu olhar para longe da cadeira, longe da corda que tentou me segurar refém. —A polícia me disse que me deixaria saber quando a casa estivesse liberada, e então eu poderia procurar por qualquer coisa que pudesse ter sobrevivido. —Eu disse a ele enquanto uma brisa bagunçava meu cabelo. Ela também mandava o cheiro ainda remanescente do plástico derretido e madeira

queimada em nossa direção. —Mas pela aparência das coisas, não haverá nada para salvar.

—Sinto muito. —Ele disse em voz baixa, seus dedos roçando os meus.

Olhei por cima do ombro para ele. —Está tudo bem. Praticamente tudo pode ser substituído.

—Só isso? —Ele perguntou, curioso.

Eu balancei a cabeça. —Havia uma coisa que nunca poderá ser substituída. — Essa descoberta causou uma dor em erupção dentro de mim. Eu senti uma perda que eu achei que jamais teria de sentir novamente. Como eu sobreviveria a algo como isso duas vezes?

Eu não tinha percebido que eu oscilava até que um braço forte envolveu minha cintura e ofereceu algum suporte.

Debrucei-me sobre ele por alguns segundos e depois me afastei.

—Obrigada pela carona. Por tudo.

—Você realmente precisa parar de me agradecer. — Seu lábio inclinou para cima, no canto.

Eu puxei a chave do meu bolso e abracei a bolsa contra o peito, colocando uma barreira entre nós. —Bem, eu tenho muito a fazer. —Eu comecei, sem saber o que dizer.

—Você tem certeza de que não quer ficar na minha casa?

Eu balancei a cabeça. —Tenho certeza.

Agora mais do que nunca eu queria ficar sozinha. Eu queria algum tempo para pensar, para absorver o que tinha acontecido. Eu precisava me reagrupar e fazer um plano. Uma vez que eu tivesse um plano, me sentiria mais no controle.

Voltei a olhar para o buraco que era a minha casa.

Eu precisava sair daqui. Estar aqui, vendo isso, não estava ajudando. Estava fazendo tudo pior.

—Eu tenho que ir. —Eu disse a ele.

Ele franziu a testa, olhando para mim como se eu estivesse à beira de algum colapso mental.

Talvez eu estivesse.

Eu não me incomodei em tentar dizer mais nada. Não importava o que eu diria de qualquer maneira. Seria tudo muito estranho. Fui até meu carro, que estava coberto de fuligem e cinzas, e entrei. Eu virei à chave, deixando escapar um suspiro quando o motor rugiu para a vida. Eu soltei o ar que estava prendendo e depois me inclinei, abrindo o porta-luvas, sorrindo um pouco quando minha ID e uma nota de vinte apareceram.

Eu tinha uma ID.

Eu tinha uma nota de vinte.

Eu tinha o meu carro.

Era um começo.

Eu saí da garagem e apontei o meu carro para longe da destruição. O sentimento de vazio apareceu no meu peito, a dor profunda em meus ossos não diminuiu quando eu fui embora.

Mesmo assim, eu não olhei para trás.

# Capítulo 7

Eu escolhi um motel, não uma propriedade local como um dos hotéis da cadeia na área. Este era pequeno e menos lotado. Além disso, as taxas aqui eram muito menores do que os outros lugares em que eu olhei. Sim, eu tinha dinheiro na poupança, mas muito pouco. Tudo o que eu tinha guardado de quando era adolescente, foi usado para a compra da minha pequena casa e todos os móveis dentro.

Eu sabia que teria a maior parte dele de volta (graças a Deus pelo seguro), mas levaria um tempo, e até então, eu teria que ter muito cuidado sobre quanto dinheiro eu gastava.

Depois que eu paguei por um quarto simples, eu dirigi meu carro até o estacionamento. Era um motel de um andar inteiramente feito de tijolo, e todos os quartos eram ligados entre si em uma fileira. Todas as portas eram vermelhas, e eu passei pela fila delas até a vaga onde eu estacionei meu carro.

Eu ainda não tinha feito compras, então eu não tinha nada a levar para dentro, além do meu pequeno saco com pijama em ruínas e as ataduras que a enfermeira me deu no hospital. O interior do quarto era muito básico. A cama de solteiro ficava no centro, com uma colcha azul-escura que cobria o topo. O tapete também era azul escuro - do tipo que não estava realmente lá para conforto, mas necessidade. Havia um armário alto de madeira contra a parede e a televisão em cima dele. Havia um par de quadros de oceano pendurado nas paredes brancas, e pesadas cortinas azuis penduradas na janela ao lado da porta. Pelo fato de esta ser uma unidade final, eu tinha o luxo (se você pode chamar assim) de ter uma janela extra na parede à extrema direita com a mesma roupagem pesada.

Havia um pequeno banheiro com um único vaso sanitário, pia e chuveiro. A cortina do chuveiro era branca, assim como as toalhas.

Não era a minha ideia de casa, mas serviria por um tempo.

Passei os próximos dois dias lidando com a companhia de seguros, o banco, carteira de motorista, e comprei algumas coisas novas para vestir. Consegui manter meu emprego e recebi o fim de semana de folga, só precisava relatar minha volta ao trabalho na segunda-feira de manhã.

Eu não dormi bem no pequeno quarto de motel. A cama era desconfortável, e eu ficava acordando corada com suor e sentindo meu coração acelerar, só não me lembrava do que eu estava sonhando.

Quando as trevas cobriram o céu na segunda noite, meu estômago começou a se agitar com nervoso.

Fiquei imaginando o que Holt estava fazendo, se ele estava no trabalho. Parte de mim queria vê-lo, e ser confortada por sua presença. Mas não era sua responsabilidade me confortar. Ele já tinha feito o suficiente ao me salvar, ao salvar minha vida e me dar um lugar para ficar na minha primeira noite fora do hospital.

Eu disse-me que a razão de eu não parar de pensar sobre ele era porque ele me salvou. Ele literalmente andou através do fogo para me levar para a segurança. Se não fosse por ele, eu não estaria aqui. Eu estava de alguma forma ligada a ele. Eu sentia como se ele fosse, literalmente, a minha tábua de salvação. Eu supunha que era natural e desapareceria com o tempo, eu esperava que mais cedo ou mais tarde. Fiquei olhando para o telefone, como se eu quisesse chamá-lo para ouvir a sua voz, mas eu sabia que não deveria.

Eu tomei um banho rápido, ignorando a lavagem do meu cabelo (muito envolvimento de pulso), e em seguida, troquei minhas ataduras. As queimaduras não pareciam tão ruins quanto antes, elas ainda doíam, estava apenas mais suportável.

Depois de tomar banho, eu peguei um short de dormir e uma regata de um dos sacos de compras e me vesti com cuidado. Meus músculos pareciam muito melhores hoje, bem como a contusão no meu ombro, finalmente, com a cor amarela desaparecendo.

Tudo ficaria bem. Meu corpo estava se curando. Eu ainda tinha um emprego. Obteria o dinheiro do seguro, e eu poderia comprar uma casa nova. Em breve, tudo estaria de volta ao normal.

Eu assisti às reprises de *Friends* na TV, até que meus olhos não ficaram abertos mais, e então eu a desliguei e me aninhei nas cobertas, caindo no sono rapidamente.

Mas eu não permaneci adormecida por muito tempo.

Fui despertada pelo som de vidro quebrando.

Quando meus olhos abriram, ouvi um baque duro no chão a poucos pés da cama. Eu sacudi imediatamente, tentando focar meus olhos ainda pesados do sono.

Algo laranja chamou minha atenção e, em seguida, um cheiro familiar flutuou em meu nariz.

Puro pânico explodiu dentro de mim. Foi tão forte que eu me senti tonta, e eu me sentei lá lutando, tentando assumir o controle. Eu pulei da cama e olhei através do quarto para a garrafa que tinha sido atirada pela janela.

Ela estava em chamas.

Eu dei um passo mais perto, olhando para o vidro.

Era um frasco de algum tipo. Ele tinha um pano no meio saindo dele. As extremidades expostas estavam em chamas, pegando fogo no chão em torno dele. Peguei um travesseiro da cama, pensando que eu poderia sufocá-lo, e me aproximei, tentando isolar o pânico que ainda estava tentando assumir o controle do meu corpo e mente.

Quando eu estava a poucos centímetros do frasco, ele explodiu. Ele fez um ***POP*** alto e, em seguida, vidro voou por toda parte. Eu gritei, protegendo-me com o travesseiro, e saltei para trás, batendo no canto da cama e caindo para trás. Minha cabeça bateu no chão, e o travesseiro caiu em cima do meu rosto.

Fiquei ali deitada, tentando recuperar o fôlego. Um barulho revelador me fez levantar rápido do chão e jogar o travesseiro de lado. As cortinas estavam em chamas. Na verdade, a maior parte desse lado do quarto estava em chamas. O frasco deve ter sido preenchido com algum tipo de gasolina. Quando explodiu, o fogo se espalhou por todos os lugares.

Sabendo que eu não poderia acabar com o fogo, corri para a porta, me atrapalhando com a corrente e, em seguida, puxando a maçaneta.

A porta não se moveu.

Eu tentei novamente.

Nada.

Havia algo bloqueando a saída.

Corri para a janela ao lado da porta e abri as cortinas, tentando ver o que estava no caminho.

A janela foi bloqueada também.

Voltei a olhar para o fogo ardente. Estava consumindo aquele lado do quarto como um lobo faminto, e eu sabia que logo estaria se espalhando em direção a mim.

Fumaça estava começando a cobrir o quarto, tornando mais difícil para respirar. Corri para o criado-mudo e disquei 9-1-1.

Esperei ansiosamente o operador atender a linha.

Não havia nenhum toque. Nenhum operador.

Não havia nenhum sinal de linha.

Nenhuma ajuda.

Alguém cortou a linha do telefone.

Com um grito angustiado, eu deixei cair o receptor e procurei em volta descontroladamente por algo, qualquer coisa que pudesse me ajudar.

Eu acabei me jogando contra a porta, batendo na madeira e gritando por socorro. Certamente alguém em outro quarto me ouviria. Certamente, alguém poderia me ajudar.

Só que o meu era o único carro no estacionamento quando voltei.

A mesa da frente. Alguém estava sempre lá. Eu esperava que fosse sentir o cheiro do fogo e vir investigar.

Eu continuei gritando, gritando por socorro. O esforço me roubou o oxigênio que eu precisava, e uma pressão familiarizada começou a construir no meu peito.

Era a mesma sensação da noite em que eu quase morri.

De novo não.

Pensando rápido, peguei o abajur, puxando a tomada da parede, e fui até a janela e bati com ele no vidro. Ele rachou, mas não quebrou. Eu bati no vidro de novo, desta vez, um grande fragmento caiu no chão e explodiu em meus pés.

Ignorei a dor nos meus pés sobre os cacos, enquanto eu pegava o vidro quebrado e tentava empurrar para longe o que estava lá. Foi realmente pesado. Ele nem sequer se moveu.

Eu comecei a chorar.

Eu estava presa aqui com um fogo ardente. Eu tinha minutos, talvez segundos restantes para viver. Eu morreria, porque eu não sabia como sair.

Só então eu ouvi um som alto de algo quebrando.

Alguém estava fora!

Eu comecei a gritar de novo, colocando meu rosto no vidro quebrado e gritando o mais alto que pude.

A porta do quarto estilhaçou, e estourou em fragmentos de madeira que foram em todos os lugares.

—Katie! —Alguém gritou.

—Holt! —Eu gritei me afastando da janela, e correndo em direção à porta.

As chamas estavam perigosamente perto agora, comendo parte do batente da porta e no tapete abaixo. O oxigênio que entrou no quarto com a abertura da porta pareceu alimentar as chamas ainda mais, e elas dominaram a frente rapidamente, bloqueando completamente a saída.

O contorno volumoso de Holt foi subitamente escondido pelas chamas.

Eu gritei o nome dele novamente. Medo de que ele fosse queimado deixou meus joelhos como gelatina. Eu o ouvi xingar e chamar por mim novamente, e então houve outro estrondo e tudo o que estava em frente da janela havia desaparecido.

Holt estava lá, passando através do vidro quebrado e enfiando um braço sangrando através da abertura.

—Vamos! —Ele gritou.

Corri para a janela, parando para pegar meus pequenos sacos de compras nas proximidades e jogá-los para fora da abertura (hey, era tudo que eu tinha em meu nome. Eu não estava prestes a deixá-los ser destruídos). Holt empurrou-os para fora e estendeu a mão para mim enquanto eu me jogava pela abertura.

E então Holt estava lá, segurando-me por debaixo dos meus braços, e me rebocando sobre as máquinas de venda quebradas que jaziam danificadas na frente do meu quarto, e em frente ao estacionamento em direção ao seu caminhão, que estava ao acaso estacionado no centro do lote vazio. Eu não conseguia parar de tossir. Eram tosses profundas, ameaçadoras, que tornaram difícil para andar, e eu tropecei.

Eu teria caído, mas ele me pegou, segurando-me e correndo o resto do caminho até seu caminhão.

Ouvi mais estilhaços de vidro e o gemido da madeira enquanto ele me sentava no asfalto duro e se inclinava sobre mim.

—Eu a deixo sozinha por dois dias. —Ele gritou, empurrando as mãos pelo cabelo. —O que diabos aconteceu!

Ele estava sangrando. Rios escuros de sangue desciam pelo seu braço e pingavam pelos cotovelos no chão abaixo. Lentamente, eu deslizei para o lado de sua caminhonete até que eu estava sentada no chão, ainda segurando a respiração.

—Katie! —Ele gritou, apertando meu ombro e inclinando-se para olhar nos meus olhos. —Fica comigo.

O som distante de sirenes encheu o ar, e eu sabia que em poucos minutos o local estaria repleto de policiais e bombeiros. Eram minutos que eu não teria tido. Se Holt não tivesse chegado aqui quando ele o fez, eu provavelmente estaria morta agora.

Isso me fez olhar para cima.

—O que você está fazendo aqui? —Perguntei.

—Eu vim verificar você. Eu estava preocupado.

—Como você sabia onde eu estava? — Eu disse, com meu tom cheio de suspeita.

Ele se agachou na minha frente, com os meus pés entre as pernas. —Eu vi o seu carro no estacionamento. —Explicou. —Eu sabia que você trabalhava na biblioteca próxima, então eu pensei que você pudesse arranjar algum lugar perto para ficar.

Meus ombros caíram.

Ele colocou a mão debaixo do meu queixo e levantou meu rosto. —Olhe para mim. —Ele perguntou.

Eu olhei para cima.

—Você acha que fui eu?

—Não. —Eu disse, envergonhada da desconfiança em minha voz. Eu realmente não achava que ele fez isso, mas eu estava com medo e eu estava muito cansada.

—Posso tocar você? —Ele perguntou, com a voz calma.

Olhei para cima, surpresa que ele não parecia com raiva. Eu balancei a cabeça.

Ele me puxou para frente, cruzando os braços em volta de mim e levantando-me, trazendo-me com ele. Meus pés tocaram o chão, mas eles não me apoiaram. Seus braços, seu corpo, me mantiveram acordada. Ele os envolveu em torno de mim como se eu fosse a mão e ele fosse uma luva. Agarrei-me à frente de sua camisa, rezando para que ele não me deixasse ir. Quando seu aperto intensificou, eu suspirei de alívio. Seu aroma limpo me cercou, afastando um pouco da fumaça, e lágrimas encheram meus olhos.

Quando os caminhões de emergência entraram no lote, meus músculos ficaram tensos ao pensar que ele me liberaria, que ele me afastaria e lidaria com o fogo.

Mas ele não o fez.

Ele não me soltou. Nem uma única vez.

Mesmo quando alguns dos homens com quem ele devia trabalhar vieram correndo, dirigindo a ele por seu sobrenome, e exclamando sobre o que aconteceu.

Ele falou calmamente sobre a minha cabeça, dizendo-lhes tudo o que sabia e dizendo-lhes que eu não estava pronta para falar. Ele não parecia constrangido em estar segurando-me tão perto no centro de um estacionamento. Ele não agia como ser visto em uma posição vulnerável assim ferisse seu orgulho.

Ele apenas ficou lá no centro do caos, com chamas ardentes, água pulverizando, e os gritos de pessoas ao redor, e ele estava completamente imóvel.

Ele era a âncora para o meu barco à deriva. As raízes para a minha árvore em crescimento. Sem ele, eu certamente teria flutuado para longe em algum tipo de lugar inacessível dentro dos limites do meu cérebro.

Não importa o quanto eu quisesse negar.

Não importa o quanto eu pudesse dizer que não era verdade.

Não havia como fugir disto.

Isso não foi um acidente.

Alguém estava tentando me matar.

# Capítulo 8

A primeira luz do dia espiou através do céu quando eu saí da delegacia depois de várias horas de interrogatório. Mesmo depois de horas de perguntas invasivas, eu sabia que ninguém tinha ideia do que estava acontecendo. O fato era que eu não tinha ninguém na minha vida. Não havia literalmente ninguém. E isso significava que quem estava fazendo isso, tinha motivos que eu não sabia. Motivos que eu não entendia.

A polícia não pode oferecer muito conforto. Eles só me avisaram que estariam investigando, e que era para eu ter muito cuidado na minha vida diária.

*Puxa, é mesmo?*

Eu murmurei para mim mesma, tentando decidir o que fazer a seguir, quando olhei para cima.

Seu caminhão estava estacionado no meio-fio.

Ele estava encostado na porta, parecendo cansado e amarrotado. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, e ele me olhava com um olhar pesado.

—Holt? — Eu disse, dando um passo para frente. —Eu pensei que eles me liberariam um par de horas atrás.

Ele se afastou do caminhão. —Eu estive esperando por você. — Ele abriu a porta do passageiro e fez sinal para eu entrar.

Notei minhas sacolas no assento. —São as minhas coisas?

Ele assentiu. —Tudo cheira a fumaça. Você pode lavá-las em casa.

—Casa?

—Minha casa.

Eu abri minha boca para protestar, mas então eu a fechei. Eu estava abalada. Eu não tinha para onde ir, o meu carro ainda estava no motel, apreendido para possíveis evidências, e eu não queria ficar sozinha. Se ele estava me oferecendo um lugar para ficar, então eu aceitaria.

Eu subi no caminhão e me virei para ele. —Boa menina. —Disse ele.

Antes que ele pudesse fechar a porta, eu me virei e olhei para ele. —Boa menina? — Eu zombei. —Eu pareço como um cão para você?

Ele sorriu. —Não, *Freckles*, definitivamente não.

Cruzei os braços sobre o peito e olhei para ele.

Ele suspirou. —Dê-me uma pausa. Estou cansado.

—Eu também. —Eu disse, deixando cair a minha atitude.

Depois que ele se estabeleceu atrás do volante, ele levantou uma bebida cor de rosa clara em um copo do porta-copos no console central. Eu não tinha notado que estava lá. Ele estendeu-a para mim e eu peguei.

—O que é isso?

—Um *smoothie* de morango. Imaginei que sua garganta estivesse provavelmente seca.

Estava dolorida. E parecia muito seca. Tomei um gole da bebida, e suspirei quando a doçura frutada explodiu na minha língua. Era grossa e suave, e deslizou pela minha garganta com facilidade.

—Obrigada. —Eu disse a ele, e a palavra saiu fraca para os meus próprios ouvidos. Ela simplesmente não parecia ser suficiente para tudo o que ele tinha feito para mim.

Ele apontou para um saco de papel branco no assento ao lado dele e disse: — Eu trouxe a você um muffin de mirtilo, também.

—Você não trouxe nada para você?

—Eu já comi.

Bebi o *smoothie* enquanto ele dirigia, meu corpo parecendo desossado contra o assento. Eu estava tão incrivelmente cansada. A adrenalina que passou por mim mais cedo naquela noite tinha sido demais, e isso me deixou esgotada e vazia.

—Os médicos disseram que você parecia bem. —Disse Holt, me olhando com o canto do olho.

Eu balancei a cabeça. —Estou bem.

Ele ficou em silêncio e nós não dissemos mais nada até que estávamos dentro de sua casa, e ele estava me entregando uma toalha para o meu banho.

—Sua mão. —Eu disse, observando os arranhões e cortes sobre os nós dos dedos.

Flashbacks dele socando a janela quebrada no motel invadiram meu cérebro. Engoli em seco, e a toalha na minha mão caiu no chão e cobriu meus pés. —Onde mais você está machucado?

Ele balançou sua cabeça. —Eu não estou.

Agarrei sua mão e a puxei, estudando os danos causados à sua pele. Levemente, passei o meu dedo ao longo da borda de um dos cortes mais irregulares. —Eles precisam ser enfaixados. —Eu murmurei.

Ele balançou sua cabeça. —Enfaixar cortes assim em uma só mão é praticamente inútil. As bandagens só cairiam.

—Eu não sei o que dizer. — Minha voz estava rouca.

—Você não precisa dizer nada. Os médicos já limparam e cuidaram disso.

—Não. —Eu disse, ainda segurando a sua mão. —Eu não sei como lhe agradecer por salvar minha vida. Mais uma vez.

—Pare de me agradecer. —Ele disse.

—Eu tenho. —Eu disse, olhando diretamente em seus olhos. —Se você não estivesse lá... — Minha sentença sumiu. Nós dois sabíamos o que teria acontecido.

—Mas eu estava. —Disse ele suavemente.

—Sobre isso... — Eu comecei, molhando meus lábios. —Por que você estava lá?

—Eu precisava falar com você sobre algo.

—O que?

Ele colocou a mão no bolso de trás da calça jeans e tirou um pedaço de papel dobrado. —Sobre isso.

Era um pedaço de papel branco, do tipo que alguém usaria em uma impressora. Eu o desdobrei, notando que havia algum tipo de escrita no interior. Quando cheguei à última dobra, olhei para Holt que estava usando uma expressão muito sombria. Claramente, o que quer que isto fosse não era bom.

Eu abri e olhei para baixo, e meu cérebro realmente não compreendeu o que viu. Eu tive que ler a linha mais de três vezes antes de eu realmente entender o que estava dizendo.

Meu estômago apertou.

Minhas mãos tremiam ligeiramente.

*Você deveria tê-la deixado morrer.*

—Onde você conseguiu isso? — Eu finalmente perguntei.

—Estava no meu caminhão quando eu saí do trabalho mais cedo esta noite.

O papel caiu no chão lentamente, juntando-se a toalha aos meus pés.

—Então você recebeu isso antes do fogo de hoje à noite?

—Sim. É a razão pela qual eu vinha procurando você.

—Você não me disse isso.

—Eu imaginei que você estivesse lidando com o suficiente no momento.

—Você contou para a polícia?

Ele balançou a cabeça lentamente.

—Mas, por que não?

—Eu queria falar com você primeiro. Ver se você sabia o que significava.

—Isso significa que alguém me quer morta! —Gritei. Minha voz pareceu ecoar através do corredor.

—Você não vai morrer. —Ele rosnou.

—Eu não devia ter vindo aqui. —Eu disse, olhando freneticamente ao redor. —Eu preciso ir. — Virei-me para correr para a sala de estar, mas a toalha estava enrolada em volta dos meus pés e eu tropeçei, caindo em direção ao chão.

Holt me pegou pela cintura, puxando-me de volta, e então eu estava contra a parede sólida de seu corpo. O calor dele era delicioso e irradiava ao redor do meu corpo gelado de medo.

—Você não vai a lugar nenhum. —Sua voz retumbou em meu ouvido.

Lutei contra ele, mas era estúpido. Ele me superava em 45 quilos com facilidade, e era provável que fosse 30 cm mais alto do que eu. Se ele não queria me deixar ir, então eu estaria muito presa em seu abraço. Eu caí contra ele.

—Eu estou colocando você em perigo por estar aqui.

—Você está mais em perigo quando eu não estou por perto.

Eu não pude parar o meu rosnar. —Lá vai esse seu ego novamente.

Sua risada vibrou em meu ouvido. —Tudo o que eu estou dizendo é que claramente esse cara é um louco. Meu trabalho é apagar fogo. Você está melhor aqui do que sozinha.

—Mas e você?

—Você, deixe que eu me preocupe comigo.

Tentei escapar de seu abraço para que eu pudesse olhar para ele. Ele só afrouxou o suficiente para permitir-me girar em seus braços. Eu inclinei a cabeça para trás para que eu pudesse olhar para ele. —Você tem um desejo de morte?

—Eu não vou morrer. Especialmente desde que a vida ficou um inferno de muito mais interessante. —Seus dedos flexionaram contra o meu quadril.

—Mas... —Eu protestei, mas ele me cortou.

—É óbvio que eu já estou em sua mira. Ele acha que estamos conectados. Você não estar aqui, não vai mudar isso.

Eu não podia discutir com isso porque era verdade. Afinal de contas, ele não recebeu a carta até depois que eu fiquei em um motel.

—Por que você está me ajudando? — Era algo que eu simplesmente não conseguia entender.

Seu corpo se moveu, eu juro que entrou ainda mais em contato com o meu do que já estava. Ele levantou a mão livre e acariciou meu cabelo para trás, empurrando-o para que ele caísse atrás do meu ombro.

—É o meu trabalho proteger as pessoas.

—É o seu trabalho levá-las para casa, também? — Eu me senti um pouco sem fôlego. Logo abaixo das minhas costelas meu coração acelerou descontroladamente. Parecia que havia um passarinho dentro de mim, batendo suas asas, tentando voar.

—Isso é apenas um privilégio do trabalho. — Ele sorriu.

—Então, você faz isso muitas vezes? — Eu disse, sentindo-me um pouco machucada.

—Nunca.

—Então, por que eu?

Ele deu alguns passos, me apoiando, então eu estava presa entre ele e a parede. Sob esse ângulo, a luz do corredor atrás dele deixava seu rosto nas sombras. Mas mesmo assim, a leveza de seus olhos me perfurou como um trovão durante uma tempestade.

—Eu não sei.

Eu não estava esperando essas palavras. Na verdade, eu mal as ouvi sobre o barulho do sangue em minhas veias. Sua proximidade me afetava de forma que eu não entendia. Eu estava quente, e ainda fria. Nervosa, mas corajosa. Parte de mim queria correr para longe, e a outra parte de mim, desejava chegar mais perto, deslizar minhas mãos para cima sob a bainha de sua camisa e passar meus dedos em toda a vasta extensão de suas costas nuas.

—Essa não é uma boa razão para se misturar com uma menina fugindo de um assassino.

Ele inclinou a cabeça para o lado. —Não?

Eu balancei minha cabeça.

—Que tal isso? —Disse ele, inclinando-se para que seus lábios roçassem minha mandíbula. A barba em seu rosto fez cócegas em meu queixo. —Porque, mesmo no centro de um fogo ardente, meu corpo reagiu a você. Porque vê-la tão pequena e indefesa em um leito de hospital, torceu minhas entranhas. Porque o dia em que entrei no seu quarto e aqueles olhos cinza tempestuosos pousaram nos meus, eu senti que havia algo nos amarrando juntos. Ou talvez tenha sido por causa da maneira que você suspirou e inclinou-se em meu peito, na noite em que eu a levei para a minha cama. Seu cheiro ainda persiste nos meus lençóis, Katie.

Oh meu Deus.

Mordi o lábio. Ninguém jamais disse qualquer coisa assim para mim, nunca.

Ele gemeu, olhando para minha boca. —Isso me deixa louco.

Eu liberei meu lábio.

—Beije-me, Katie.

Meu olhar caiu sobre seus lábios. Eles estavam a polegadas dos meus. Meu corpo foi entrando entre suas pernas e contra ele, de uma forma que deixou pouco à imaginação.

Eu não tinha beijado alguém em um longo tempo. Normalmente, eu achava que era inútil, porque mesmo que o beijo fosse bom, não importava. Eu não poderia me apegar a ninguém. Eu não queria aquela dor de dizer adeus.

Mas eu estava tentada.

Seus lábios eram como uma fatia realmente pecaminosa de bolo de chocolate. Você sabia que se você o comesse, odiaria a si mesma na parte da manhã, mas a chamada desse chocolate era tão absolutamente forte, que você tinha que dar uma mordida.

Olhei de novo para seus lábios, ainda a polegadas dos meus. Ele estava me olhando, me olhando duvidar, observando-me tentar resistir. Ele não tentou me apressar, ele não tentou fazer o primeiro movimento. Ele apenas manteve-se ali, imóvel como uma estátua, e esperou.

Timidamente, eu me inclinei para frente, mantendo os olhos abertos, e rocei meus lábios nos dele. Foi um beijo breve, mas um cheio, e quando eu me afastei um pouco, parte do meu lábio inferior pareceu demorar mais tempo para se afastar do que o resto de mim. Era como se quisesse ficar, como se ele finalmente soubesse onde ele pertencia.

Eu sussurrei seu nome enquanto meus olhos fecharam, e seu braço deslizou em volta da minha cintura, me puxando totalmente contra ele. Sua boca caiu sobre a minha, seus macios lábios cheios inclinaram-se sobre mim de uma

forma que não deixou espaço para o pensamento. Um zumbido encheu minha cabeça, a única coisa que eu ouvia enquanto a paixão construía dentro de mim. Ele mordiscou meu lábio inferior com os dentes e depois chupou em sua boca, massageando suavemente com a língua. Calor rodou no meu centro, e me tornei mais ousada para libertar a minha língua, deixando-a se misturar com a dele, duelando uma contra a outra, uma e outra vez.

Minhas mãos deslizaram até seu peito e enrolaram ao redor de seu pescoço, tentando puxá-lo para baixo, querendo-o mais perto de mim.

Ele deslizou seu joelho entre as minhas pernas e levantou minhas costas até a parede, e os meus pés sairam do chão. A pressão de sua perna duramente pressionada contra o meu núcleo provocou um pequeno ronronar na minha garganta.

Minhas coxas apertaram em torno dele e ele moveu-se, deslizando-me ainda mais perto, para que eu pudesse sentir a evidência de seu desejo pressionada contra o meu centro. Uma pressão na minha metade inferior começou a construir. Meu corpo começou a ansiar por algo mais, por algum tipo de liberação.

Ele afastou sua boca, inclinando a testa contra a parede ao meu lado. Eu mantive meus braços enrolados em volta do seu pescoço enquanto eu sugava goles profundos de ar, e tentava ignorar o desejo da minha metade inferior.

—Droga, *Freckles*. —Ele murmurou.

Droga, de fato.

Lentamente, ele abaixou a perna e me colocou no chão, e depois de alguns longos momentos, ele deu um passo para trás, permitindo espaço suficiente para me recompor.

Antes que eu pudesse desaparecer completamente até o banheiro, ele pegou meu braço e me puxou de volta, enquanto ele inclinava-se para frente e pressionava um beijo na minha testa. —Se você precisar de alguma coisa, basta gritar.

Ele me entregou a toalha e, em seguida, me deixou em pé no corredor.

No banheiro, fechei a porta e, em seguida, caí contra ela. Em questão de minutos, ele conseguiu me fazer sentir uma série de emoções: medo, humor, luxúria. Mas não foi qualquer uma delas que me levou a ficar aqui e perceber que eu estava em apuros.

Foi esse último beijo.

O que ele pressionou na minha testa.

Porque um cara que só pensava em paixão, um cara que só pensava em satisfazer uma necessidade, não apresentava esse tipo de ternura.

E aquele beijo não foi nada se não ternura.

Ele também pode ter sido a minha ruína.

# Capítulo 9

*Gotas de suor reuniram-se na minha pele e criavam um brilho de umidade sobre a superfície do meu corpo. O calor era insuportável, intenso e espesso. Onde quer que eu virasse havia mais. Não havia como escapar; não havia alívio.*

*Eu ouvi o som de vidro quebrando, a pressa com raiva das chamas, e eu tentei correr. Cacos de vidro cortaram meus pés, me fazendo chorar, mas eu me mantive em movimento, levantando meus braços para proteger o rosto da queimadura.*

*Através do meu escudo improvisado, avistei a porta e estiquei meu braço, tentando abrí-la. O metal da maçaneta queimou minha pele, e eu gritei, caindo para trás no chão cheio de detritos.*

*Eu estava de volta ao quarto de motel.*

*Presa.*

*Fogo aproximava-se, devorando tudo em seu caminho, prometendo a destruição, prometendo a morte.*

*Eu me levantei do chão e bati na porta, gritando por socorro. Movi-me para a janela, mas não havia uma. A única saída era a porta... A porta que agora estava consumida pelo fogo.*

*Recuei... Mais para dentro do quarto, mais para dentro das chamas, e o cheiro de carne e cabelo humano queimados começou a preencher o espaço em torno de mim.*

*Eu gritei.*

—Droga, Katie! —Alguém gritou. —Acorde!

Sua voz me trouxe do pesadelo e meu corpo ficou completamente rígido contra os lençóis encharcados de suor.

Pisquei para longe a visão de vermelho e laranja, deixando a escuridão do quarto me cercar. Eu aproveitaria a escuridão sobre o fogo em qualquer dia.

O colchão baixou um pouco ao meu lado, e eu virei minha cabeça para encontrar Holt me observando. Seu peito nu praticamente brilhava na escuridão.

—Eu estava tendo um pesadelo. —Eu disse, realmente tranquilizando-me mais do que falando com ele.

—Eu percebi isso. —Ele respondeu secamente. —Eu pensei que você estivesse sendo assassinada aqui pela maneira que você gritou.

—Eu sinto muito. Eu não queria te acordar.

Uma mecha grossa de cabelo úmido agarrou-se a minha bochecha, e ele estendeu a mão para afastá-la. —Quer falar sobre isso?

Eu balancei minha cabeça. Sonhar já era ruim o suficiente.

Sentei-me, afastando os lençóis emaranhados nas minhas pernas. O cheiro de fumaça parecia se agarrar a mim, lembrando-me mais uma vez de tudo o que eu estava tentando esquecer.

Puxei a parte superior da regata que eu estava usando.  Estava furando a minha pele. Holt atravessou o quarto até o armário, e voltou com uma camiseta de cor clara.

—Aqui. Você pode colocar isso, se quiser.

—Obrigada. —Eu disse. Eu não queria essas roupas suadas cheias de fumaça em cima de mim, e uma vez que todas as minhas roupas cheiravam assim, esta camisa era muito melhor do que qualquer coisa que eu tinha.

Ele não disse mais nada, apenas discretamente saiu do quarto. Corri para me trocar, jogando minha regata através do quarto e em um canto escuro. Eu lidaria com ela mais tarde.

Um olhar para o relógio na mesa de cabeceira me disse que eu ainda tinha várias horas até de manhã, e eu sabia que teria uma longa noite. Eu não estava pronta para voltar para cama, e minha garganta estava seca, então eu deixei o quarto e caminhei até a cozinha para pegar uma garrafa de água fria.

No meu caminho através da sala de estar, olhei para o sofá e congelei. Holt estava deitado com um cobertor jogado sobre suas pernas.

—Você está dormindo no sofá? — Eu disse. Surpresa enchia meu tom.

—Achei que era muito cedo para subir na cama com você. —Ele respondeu.

Um rubor quente propagou-se sobre meus membros. A ideia de compartilhar a cama com ele... De estar enroscada em seus braços e pernas... Era inteiramente muito atraente.

—Eu sou uma idiota.

Ele riu. —E por que isto?

Porque eu deveria ter percebido que ele só tinha uma cama em casa e eu estava monopolizando-a. Ele disse que o meu cheiro estava em seus lençóis. Nossa, quão lenta em captar as coisas eu era?

—Eu deveria ser a única a dormir aqui fora.

—Não. — Soou como um comando.

—Sim.

Ele moveu-se tão rápido que eu mal o vi, e então ele foi elevando-se sobre mim, meus olhos varrendo a vasta extensão de seu peito sarado. —Que tipo de homem você acha que eu sou? —Ele rosnou.

—O quê? —Eu disse, realmente não ouvindo suas palavras. Seu corpo era uma distração total.

—Você realmente acha que eu deixaria alguém, uma menina, que acabou de ser liberada do hospital, ainda machucada e queimada, dormir no meu sofá?

—Tenho certeza de que seria mais confortável do que você aqui.

—Volte para a cama, Katie. — Ele cruzou os braços sobre o peito.

—E se eu não voltar? — Eu o desafiei. Eu realmente não me importava em ser arrogante.

—Se você não fizer isso, eu vou rasgar a minha camisa de você aqui, e fazer coisas em seu corpo que ecoará através de seus membros por muito tempo depois que eu parar de tocá-la.

Tomei um gole da água gelada, pensando que limparia a minha cabeça das imagens que ele acabou de preencher.

Não ajudou.

Parte de mim estava muito tentada a ver se ele cumpriria suas palavras. A outra parte de mim queria fugir.

Ele inclinou-se em direção ao meu rosto. —O que é que vai ser, Freckles?

Como uma grande fracote, virei-me e fugi para a segurança de seu quarto. Eu pulei sobre o colchão como se houvesse algo escondido debaixo dele, esperando levar-me embora. Então eu estava no centro da cama enorme e tentei acalmar o formigamento de excitação que corria através de mim.

Quando eu enterrei minha cabeça em uma das almofadas macias e apertei os olhos fechados, eu podia jurar que sua risada ecoava pela escuridão.

* * *

Ele estava sentado na ilha da cozinha, comendo uma tigela de cereais, quando entrei na cozinha na manhã seguinte. Fiquei aliviada ao ver que ele estava vestindo uma camisa. Em vez de lidar com um jeans ou short, eu resolvi optar por um vestido simples azul marinho. Eu queria trançar o meu cabelo, mas não queria agravar meus pulsos, então eu deixei-o cair no meio das minhas costas.

Meus olhos quase rolaram da minha cabeça quando vi o tamanho da tigela de cereal de Holt, se você pode chamar isso de tigela. Parecia mais como um balde e uma pá.

—Caramba. —Observei. —Você come uma caixa inteira de cereal todas as manhãs?

—Nah. —Ele zombou, empurrando uma enorme colherada na boca.

—Apenas metade de uma caixa. — A trituração de sua mastigação ecoou pela sala. —Eu não tenho nenhum café, mas podemos ir buscar algum. —Disse ele em torno de outra, inteiramente grande demais, colherada.

Eu fiz uma careta. —Eu não bebo café.

Ele resmungou. —Eu também não.

—Devemos ser as duas únicas pessoas no planeta. —Pensei enquanto eu procurava em seus armários uma tigela e colher de tamanho normal.

Quando me virei do balcão com uma parte real do cereal na mão, notei o papel em seu cotovelo. Era a nota. Do meu maior fã.

—Devemos levar isso para a polícia.

Holt assentiu. —Nós precisamos conversar.

Sentei-me ao lado dele, olhando para a nota como se ela estivesse amarrada a algum tipo de bomba pronta para explodir a qualquer momento.

—Você realmente não tem ideia de quem poderia fazer isso?—Perguntou.

Eu balancei minha cabeça. —Eu realmente não sei.

—Bem, se você me perguntar, você com certeza chateou alguém, porque ele parece muito motivado a queimá-la como uma batata frita.

—Você continua dizendo “ele”. —Eu apontei.

Ele encolheu os ombros. —Pode ser uma mulher.

Poderia ser. Mas isso realmente parecia como “ele”. Se uma mulher quisesse me matar, ela apenas pegaria uma arma e terminaria o serviço. Essa pessoa parece gostar de brincar com suas presas antes de matá-la.

—Talvez uma de suas amigas tenha se envolvido em algo e a arrastou para isso sem você perceber.

Eu mexi meu cereal enquanto ele jogava suas suposições.

—Ou talvez seja um ex-namorado? Um ex-marido?

Suspirei. —Não.

—Eu acho que você deve considerar pelo menos a possibilidade... —Ele começou.

Minha colher ruidosamente caiu contra a tigela e eu me afastei do balcão.

—Eu não tive um namorado nos últimos anos. E mesmo assim, não era ninguém que importava.

—Encontros que acabaram mal?

Eu balancei minha cabeça.

—Você realmente não pode esperar que eu acredite que você não namora? — Ele zombou.

—Eu não namoro. —Eu disse séria. —Até este ponto, eu vivi uma vida muito tranquila.

—E quanto ao trabalho? —Ele perguntou lentamente.

—Eu sou uma bibliotecária. Os meus colegas de trabalho são os livros.

Ele franziu a testa. —E os que não são livros?

—Uma delas é uma senhora de idade e o outro é um estagiário. Minha chefa não trabalha na biblioteca, mas em um escritório diferente. Eu mal a vejo.

—A polícia tem alguma pista?

—Até ontem à noite, eles pensavam que minha casa pegar fogo foi algum tipo de ato aleatório de violência. Eu não acho que eles tiveram tempo suficiente para obter alguma pista.

—Então, o que eles estão fazendo? — Ele fez um som frustrado e passou a mão pelo cabelo.

—Tenho certeza de que eles estão investigando. Eles apenas me disseram para ter cuidado e relatar qualquer coisa estranha imediatamente. Que é exatamente por isso que precisamos levar essa nota para a delegacia.

Ele parecia frustrado e com raiva.

—Olha, isso não é problema seu. Sou grata por tudo que você fez.

—Nem sequer venha sugerir que você sairá de novo. —Ele rosnou.

—Eu não sou sua responsabilidade! — Eu disse, jogando as mãos ao ar.

Ele me pegou pela cintura, me puxando para fora da banqueta e fazendo-me tropeçar em seu colo. Sua mão embalou a parte de trás da minha cabeça e ele olhou para mim com os olhos irritados. Seu peito arfava, e a cada ingestão aguda de respiração, seu corpo firme roçava contra o meu peito. Meu corpo não pareceu notar sua raiva e só se preocupava com a proximidade dele, porque meus mamilos ficaram duros como rocha, e instantaneamente doloridos por apenas mais um toque.

Eu senti falta de ar, chocada, e animada de uma só vez. Chocada com a sua exibição de raiva, sem fôlego pelo desejo do meu corpo, e animada, porque ele estava tão incrivelmente perto.

Ele rosnou, soando mais como um animal do que um homem, em seguida, atacou meus lábios com um vigor que, literalmente, eletrocutou tudo o que vivia debaixo da minha pele.

Ele me beijou com uma paixão que eu nunca soube que existia. Com uma posse que quase me assustou. A forma como seus lábios moviam-se sobre os meus, exigente e áspero, prometia que me possuiria quando tudo fosse dito e feito.

A mão que embalava a parte de trás da minha cabeça flexionou, puxando, mas sem ferir. Uma pressão deliciosa explodiu dentro de mim. Começou em meu centro e cresceu, fazendo-me gemer e chegar mais perto dele. Meu queixo caiu quando seus lábios cairam no meu pescoço, e rasparam em meu ombro que estava nu, porque o meu vestido deslizou para baixo, expondo a minha pele.

Eu tentei colocar minhas mãos sob sua camisa, mas por causa da maneira como estávamos sentados, eu não podia encontrar a bainha. Em vez disso, a parte de trás da minha mão roçou a dureza inegável entre suas pernas. O contato acidental fez todo o seu corpo ficar rígido enquanto um gemido saía de sua boca.

—Porra, Katie.

—Eu... Desculpe-me. —Eu disse, com minha voz baixa e trêmula.

Ele se afastou, olhando para mim com paixão em seus olhos. —Faça isso novamente.

Meus olhos arregalaram-se, e até mesmo quando a minha boca trabalhou para dizer-lhe que não era uma boa ideia, minha mão moveu-se para fazer o seu lance. Desta vez, em vez da parte de trás da minha mão, eu usei as pontas dos meus dedos, roçando o comprimento duro em um único golpe.

Seus olhos fecharam-se e sua respiração sibilou entre os dentes. Um tremor atravessou seu corpo e, em resposta, seu membro empurrou em direção a mim.

Era de um tamanho intimidante, e meu corpo ficou tenso.

Holt respirou fundo e, em seguida, abriu os olhos. Surpreendentemente, ele me sentou longe dele, de volta no meu banco. Ele passou a mão pelo rosto e xingou.

—Você vai me matar.

Será que isso exigia uma resposta?

Uma desculpa? Uma negação?

Antes que eu pudesse decidir a forma adequada de abordar essa afirmação, ele afastou-se do balcão e caminhou pelo corredor, desaparecendo da vista.

Foi uma espécie de alívio.

Talvez agora eu pudesse acalmar meu coração acelerado.

# Capítulo 10

*Tensão sexual*. Eu nunca dei muita atenção ao termo. Eu não era o tipo de garota que sentava para assistir comédias românticas. Eu não lia romance, e evitava o Dia dos Namorados e tudo associado a ele. Eu não namorava, e eu ficava longe de bares e outros lugares onde um homem poderia pensar que eu estava disponível. Assim, tensão sexual não era algo que eu estava familiarizada. Não era algo que eu pensei que um dia fosse experimentar.

Até agora.

Quatro dias vivendo com Holt e eu não era nada, além de um nervo exposto, pronto para explodir a qualquer momento. Era muito confuso. Era muito frustrante, e também um pouco assustador.

Sim, eu estive em torno dos homens antes. Eu vivi com eles. Na verdade, foi minha experiência com o sexo oposto que confirmou minha decisão de ficar só. Para sempre. Eu seria uma daquelas senhoras loucas com cinquenta gatos, uma poltrona e um vício de cupom. Exceto que meus gatos seriam livros. Os livros eram menos fedidos do que os gatos.

Mas agora as coisas estavam mudando.

Meu mundo, meu ponto de vista, os meus sentimentos estavam começando a se inclinar, e isso me deixava sentindo um pouco desequilibrada o tempo todo.

Eu encontrei-me vagando na seção de romance da biblioteca, folheando a multiplicidade de capas com homens musculosos sem camisa. Todas as fêmeas eram exuberantes, com pernas longas e olhares de desejo em seus rostos. Eu costumava torcer o nariz com a visão desses livros e, secretamente, dava uma risadinha quando checava as velhinhas que vinham aqui para uma reunião semanal do clube do livro.

Mas agora, enquanto eu passava os dedos nas capas brilhantes, eu me perguntava o que estava dentro das páginas. Eu me perguntava que tipo de papel estes homens seminus desempenhavam na história. As heroínas da história eram tão afetadas pelos seus homens como eu era por Holt?

Será que elas deitavam na cama à noite com eles a algumas paredes de distância, e se perguntavam como seria deitar-se com eles no escuro, enquanto eles tocavam cada polegada de pele que poderiam encontrar? Será que elas respiravam profundamente cada vez que eles chegavam perto, apenas para obter um aroma do perfume que só eles usavam? Será que um toque acidental, um simples roçar de uma das mãos, ou um olhar compartilhado que demorava muito tempo, ameaçava deixá-las loucas?

Limpei a garganta e coloquei o livro de volta na prateleira. Claramente, eu tinha romance suficiente girando em torno da minha cabeça sem ler algum livro.

Ele não tinha me beijado desde aquela primeira manhã.

Parecia que ele tinha saído do meu caminho para me dar algum espaço, para manter uma distância respeitável entre nós. Ele não estava distante e frio. Ele estava amigável e aberto. Todas as noites desde que eu tinha estado lá, nós cozinhavamos o jantar juntos, rindo e brincando na cozinha, enquanto eu lhe mostrava como não arruinar uma panela.

Jogamos cartas (eu era terrível) e ele me deixava ganhar (porque ele era um doce). Nós assistimos filmes de ação, e fazíamos nosso próprio diálogo quando pensamos que o que os atores disseram era estúpido. Eu fazia sua lavandaria e lavava os pratos, e eu continuei a dormir na sua cama, enquanto ele permanecia no sofá.

Se eu não sentisse a atração entre nós, se eu não sentisse a maneira que pairava no ar em torno de nós, eu teria pensado que ele não me via como nada além de uma companheira de quarto temporária.

Mas eu sinto isso.

E ele também.

Eu poderia dizer pela forma como a sua voz, por vezes, ficava rouca, e pela forma como ele me olhava quando ele não achava que eu via. A maneira como ele girava seu corpo para que ele nunca estivesse de costas para mim, então ele sempre foi um pouco aberto à minha presença. E às vezes, quando eu ria ou quando eu comia, ele assistia minha boca, e um brilho de fome aparecia em seus olhos.

Mas se eu não tivesse notado nenhuma dessas coisas, eu ainda saberia.

Todas as noites quando eu disse-lhe boa noite e ele sussurrava “bons sonhos”, eu sentia seu olhar em mim até que eu virava a esquina em seu quarto e subia em sua cama.

Ele estava me deixando louca.

Para uma menina que nunca pensou sobre sexo, que nunca desejou esse tipo de relacionamento com um homem... Eu com certeza recuperaria o tempo perdido.

Eu sabia que era melhor assim, que eu não poderia agir de acordo com os meus sentimentos. Isso era temporário, logo eu voltaria para a minha vida, e ele voltaria à sua. Não havia necessidade de complicar algo que poderia continuar a ser simples.

Com um suspiro, eu empurrei todos os pensamentos de Holt para fora da minha cabeça, e olhei para o relógio. Era quase seis. Horário de encerramento. Eu estava cansada hoje. Levou dois dias de trabalho consistente para colocar tudo em dia aqui na biblioteca. As coisas tinham realmente empilhado enquanto eu estava fora, mas eu finalmente consegui terminar tudo o que precisava ser feito. Tudo o que eu tinha deixado eram alguns cartões de livros para arrumar, e então eu poderia trancar para a noite.

O último visitante tinha saído cerca de uma hora antes, então eu estava sozinha no prédio. Normalmente, eu gostava desta hora do dia, a tranquilidade de estar em um lugar tranquilo, rodeada por livros, das paixões da mente de outras pessoas. Eu gostava de ser capaz de ficar sozinha com meus pensamentos, mas esta noite parecia diferente de alguma forma.

O silêncio parecia ameaçador.

A tranquilidade parecia perturbada por algo invisível.

—É só a chuva. —Murmurei para mim mesma, e como se na sugestão, o céu escuro foi iluminado com relâmpagos e trovões que retumbaram acima do edifício. As tempestades do Sul sempre foram um pouco assustadoras.

Enquanto eu vagava pelos corredores com o meu carrinho, substituindo livros para o seu local designado, eu pensei sobre o que a polícia me disse quando Holt e eu levamos a nota.

É claro que eles suspeitavam de Holt. Eles não entendiam por que ele não lhes mostrou imediatamente.

Holt manteve-se firme, afirmando que ele não estava disposto a discutir algo que pertencia a mim, até que ele tivesse a oportunidade de falar comigo primeiro. A polícia não ficou muito satisfeita com isso como eu secretamente estava, mas, eventualmente, eles deixaram isso de lado e chegamos ao assunto em questão.

Mesmo com uma ameaça evidente contra mim, ainda não havia muito para ir em frente. A única coisa que parecia clara era que alguém queria me machucar. Eles, é claro, continuariam investigando. Eles tiraram as impressões digitais da nota (eles não esperavam que houvesse alguma), à procura de pistas sobre quem poderia ter enviado. Eles estavam questionando pessoas na DQA, onde Holt trabalhava, para ver se alguém viu uma pessoa deixar esta nota no pára-brisa de Holt.

Até agora nada.

E não houve mais tentativas de fogo em minha vida.

Eu não sabia o que pensar. A pessoa tinha desistido? Eu estava segura? Ou o assassino estava apenas esperando uma oportunidade para atacar?

*Como quando você estiver sozinha em uma biblioteca vazia.*

O pensamento me fez olhar por cima do ombro. Claro, ninguém estava lá, e eu ri levemente da minha paranóia. Ainda assim, os meus passos aceleraram quando me movi mais profundamente nas prateleiras de livros para terminar a minha tarefa.

Poucos minutos depois, ouvi a porta da frente abrir e fechar. Ótimo, pensei. Só nas noites quando estou cansada e pronta para ir para casa as pessoas vêm minutos antes de trancar, e esperam que eu fique até mais tarde.

O pequeno sino na recepção soou e revirei os olhos. —Só um minuto.

—Eu gritei, abandonando o carrinho e andando pelo corredor.

O sino começou a tocar novamente. Impaciente neste momento.

***Ring, ring, ring, ring, ring!***

Irritação me inundou. Eu sabia que eles podiam me ouvir. Estava tão tranquilo aqui, eles teriam que ser surdos para não ouvir. Culpa seguiu o pensamento. Talvez fosse alguém com um problema de audição.

Ouvi um som de raspagem estranho, um som que me levou a fazer uma pausa e ouvir. Soava como se alguém estivesse arrastando algo através dos azulejos que rodeavam a entrada do balcão de informações e recepção.

Apreensão se arrastou até as minhas pernas como uma aranha de pernas longas, e minha pele eclodiu em um suor frio. Peguei o mais grosso, mais pesado livro nas proximidades e o estendi na minha frente como um escudo, e tentei me mover em direção do som.

Eu poderia estar com medo. Mas não fugiria.

O som de raspagem ecoou por todo o edifício, e causou apagões momentâneos diante dos meus olhos, bloqueando minha visão. Eu caí contra uma prateleira e dei-me uma conversa de vitalidade mental. Se isso realmente era o que eu pensava que era, eu não tinha tempo para ficar aqui e ter medo. Eu tinha que agir rápido. Eu tinha que sair do edifício.

Prendendo a respiração, virei na prateleira final, pisando no espaço aberto, de frente para a porta e entrada da frente.

E foi aí que eu vi.

Um grito rasgou da minha garganta enquanto eu corria para frente.

A grande lixeira de metal que ficava atrás do balcão circular de madeira de informações estava agora na frente das portas de vidro duplo.

E estava repleta de chamas.

Eu não tinha nenhuma ideia de como as chamas ficaram tão altas, tão rápido, mas elas estavam crescendo a cada segundo. Se eu não fizesse algo, todo este edifício ficaria como uma floresta de ossos secos na Califórnia. Todos os livros seriam cinza em questão de minutos.

Tentei não gritar quando eu percebi que as chamas estavam mais altas que eu, e eu me encolhi quando o metal começou a distorcer por causa do calor intenso demais. Corri até a parede onde o extintor de incêndio estava pendurado, e estendi a mão para agarrá-lo.

Mas ele se foi.

Isso significava duas coisas:

Um, eu tinha que encontrar outro, e rápido.

E, dois, quem começou o fogo ainda estava no edifício.

Por mais que eu quisesse deixar o medo e paranóia me alcançarem, eu sabia que não podia. Eu tinha que apagar esse incêndio. E então eu fiz algo que eu sempre gritava para a TV quando isso acontecia, quando idiotas corriam pelas escadas quando um assassino estava atrás deles.

Corri em direção aos fundos da biblioteca.

Eu sabia onde o outro extintor estava. Era o mais próximo e eu senti que eu poderia pegá-lo mais rapidamente. Eu arrastei o livro junto comigo enquanto eu corria, não querendo deixar minha arma improvisada, ainda.

Quando o extintor entrou em vista, eu chorei de alívio, grata por ele ainda estar lá. Com apenas alguns centímetros entre mim e a lata vermelha, eu dei uma guinada para frente para agarrá-lo e, ao mesmo tempo, uma prateleira muito alta e muito pesada com os livros começou a virar.

Tudo o que veio a seguir aconteceu em excruciante câmera lenta.

Eu gritei, segurando o livro gigante em cima da minha cabeça como se ele fosse me proteger, e virei-me para trás, tentando saltar para fora do caminho da plataforma caindo. Livros de todas as formas e tamanhos começaram a cair das prateleiras, chovendo papel e livros de capa dura. Eu desviei deles da melhor maneira possível, me lançando para longe e utilizando o livro como um taco de beisebol para afastar os maiores que caíam.

E então eu tropecei.

A estante mergulhou atrás de mim.

# Capítulo 11

Eu caí para frente, lançando-me para o lado, e então eu bati no chão, assim como a prateleira. Ela pousou a meros centímetros da minha cabeça.

Livros empilharam em cima de mim, cobrindo metade do meu corpo. O silêncio que se seguiu ao acidente foi o som mais silencioso que já ouvi.

Segundos se passaram e eu comecei a mover-me, para testar meus braços e pernas, para fazer um balanço do meu corpo e ver se eu estava ferida. Eu não acho que estava. Meus pulsos envoltos estavam gritando em agonia, e eu olhei para cima, observando que uma das ataduras foi rasgada, e minha carne queimada estava exposta.

Afastei os livros que me cobriam, empurrando-me para ficar de quatro.

Um par de sapatos brancos entrou na minha visão.

Eles pareciam ser novos, ou pelo menos raramente usados. Eles eram de uma marca comum, sapatos de um homem, mas os pés não eram quase tão grandes quanto os pés do homem que eu estava acostumada a ver.

Eu levantei minha cabeça para olhar para cima, para ver o rosto do homem que tentava me matar, mas antes que eu pudesse ver algo, ele me chutou.

A ponta do sapato bateu no meu pulso já dolorido. Ele doeu instantaneamente, e eu caí no chão com um grito agudo.

Eu embalei meu pulso contra o meu peito enquanto eu rolava, náuseas agarrando meu corpo e me levando para uma rodada. Fechei os olhos com força, tentando engolir o pior da dor.

Levante-se!

Corra!

Lute!

Meu cérebro exigia muito mais do que eu poderia dar, mas eu sabia que não podia simplesmente ficar aqui e deixá-lo me matar. E ainda havia o fogo...

O homem levantou o pé de novo e eu me preparei para me defender do golpe, mas, em seguida, um barulho na frente da sala nos fez perder o foco.

—Katie! — Holt rugiu. Apenas o som de sua voz fez meu corpo cantar com alegria.

—Estou aqui! — Eu gritei enquanto eu rolava, pegando o livro gigante e jogando-o em meu perseguidor. Ele fez um som de grunhindo enquanto eu pulava para ficar de pé, e me virava para olhar na cara dele.

Mas ele estava com um capuz preto de grandes dimensões sobre sua cabeça enquanto ele recuava.

—Pare! —Eu gritei, e para minha própria surpresa, eu corri atrás dele. Ele empurrou a porta da saída de emergência e desapareceu em uma torrente de chuva.

—Katie. —Holt disse, com a voz muito mais perto do que antes. Virei-me e vi que estava entre os livros e prateleira, olhando para mim com preocupação angustiante gravada em seu rosto.

—O extintor! —Eu gritei, apontando. —O fogo!

Ele balançou a cabeça rapidamente, arrancou a lata vermelha da parede, e, em seguida, correu para a porta da frente. Corri atrás dele, parando para observá-lo liberar o spray de espuma branca. Para meu grande alívio, o fogo se apagou.

As portas de vidro duplo estavam cobertas de fuligem preta pesada, mas ao contrário delas, nada parecia estar muito danificado, exceto o chão, onde a lixeira estava.

—O que diabos aconteceu? —Ele disse, virando para me encarar.

Meu corpo tremia todo por causa da descarga de adrenalina e medo. Meus dentes batiam e meu corpo tremia incontrolavelmente.

Ele estava na minha frente em dois grandes passos e abriu os braços, puxando-me contra ele e embalando-me perto. Sua mão esfregou vigorosamente para cima e para baixo no meu braço, enquanto eu pressionava meu rosto em seu peito. Com a mão livre, ele ligou em seu telefone celular, falando com alguém e dando-lhes informações.

Meus ouvidos pareciam não estar funcionando. Um tipo estranho de silêncio invadiu meu sistema, o tipo de silêncio que eu não queria. Eu me afastei, olhando para Holt. Seus lábios se moviam, ele estava falando, mas eu não conseguia ouvir nada do que ele estava dizendo.

Minha visão começou a escurecer e ficar difusa.

Holt estalou os dedos diretamente na frente do meu rosto.

Meus joelhos começaram a falhar. Ele me segurou em seu colo e caminhou em direção à porta, chutando-a para abrí-la. Ele andou a passos largos para fora, então a minha visão ficou completamente escura...

Alfinetadas geladas começaram a picar minha pele. Em questão de segundos, eu estava completamente encharcada de água e um forte trovão abalou o céu acima de nossas cabeças.

A queda da chuva aterrissou contra a minha carne macia, a carne que deveria estar coberta.

Saltei acordada. —Argh! —Eu gritei, colocando meus pulsos contra o peito de Holt.

Ele olhou para mim, seu cabelo curto estava colado à cabeça enquanto a água escorria de seu nariz e queixo. —Fique comigo, Freckles.

Eu balancei a cabeça. —Eu estou bem agora.

Ele me olhou com ceticismo.

—O que há com você e água? Em primeiro lugar a piscina e agora a chuva. Rosnei, tentando provar a ele que eu realmente estava bem.

—Funciona, não é? — Ele sorriu e eu não pude deixar de notar como a água da chuva delineava seus lábios cheios.

Sim, eu estava bem.

—Podemos voltar para dentro agora? —Perguntei, odiando o modo como as minhas roupas se agarravam a minha pele.

—Eu não sei. Eu meio que gosto da vista. —Brincou, olhando sugestivamente para o meu peito.

Minha camisa era branca.

Eu estava encharcada.

Meus mamilos estavam duros.

Alguma pergunta?

Surpreendentemente, eu não me movi para me cobrir. Eu o deixei olhar. Nossa, em mais alguns meses eu estaria lendo Eróticos se continuasse assim.

Quando eu não protestei ao seu olhar, seus olhos brilharam ao meu rosto e, em seguida, ele virou-se e voltou para dentro. —A polícia estará aqui em alguns minutos.

—Eu provavelmente devia chamar a gerente da biblioteca.

Em vez de me colocar de pé no chão, ele me sentou em cima da mesa de madeira e me encarou. Pela primeira vez, eu estava ao nível dos olhos com ele.

Sem pensar, estendi a mão e afastei uma gota de água que estava prestes a escapar de sua sobrancelha e gotejar em seu olho.

Seus olhos escureceram com o meu toque.

Essa era a eletricidade que eu estava pensando sobre queimar entre nós mais cedo. Graças a Deus que não era uma luz, porque teria nos cegado.

—Diga-me o que aconteceu.

—Ele estava aqui. —Eu disse, rouca. —Ele acendeu a lata com fogo e pegou o extintor das proximidades. Corri para a parte de trás para obter o outro, e ele empurrou uma das prateleiras em cima de mim.

Os músculos do queixo de Holt cerraram e flexionaram sob o restolho que alinhava seu rosto.

—Você fez a barba? — Eu perguntei em voz alta.

Ele sorriu e esfregou a aspereza. —Eu só aparei.

Eu balancei a cabeça.

—Você gostou? —Perguntou.

Mais uma vez toquei-o, descaradamente passando a mão ao longo de sua mandíbula. Era suave e áspera, o equilíbrio perfeito. —Sim.

—É bom saber. —Disse ele, pegando a minha mão, unindo nossos dedos, e então seu rosto ficou sério novamente.

—Obviamente, eu evitaria a prateleira.

—Você conseguiu olhar para o rosto dele? — Eu me encolhi com a esperança em sua voz.

—Não. —Eu admiti. —Eu tentei, mas ele me chutou.

Seus olhos ficaram assassinos. Talvez eu não devesse ter dito isso.

—Ele. Chutou. Você. —Ele rosnou, fazendo com que cada palavra fosse pontuada.

Desta vez eu mantive minha boca fechada.

—Onde? —Perguntou ele.

Eu não ia responder, mas seus olhos estreitaram-se, e eu sabia que ele acabaria por me fazer dizer-lhe. Eu teria que dizer aos policiais de qualquer maneira. O cansaço flutuou sobre mim com o pensamento de suportar ainda mais horas de interrogatório.

Eu levantei meu pulso, o curativo apenas pendurado na área agora, sem cobrir ou proteger qualquer coisa.

As ondas de ódio que rolaram dele deixou-me sinceramente feliz que toda essa emoção não foi dirigida a mim. Ele olhou para a minha pele delicada e ferida (uma parte tinha rasgado na luta e estava escorregadia com algum tipo de pús... Eca, nojento), e eu meio que pensei que o topo de sua cabeça poderia explodir.

Eu lhe asseguraria que eu estava bem, mas a polícia entrou, seguida de perto por um médico com um kit de primeiros socorros.

—Ela precisa de atenção médica. —Holt rosnou, a autoridade emanava em seu tom. O médico correu para me atender, colocando seu kit no chão e abrindo-o. Holt deixou cair sua mão sobre o ombro do homem e apertou.

—Bryant, eu não quero ver um fio de dor atravessar seu rosto quando você tocá-la.

Bryant olhou para mim e engoliu em seco. —Sim, chefe.

—Chefe? — Eu disse, olhando para Holt.

—Eu já volto. —Ele me disse em um tom muito mais suave e depois se afastou.

Bryant estava atrapalhado com suas coisas. As palavras de Holt claramente o deixaram nervoso. —Relaxe. — Eu tentei acalmá-lo. —Ele está apenas no limite sobre o que aconteceu. Estou bem. Eu prometo sorrir o tempo todo em que você cuidar de mim.

—Mas isso vai doer. —Ele desabafou desculpando-se.

—Sim, eu sei. Apenas faça isso. Eu vou ficar bem.

Isso pareceu acalmá-lo um pouco, e ele começou a trabalhar. Doeu. Muito. Eu senti o olhar de Holt e eu olhei para cima, dando-lhe um sorriso falso. Ele revirou os olhos e virou-se para um dos oficiais.

—Hey. —Eu disse ao médico. —Por que você o chamou de chefe?

Ele me deu um olhar interrogativo. —Arkain é o chefe dos bombeiros de Wilmington.

Meus olhos voltaram para Holt onde ele estava falando com a polícia e os bombeiros que responderam à chamada. Seus bombeiros. —Eu não tinha percebido. —Murmurei.

Bryant concordou. —Eu acho que posso entender isso. Ele é um cara humilde. Não gosta de se gabar de sua posição.

Eu fiz um som de acordo enquanto ele aplicava alguma coisa no meu pulso, que fez todo o meu corpo contrair. Mordi o lábio para não gritar.

—Sinto muito! —Disse um pouco alto demais. Holt endureceu e ele virou-se, olhando para mim por cima do ombro.

Pisquei as lágrimas que inundaram meus olhos, e acenei para ele com a mão livre.

Ele disse mais algumas palavras para os homens que estavam ao seu redor e, em seguida, deixando-os, veio para ficar mais perto de Bryant.

Eu nunca percebi o quão intimidante ele era quando ele queria ser.

—Assim que estiver pronta, vamos para casa.

—Mas a polícia vai querer falar comigo. —Eu protestei.

—Não essa noite. Você passou pelo suficiente. Eles estarão lá em casa amanhã de manhã.

—Você está agindo muito mandão agora. —Eu avisei, realmente não me importando em ser mandada.

—Então você está dizendo que quer ficar aqui e responder as perguntas?

—Não.

Ele parecia presunçoso.

—Eu preciso chamar a diretora da biblioteca. —Eu disse, ignorando-o.

Ele entregou o celular e viu enquanto eu discava o número.

—Então. —Bryant disse cuidadosamente. —Vocês dois vivem juntos?

—Não. —Eu disse exatamente ao mesmo tempo em que Holt disse:— Sim.

Bem, isso foi estranho.

A diretora atendeu e me salvou de mais conversa. Depois disso, eu completamente ignorei Holt, Bryant, e a dor enquanto expliquei à minha chefa exatamente o que aconteceu durante todo o tempo, esperando que eu ainda tivesse um emprego.

# Capítulo 12

Eu ainda tinha um emprego. No entanto, fui colocada em uma licença de ausência, por isso a biblioteca e seus visitantes não seriam “submetidos” às tendências assassinas do meu assediador por mais tempo. Era uma licença remunerada, graças a Deus, porque eu realmente precisava do dinheiro, e não queria tentar encontrar outro emprego, e dizer a quaisquer potenciais empregadores, que poderiam ou não ser iscas para um problema.

A maioria das pessoas poderia ficar feliz com um período de férias forçadas e remuneradas.

Eu não era uma delas.

Isso me deixou sentindo mais como uma pipa à deriva, onde o vento soprava. Agora, aos meus olhos, eu não só perdi minha casa, todos os meus bens materiais, mas meu trabalho também. Toda a minha vida tinha explodido na minha cara. Não havia quase nada para eu reconhecer sobre mim mesma.

Lá estava eu, vivendo com um homem que mal conhecia, e invadida com todos esses sentimentos que eu realmente não entendia. Tudo pelo que eu trabalhei por tanto tempo, foi arrancado, e não havia uma rede de segurança debaixo de mim. Eu estava em queda livre através da vida, e isso me assustava muito.

O que eu faria durante todo o dia, agora que eu não tinha o trabalho para preencher o meu tempo?

Era em momentos como este que uma garota como eu poderia usar sua mãe. Alguém com quem falar, que me amasse incondicionalmente, alguém que nunca me julgasse, alguém que apenas estivesse lá o tempo todo - uma constante interminável.

Mas minha mãe não estava aqui.

Ela nunca estaria novamente.

Eu teria que passar por isso sozinha.

E eu o faria. Porque eu era durona.

No momento em que Holt parou o caminhão na calçada, o sol se pôs. Nós ficamos na biblioteca muito mais do que ele queria ficar, mas acabamos por ter que esperar minha gerente chegar lá, para que eu pudesse explicar a ela exatamente o que estava acontecendo. E depois disso, ficamos para recolher os livros e ajudar a limpar um pouco da bagunça.

Não que eu fosse muito útil. Eu estava literalmente exausta, e a dor em meus pulsos era terrível. Eu não queria nada mais do que um chuveiro e uma cama. Holt finalmente me arrastou para fora de lá, ignorando meus protestos e me colocando no caminhão. Silenciosamente, eu estava feliz que ele fez isso.

Quando desligou o motor, ele não saiu. Ele inclinou-se para frente usando o volante como um suporte, e olhou para mim através das sombras dentro da cabine. —Você é muito mais forte do que parece.

Senti meus lábios curvarem. —Isso deveria ser um elogio?

—Você sabe que é. Você lidou com tudo melhor do que a maioria dos homens que conheço.

—Por que você não me disse que era o chefe dos bombeiros?

—Isso importa?

—Não. — E realmente não importava. Seu trabalho não o fazia quem ele era. Eu não tinha dúvidas de que a razão para Holt ter esse trabalho era por causa de quem ele era.

Ele saiu do caminhão, em seguida, veio para o meu lado e abriu a porta. Movi-me para sair, mas ele estendeu a mão e me abaixou, o seu toque mais uma vez foi tão dolorosamente suave.

—Tudo o que eu estou dizendo... —Ele disse suavemente. —... é que se você precisar chorar, eu tenho um ombro.

Suas palavras eram exatamente o que eu precisava ouvir. Isso me fez sentir como se eu não estivesse tão sozinha quanto eu pensava. —Você é um bom homem, Holt Arkain. — Eu me ergui e toquei seu rosto. Ele agarrou minha mão e puxou-a para sua boca, pressionando alguns beijos leves no interior da palma da minha mão.

Isso me fez sentir como se todas as cordas que me mantinha unida por dentro fossem soltas, e agora tudo era lânguido e fluía livremente.

—Vamos lá. —Ele sussurrou, mantendo minha mão e me levando à porta da frente.

Uma vez lá dentro, eu tirei minhas sandálias e apenas olhei para o espaço. Eu estava tão cansada e emotiva. Eu só queria ficar sozinha. Eu ouvi a fechadura da porta atrás de nós, e parecia ser o sinal que o meu corpo estava esperando, o sinal que dizia ao meu cérebro que estava tudo bem desmoronar.

—Eu estou muito cansada. Eu acho que vou para a cama.

Eu não esperei ele protestar, o que eu sabia que ele provavelmente faria. Em vez disso, eu só fui calmamente para seu quarto e fechei a porta. Eu não me incomodei com a luz. Eu gostava do escuro muito bem. Eu não me incomodei nem mesmo em tirar minha blusa e saia. Eu só subi na cama e afundei-me no centro, agarrando um travesseiro e abraçando-o forte.

Então eu enterrei meu rosto em outro travesseiro e comecei a chorar.

Eu odiava chorar. Mas naquele momento, parecia que se eu não colocasse para fora algumas das coisas acontecendo dentro de mim, eu poderia parar de funcionar.

Eu chorei mais forte do que eu tinha em um tempo muito longo, só parando quando eu tive que deixar meu rosto para fora do travesseiro para sugar um pouco de ar muito necessário. Só que as lágrimas não parariam e eu acabaria enterrando meu rosto mais uma vez repetindo o processo.

Não sei quanto tempo fiquei lá, mas, eventualmente, eu ouvi a porta abrir. Meu corpo inteiro enrijeceu, e meu domínio sobre o travesseiro aumentou, a ponto de eu pensar que as penas que o preenchiam poderiam sair pela costura.

Ele não disse nada quando se arrastou para a cama atrás de mim. Sua mão deslizou por cima do meu quadril, e ele gentilmente me puxou, de modo que eu estivesse deitada de costas e ele estivesse olhando para mim através da escuridão.

—Eu não suporto ouvir você chorar mais.

Ele ouviu? Porra, eu estava tentando ficar quieta.

—Venha aqui. —Ele murmurou, estabelecendo-se ao meu lado, e me puxou junto com ele. Eu me encaixei contra ele perfeitamente. Ele era muito maior do que eu e isso me ofuscava completamente, e quando eu resolvi colocar a minha cabeça no peito dele e ele acabou com seus braços em volta de mim, era como se eu estivesse completamente rodeada por ele. Como se eu estivesse finalmente onde eu pertencia. Depois de todos esses anos de pesquisa, eu finalmente encontrei o meu lugar.

Mais algumas lágrimas vazaram e pingaram em sua camisa, mas ele não reclamou. —Está tudo bem, Katie. —Ele murmurou, acariciando meu cabelo.

—Tudo vai ficar bem.

—Minha vida inteira... — Eu disse, fazendo uma pausa para puxar um pouco de ar. —... é um desastre completo.

—Você tem a mim.

Por alguma razão, essas três palavras me fizeram chorar ainda mais. Como um grito que abalava o seu interior e fazia sons feios em sua garganta. Muito pouco atraente.

Ele não disse nada. Ele me segurou, assim como naquela noite no estacionamento. Ele era uma rocha completa, enquanto o caos reinava em torno dele.

Quando eu terminei com o meu grito feio, eu usei a camisa para enxugar os olhos. Ele riu. —Sinta-se livre para usar a minha camisa como um lenço. Disse ele secamente.

—Oh. —Eu disse, nem sequer percebendo o que eu tinha feito. —Eu...

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. —Você se sente melhor?

Sua ternura era apenas mais do que eu podia suportar. Comecei a chorar novamente. —Eu não lavei meu cabelo em uma semana. —Eu solucei, pegando a camisa e usando-a mais uma vez.

—Você não lavou? —Disse, tentando esconder a diversão em sua voz.

—Não. Dói muito minhas mãos e pulsos. —Soltei a camisa. —Sinta o cheiro! — Eu gemi.

Isso pareceu abrir as comportas, mais uma vez, e eu jurei que se eu não parasse de chorar logo, eu nos afogaria.

Eu acho que Holt finalmente teve o suficiente, porque ele soltou-se das minhas garras imprestáveis e saiu da cama. Quando eu pensei que ele tinha ido embora, ele virou-se e me levantou da cama. Ele entrou no banheiro do corredor (eu me recusava a usar o banheiro principal de sua casa, dizendo que era para ele) e puxou a cortina para ligar o chuveiro.

—O que você está fazendo? —Perguntei, desconfiada.

—Vou lavar seu cabelo.

—O que? Não, você não pode!

Visões de mim tendo de ficar nua diante dele nadou pela minha cabeça e criou uma onda de pânico internamente. Antes que eu pudesse tentar escapar de seu abraço, ele pisou no chuveiro, com nós dois completamente vestidos e fechou a cortina atrás de nós.

Eu gritei quando a água molhou minhas pernas e pés. —Holt! — Engoli em seco.

—Mantenha seus braços fora do caminho. —Ele instruiu.

Eu mantive, esticando os braços por cima da minha cabeça para que as bandagens frescas não fossem arruinadas.

Em seguida, ele entrou debaixo do spray, encharcando nós dois. —Nós estamos vestindo roupas!

—Você quer ficar nua? —Ele perguntou.

—Eu sou virgem. —Eu soltei, e imediatamente eu queria morrer de vergonha.

Cada músculo em seu corpo ficou imóvel. Eu não tinha certeza se ele respirava também.

Finalmente, depois de alguns longos e tensos minutos, ele olhou para mim. —Será que eu ouvi direito?

Eu balancei a cabeça miseravelmente. Que diabos me possuiu para dizer uma coisa dessas? Era a verdade, mas puxa, falar assim sem pensar...

Ele deu um passo para trás para fora do spray e me pôs de pé, minhas costas de frente para a água.

Eu esperava que ele saísse.

Eu não esperava que ele ficasse.

Eu não esperava as palavras que saíram da sua boca.

Cuidadosamente, ele pegou meus braços, colocou-os em torno de seu pescoço para que as minhas mãos e pulsos estivessem atrás de sua cabeça, e então ele pegou meu rosto em suas mãos, levantando-o para que ele pudesse olhar para baixo nos meus olhos.

—Isso me deixa muito feliz, Freckles.

Pisquei. —Deixa?

Ele balançou a cabeça lentamente.

—O pensamento das mãos de qualquer outra pessoa em você me deixa louco. Agora eu serei o seu primeiro. E o último.

Oh meu Deus.

Ele abaixou a cabeça, pressionando um breve beijo em meus lábios, antes de se afastar usando suas mãos para inclinar minha cabeça para trás. A água quente derramou sobre o meu couro cabeludo, saturando o meu cabelo e fazendo-me gemer.

—Você realmente vai lavar meu cabelo? —Perguntei.

—Eu não entraria em um chuveiro completamente vestido por qualquer outro motivo. —Ele sussurrou.

—Nós caímos no ridículo.

—Quem se importa?

Eu me rendi então. Ao seu toque. À sensação de suas mãos no meu cabelo. Ele usou um monte de shampoo, e então passou uma quantidade absurda de tempo massageando-o, e depois colocou a massa espessa dos meus fios embaixo d´água. Então ele lavou tudo, e a espuma agarrou-se as nossas roupas e bolhas flutuvam em torno de nós no pequeno espaço fechado.

Ele até o condicionou, tendo o cuidado de trabalhar nas extremidades do emaranhado.

—Isso é tão bom. —Murmurei. Eu acho que nunca tinha sentido nada tão agradável em toda a minha vida. Era como se o mundo inteiro tivesse sumido. Todas as minhas responsabilidades e todo o meu esforço apenas pareceu escorregar pelo ralo com a espuma que ele lavava.

Enquanto ele trabalhava, fui abençoada com a visão de perto de sua camisa encharcada colada ao seu peito. Ela moldava perfeitamente contra o peito malhado e abdomen. Eu podia ver cada músculo, cada plano do seu corpo. Eu me perguntei quantas vezes ele tinha que malhar para parecer dessa forma.

De repente, eu fiquei consciente sobre como eu me parecia. Eu sabia que minha camisa estava transparente. Eu sabia que provavelmente estava colada em mim da mesma forma que a sua. Só que eu não era assim. Eu era magra, com não tantas curvas, e seios pequenos. Ele era todo bronzeado, suave e alto, com músculos ondulantes. Eu era baixa e sardenta, e pálida, sem definição muscular.

—Cuidado com os pulsos. —Disse ele, dando um passo para trás.

Segurei-os acima, pensando que ele nos buscaria algumas toalhas.

Ele tirou a camisa.

Devo ter ficado boquiaberta, porque ele fez uma pausa. —Está tudo bem?

Eu só podia olhar para a forma como as gotas de água se agarravam a sua pele e deslizavam para baixo... Para dentro do cós da calça jeans bastante baixa.

—Eu só queria usá-la. —Ele disse suavemente, dando um passo em direção a mim com cautela como se eu fosse um pássaro com uma asa quebrada. —Para fazer isso. — Ele usou a barra da camisa para limpar o meu rosto e os olhos, limpando o que restava das minhas lágrimas e o que aconteceu antes.

Comecei a fechar os olhos novamente, mas eu os obriguei a permanecerem abertos. Eu queria a satisfação de vê-lo, de dar uma olhada em toda aquela pele.

Meus braços começaram a sentir-se cansados de mantê-los para cima por tanto tempo, mas eu ignorei a queima e continuei a olhar para frente. Seu peito era completamente sem pêlos e brilhava sob a água.

Eu encontrei-me estendendo a mão para ele, apenas querendo ver como seria.

Ele balançou a cabeça lentamente. —Você vai ficar molhada.

—Eu não me importo.

Ele sorriu. —Eu me importo. Bryant fez um bom trabalho nesses ataduras. Você precisa deixá-las por toda a noite.

Eu suspirei, privada de algo que eu queria tanto. Ele deu uma risada profunda e colocou ambos os meus braços para trás em volta do seu pescoço para descansar em seus ombros.

—Posso tocar em você, Katie? — Ele perguntou, com sua voz rouca e baixa.

Eu balancei a cabeça, querendo mais da maneira como ele me fez sentir antes.

Ele começou no meu cotovelo, passando a mão em direção a minha axila onde ele deslizou suavemente sobre a pele sensível e continuou até a minha cintura, deixando um rastro de calor onde quer que fosse. Eu estava vestindo uma camiseta branca que abotoava na frente. Era um estilo trapézio, por isso era mais apertada em cima e, em seguida, tipo flutuava em torno da minha cintura. A saia que eu usava era confortável e preta. Caía em um comprimento modesto (porque era para o trabalho), mas ainda acima do joelho. Eu tive cuidado com as escolhas que fiz quando eu peguei algumas roupas novas. Eu precisava de peças que eu poderia usar para o trabalho e mais casualmente, porque eu só fui capaz de comprar algumas coisas.

Era uma roupa bonita, mas agora eu odiava. Parecia um bloco de concreto que cobria a minha pele. Era uma barreira muito espessa entre mim e ele.

Suas mãos foram para os botões, tocando-os, brincando com eles. —Nós não temos que fazer qualquer coisa que você não queira fazer. Eu não estou tentando forçá-la, ou apressá-la.

Eu engoli em seco quando ele puxou um dos botões, avaliando minha reação. Eu queria gritar para ele arrancá-la, mas não o fiz.

Quando eu não disse nada, ele inclinou-se para que estivesse olhando diretamente nos meus olhos. —Eu só quero explorar você. Eu quero realmente vê-la. Vamos deixar as nossas partes de baixo, ok?

—Não é justo. —Eu disse.

Ele olhou para mim com um olhar de estranheza em seus olhos e inclinou a cabeça para o lado.

—Você pode me tocar, mas eu não posso te tocar.

Seu sorriso era lento e malicioso. —Bom. Eu não quero compartilhar este momento. Nem mesmo com você. Eu vou ser puramente egoísta agora, Katie. Tive o desejo de tocá-la assim desde aquela primeira noite em que ficou aqui. Esta é a minha vez. Sua vez pode esperar.

Ele não disse mais nada enquanto lentamente começava a desabotoar minha camisa. Mesmo depois que foi completamente aberta, ela não caiu como teria se estivesse seca. Ela agarrou-se ao meu corpo, ainda escondendo a maior parte da minha pele.

Ele usou seu dedo indicador para traçar lentamente uma linha, começando no cós da minha saia e deslizando para cima, bem no centro do meu estômago e no peito, onde minha camisa estava ligeiramente aberta.

Estremeci com a maneira como isso me excitou.

Quando chegou ao topo, ele usou as duas mãos para deslizar sob as bordas e empurrá-la para baixo, só que não foi muito longe, porque meus braços estavam para cima. Eu dei uma risadinha nervosa e os abaixei, ainda mantendo-os fora do jato do chuveiro. Ele tirou a camisa, tomando cuidado extra com as

minhas lesões. Moveu-se tão lentamente que eu tornei-me impaciente, e fiz um som na parte de trás da minha garganta.

Ele jogou a camisa sobre a cortina do chuveiro, enquanto o jato quente deslizava sobre meus ombros.

Graças a Deus eu comprei um sutiã bonito.

Todos os meus sutiãs que eu tinha antes eram sem graça, as coisas simples que serviam ao seu propósito. Mas quando fui fazer compras no outro dia, eu fui em direção às roupas femininas com laços e rendas por razões que eu não entendia.

Mas agora eu sabia.

Meu subconsciente estava secretamente esperando que alguém (Holt) fosse vê-los.

Era um tom de pêssego, feito quase totalmente de rendas, com uma pequena curva no centro. As tiras eram sedosas e suaves, e quando eu o coloquei, imediatamente me apaixonei por ele.

Olhei para o rosto dele, me perguntando se ele gostou. Eu observei suas mãos flutuarem sobre meu corpo. Ele estava olhando para mim com uma espécie de temor em seus olhos, o que me fez sentir boba por pensar que eu não seria nada além de bonita aos seus olhos.

Um rápido olhar para baixo me disse o que eu já sabia. Molhado, o sutiã estava praticamente transparente, completamente. Ele não teria necessidade de tirá-lo, porque ele não deixava nada para a imaginação.

Ele tocou as tiras, me observando, e quando eu não fiz nenhum som de recusa, o seu toque tornou-se um pouco mais ousado. Ele segurou meus seios em suas mãos, massageando suavemente, e enfiando seus dedos dentro do topo das taças.

Minha respiração ficou presa com as sensações inesperadas que dispararam através de mim. Sem pensar, minhas costas arquearam, empurrando-

me mais em suas palmas. Seus polegares traçaram um círculo em torno dos meus mamilos, em seguida, brincaram com a dureza, fazendo com que minhas coxas fechassem. Seu modo de tocar meus seios estava causando uma dor no interior da minha calcinha.

Em seguida, com as mãos espalmadas na minha cintura, ele me segurou com firmeza quando abaixou a cabeça e começou a beijar meu peito. Sua boca estava quente, e a água estava começando a esfriar. Mas eu não me importei. Eu ficaria lá sob a água gelada, desde que ele não parasse.

Ele sugou minha pele, algo que eu não sabia que alguém fosse querer fazer, enquanto ele lentamente movia-se, até que ele chupou meu seio direito em sua boca quente.

Ele usou a língua para massagear o mamilo, e um gemido escapou da minha garganta.

Minhas mãos moveram-se para sua cabeça, querendo segurá-lo lá, mas ele fez um som em sua garganta lembrando-me de que eu não deveria tocá-lo.

Como era esperado que eu seguisse essas regras, quando as coisas que ele estava fazendo comigo estavam me deixando louca?

Depois que ele deu atenção total sobre um seio, ele moveu-se, dando exatamente o mesmo tratamento no outro. A esta altura, as minhas pernas estavam tremendo, minha pele estava ondulada com arrepios e minha calcinha estava molhada, e não era da água.

As sensações eram tão poderosas que eu estava um pouco envergonhada.

Ele levantou a cabeça. —A água está fria.

Eu apenas assenti, pois meus lábios não eram capazes de formar uma resposta.

Ele chegou perto de mim e desligou o jato. Antes de se afastar, ele baixou a cabeça e me beijou. Foi lento e suave. Ele perseguiu a minha língua em minha boca e eu na sua.

Em seguida, ele estava me envolvendo em uma toalha, e secando minha pele. Ele deu mais atenção a algumas partes do que outras, mas eu realmente não me importava.

—Eu volto já. Vou buscar algumas roupas secas.

Quando ele se foi, eu afundei no vaso sanitário, pressionando uma das mãos aos meus lábios. Eu estava apaixonada por ele. Eu estava tão apaixonada e foi tão rápido, que eu não sabia como parar isso. Eu não acho que poderia.

Eu estava pronta para isso? Eu seria capaz de lidar com isso, juntamente com tudo o que eu estava lidando agora?

Minha cabeça disse que não.

Meu coração sussurrou que sim.

A porta do banheiro abriu e ele me entregou algumas roupas e, em seguida, fechou a porta atrás de si. Corri para me despir do que foi deixado no meu corpo, levando um minuto para estender os tecidos molhados sobre a haste da cortina. Então eu corri para pentear meu cabelo e agarrei minhas roupas.

Uma calcinha e uma de suas camisetas. Isso é o que ele me trouxe.

Eu sorri o tempo todo em que me vestia.

Felizmente, as ataduras em torno dos meus pulsos pareciam estar em boa forma, mal molharam, e eu estava feliz que eu não teria que me preocupar com elas esta noite. Eu estava me sentindo muito bem para lidar com a dor.

Quando saí do banheiro, ele estava ali encostado na parede, esperando. Ele estava seco e vestido com um short de basquete e sem camisa.

Eu nunca me canso de vê-lo sem camisa.

Ele afastou-se da parede, seus olhos varrendo-me em sua camisa, e eu sabia, pelo olhar em seus olhos, que ele gostou do que viu.

Toda a minha vida eu nunca tinha me preocupado em agradar os outros, mas eu desesperadamente queria agradá-lo.

—Você é linda. —Ele me disse.

—Eu acho que você é também.

—Boa noite, Freckles. — Ele me beijou na testa, seus lábios persistente, e então ele se afastou.

Eu peguei o braço dele quando ele se virou. —Holt?

—O que você quiser. —Foi sua resposta.

Borboletas irromperam em minha barriga. —Você dormirá comigo?

Ele olhou dentro de seu quarto para a cama, em seguida, de volta para mim. —Só se você prometer que não vai tentar se aproveitar de mim. — Ele arregalou os olhos como se estivesse de alguma forma escandalizado.

Eu ri. —Por favor. Você vai gostar.

—Você está certa.

Segui-o para o quarto. Ele puxou as cobertas e, em seguida, fez um gesto para eu entrar. Uma vez que eu estava confortável, ele subiu atrás de mim, puxando os lençóis por cima de nós dois.

Meu corpo ainda formigava do chuveiro, e eu rolei para enfrentá-lo, inclinando-me para beijá-lo. Finalmente, minha mão estava livre do medo da água, e eu fui capaz de passá-la sobre seu bíceps e deslizar sobre seu peito.

—Oh, não, você não vai fazer isso. —Ele murmurou contra os meus lábios, colocando uma das mãos sobre a minha para pará-la.

—Você não quer que eu te toque?

—Oh, querida, eu quero. Mas não esta noite. Eu sou um homem paciente, mas eu não sou nenhum santo. Seu pequeno corpo quente já me empurrou para o meu limite.

Eu fiz uma careta, pensando que poderia não ser uma coisa boa.

Ele deve ter lido meu silêncio, porque ele riu. Eu vi seus dentes brilharem no escuro. —Amanhã. Você pode ter a sua vez amanhã.

Ele me puxou contra o peito e suspirou. Eu me aconcheguei um pouco mais perto.

De repente, parecia o Natal. Eu sabia que quanto mais cedo eu fosse dormir, mais cedo o amanhã estaria aqui.

E mais cedo eu seria capaz de desembrulhar o meu presente... Ou, neste caso, mais cedo eu seria capaz de desembrulhar Holt Arkain.

# Capítulo 13

A polícia veio ao romper da madrugada do dia seguinte. Ok foi depois das nove horas, mas ainda estávamos na cama. Acontece que ele é realmente quente e muito confortável, e faz o ato de acordar impossível.

Mas quando os policiais batem, você atende.

A menos, claro, que você seja um criminoso. Então você provavelmente corre para a porta traseira.

Mas eu não era uma criminosa e eu não correria para qualquer lugar.

Ainda assim, eu não estava feliz com isso. Enquanto Holt atendia a porta, eu fui procurar uma calça. Eu finalmente encontrei um short e o coloquei. Eu estava relutante em tirar a camisa, mas eu sabia que não poderia deixá-la. Por um lado, era tão longa que se eu andasse por aí com ela, pareceria que eu não estava usando calças.

Isso não seria apropriado.

Mas eu me perguntava como o rosto de Holt pareceria...

Foi quase o suficiente para me tentar.

Mas no último minuto, eu tirei-a e coloquei uma regata com um sutiã por baixo. Meus pulsos ainda estavam doendo muito da noite passada, e tudo que eu conseguia pensar era em uma pílula para a dor.

Ok, e Holt.

Mais especificamente, hoje era suposto ser o meu dia para tocá-lo.

Parecia um pouco estranho para mim, que ainda ontem eu tinha ficado um pouco nervosa e me sentindo insegura, mas hoje eu estava me sentindo mais ousada... Mais disposta a dar às coisas uma tentativa.

Eu estava sorrindo quando saí para a sala de estar. Todos os olhos se voltaram para mim. Então me lembrei de que eu não me penteei. Eu provavelmente parecia ter enfiado meu dedo em uma tomada.

Eu fiz uma careta e me perguntei se eles pensariam que seria estranho se eu saísse correndo da sala em busca de um pente.

Olhei para Holt. Ele balançou as sobrancelhas para mim.

Claramente, ele não seria de nenhuma ajuda.

—Se estiver tudo bem, senhorita Parker, gostaríamos de falar com você sobre os acontecimentos de ontem à noite na biblioteca.

—Claro. —Respondi, esquecendo meu cabelo e indo me sentar no sofá.

E assim, as perguntas começaram.

Desta vez, eles estavam mais envolvidos, mais detalhados porque eu realmente tinha visto alguém. Não importa que eu não tenha conseguido dar uma olhada em seu rosto. Eles pareciam pensar que provavelmente eu tinha conseguido, e simplesmente não percebia isso, porque eu estava com medo. Eu não pensava assim. Eu sabia quando eu olhava para o rosto de uma pessoa e quando eu não olhava.

No entanto, eles ainda queriam que eu me encontrasse com um artista de esboço para desenhar o que eu vi. Eu pensei que era estúpido, mas eu concordei com isso de qualquer maneira. Eu certamente não faria nada que pudesse abrandar o caso. Eu queria essa pessoa presa. Eu queria a minha vida de volta.

Eu queria a minha vida de volta ou não?

Depois que eu disse a eles tudo isso pelo menos três vezes, eles ainda disseram a mesma coisa para mim. —Estamos investigando. Seja cautelosa.

—Então, eles finalmente saíram.

No minuto em que Holt fechou a porta atrás deles, eu fui para a cozinha e peguei o meu remédio para dor e uma garrafa de água.

—Como está a dor? —Ele perguntou, olhando para a maneira que eu segurava a garrafa.

Estava ruim. —Melhor do que na noite passada.

Ele me deu um olhar que dizia que ele sabia que eu estava mentindo, mas ele não falou nada.

Depois que eu tomei meu remédio e metade da água, eu disse: — Há algumas coisas que eu preciso comprar. Posso pegar algo para fazer o jantar enquanto estiver fora. Se há uma coisa que você precisa, deixe-me saber e eu vou buscá-la para você.

Ficar aqui era difícil de engolir, por vezes, porque ele não me deixava dar-lhe dinheiro para o aluguel ou utilitários. Eu não gostava de pensar que eu estava abusando dele ou que ele estava cuidando de mim. Eu gostava de cuidar de mim mesma. A capacidade de cuidar de mim era muito importante, porque eu era alguém que nunca me deixaria para baixo. Eu era alguém que sempre olharia por mim. Percebi que Holt estava sendo muito mais favorável do que a maioria, mas eu ainda não queria me inclinar muito sobre isso, porque isso faria me reerguer novamente muito mais difícil.

Finalmente, eu teria que fazê-lo concordar em deixar-me pagar as compras. E então meu tempo na cozinha, tipo, tornou-se aulas de culinária improvisadas, então pelo menos eu senti que estava pagando a ele, mesmo que fosse de forma pequena.

—Eu tenho que trabalhar hoje. —Ele disse enquanto olhava para o relógio.

—Você está atrasado? — Eu perguntei, pensando que normalmente ia logo cedo quando ele tinha que trabalhar.

—Sim.

Meus olhos arregalaram. Eu o fiz se atrasar! Eu me joguei em cima dele na cama e fiz com que ele perdesse a hora.

Ele riu, pegando minha expressão. —Relaxe, eu disse a eles ontem à noite que chegaria atrasado por conta da polícia vir aqui hoje. Sua visita é tecnicamente relacionada ao trabalho.

Alívio me inundou. —Você tem que trabalhar hoje à noite?

Desde que eu estive aqui, ele ainda não teve que fazer um turno da noite, mas eu sabia que era algo que ele sempre fazia. Era apenas uma questão de tempo antes que ele anunciasse que não voltaria para casa. O pensamento dele não estando aqui esta noite era muito decepcionante por duas razões:

Uma, eu não gostava da ideia de estar em sua casa sozinha.

E, duas, se ele não estivesse aqui, eu não poderia olhar para ele sem sua camisa.

—Normalmente, sim. —Ele começou, e eu escondi o meu pesar, mas então ele disse: — Mas outros rapazes concordaram em fazer os meus turnos da noite para que eu pudesse estar aqui.

Isso me fez pensar o quanto ele disse aos caras com quem trabalhava sobre a minha situação. Certamente eles estavam curiosos depois de responder a três incidentes me envolvendo. Fiquei imaginando como seria seu relacionamento com eles. Era um compromisso formal “sim, senhor”, “não, senhor” ou era mais amigável e aberto?

—Oh, bem, eu espero que isso não os leve para longe de suas famílias.

Seus olhos suavizaram com a minha preocupação com a vida de seus colegas de trabalho. —Não irá. Eu fiz um monte de turnos durante a noite e fim de semana no ano passado,desde que eu me separei e divorciei de Taylor. Eles me devem.

Sua menção a Taylor me deixou sentindo um pouco doente. Eu não gostava de pensar em suas mãos perfeitas de Barbie tocando nele.

Murmurei algum tipo de acordo e, em seguida, passei por ele para ir domar o ninho de cabelo na minha cabeça antes de sair.

—Onde você pensa que vai? —Disse ele, me pegando pela cintura e me puxando de volta.

—Escovar meu cabelo?

Para minha surpresa, ele começou a acariciar o lado do meu pescoço. Senti sua profunda inspiração de ar e pensei, *Ele acabou de me cheirar*?

Arrepios correram pela minha pele, e todo o caminho até o chão onde meus dedos curvaram contra o linóleo. Afastando meu cabelo, seus lábios moveram-se através do meu pescoço, apertando beijos suaves e úmidos em minha carne extremamente sensível. Um de seus braços me envolveu por trás, puxando-me totalmente contra o seu corpo. Certamente não me escapou que havia algo muito duro e muito grande me cutucando nas costas.

Apreensão deslizou como um hóspede indesejado pela minha espinha. Eu não tinha ideia de como algo assim deveria caber em alguém como eu. Meu corpo certamente não parecia pensar que seria um problema, mas meu cérebro não tinha tanta certeza.

Virei à cabeça para o lado e ele subiu, capturando meus lábios em um beijo abrangente. Lentamente, ele me girou de modo que eu o enfrentasse e ele pudesse reivindicar plenamente a minha boca. Antes de afastar a sua cabeça, ele segurou minha bunda, dando-lhe um aperto suave e, em seguida, olhando para mim com um sorriso completamente satisfeito no rosto.

—Bom dia.

Algo havia mudado entre nós. Ontem à noite foi a primeira vez desde o nosso beijo de manhã na cozinha. Eu pensei que depois do beijo ele não estivesse interessado, por causa da maneira como ele se afastou. Mas agora... Agora nos

sentimos mais próximos. A energia magnética que pulsava entre nós era mais difícil de ignorar.

—Qual é o problema, Freckles? —Disse ele, dando um beijo leve na ponta do meu nariz.

—O que mudou? —Eu disparei.

Ele recuou. —Mudou?

—Você parecia estar tentando manter distância entre nós antes, mas depois de ontem à noite...

—Eu deveria ganhar uma medalha por manter minhas mãos longe de você por tanto tempo.

—Foram apenas alguns dias. —Eu o lembrei secamente.

—Parecia que foi a vida toda.

—Então, aqueles primeiros beijos... Você gostou deles?

Seus olhos arregalaram-se. —Você pensou que eu não tivesse gostado?

—Bem, depois que você não me tocou...

—Merda. —Ele xingou e passou a mão sobre a sua cabeça. —Eu gostei muito. As faíscas entre nós são tão quentes, que eu estava com medo de não ser capaz de parar. Eu estava com medo de que fosse assustá-la. Graças a Deus eu parei, porque você é tão inocente.

Inocente? Ugh.

Eu cruzei os braços sobre o peito. —Então, o que mudou sua mente?

Seu sorriso era sexy e cheio de insinuações. —Eu percebi que você poderia lidar com o calor.

Eu ainda não tinha tanta certeza, mas eu não lhe disse isso. —Bem, você está definitivamente quente.

Ele sorriu. Ele tinha um ego tão grande. —Quão quente?

Eu balancei minha cabeça. —Tão quente que seu toque deixou marcas ardentes na minha pele.

Ele assobiou entre os dentes. —Droga. Eu sou bom.

Eu dei um tapinha no seu peito. —Eu vou ficar pronta.

Eu terminei apenas puxando meu cabelo em um coque na cabeça, sem sequer tentar domar o frizz. Era uma das razões que eu sairia. Eu precisava de algum *serum* para ajudar a domá-lo. E eu também precisava de um pouco de loção corporal, algumas lâminas de barbear descartáveis, e algumas outras necessidades de menina. Se Holt me tocaria muito mais, então eu precisava ter uma boa aparência.

Enfiei os pés em um par de sandálias e agarrei a bolsa de lona azul-marinho que eu peguei da prateleira, contendo a minha ID da biblioteca, um brilho labial, e os novos cartões bancários. Felizmente, o banco me enviou novos imediatamente, para me salvar de muitas viagens para o próprio banco.

Eu ainda não tinha uma carteira ou qualquer um dos outros itens que eu usava para carregar, mas era melhor do que nada.

Eu fui até a porta da frente quando percebi que estava me esquecendo de algo essencial.

Eu não tinha um carro.

Ele ainda estava recolhido para provas.

Holt saiu do corredor alguns minutos depois, vestido para o trabalho em um jeans escuro e uma camisa de botão branca, com as mangas enroladas em torno de seus cotovelos e colarinho aberto na garganta.

—Qual é o problema?

—Eu me esqueci de que eu não tenho o meu carro.

—Bem, isso é um problema.

Dei de ombros. —Eu vou chamar um táxi. Enquanto estiver trabalhando, vou passar na delegacia e perguntar sobre o meu carro.

—Você não vai pegar um táxi.

—Por que não?

—Porque eu não tenho nenhuma ideia de quem dirige essas coisas. Eles provavelmente nem sequer têm licenças reais de condução.

Eu bufei. —Okay, certo. Isso não é ilegal?

—Assim como incêndio criminoso e assassinato. —Disse ele sério.

Eu senti a cor drenar do meu rosto.

—Eu não estou tentando assustar você. — Ele suspirou.

Ele realmente não estava. Eu já estava com medo.

—Você pode levar o meu caminhão.

Meus olhos quase pularam da minha cabeça. —Eu pensei que garotas não estivessem autorizadas a conduzir o seu caminhão.

—Você não é qualquer garota.

—Eu não sou?

Ele balançou sua cabeça.

Olhei para fora da janela em direção à calçada onde seu caminhão muito, muito brilhante estava. —É muito grande.

—Não, não é.

—Eu vou bater nas coisas.

Seus olhos estreitaram-se. —É melhor não.

—Eu vou ficar aqui, então.

—Você ficará entediada em cinco minutos.

—Eu prefiro ficar entediada a dirigir essa coisa com freios.

—Vamos lá. —Ele chamou, saindo pela porta da frente. —Você pode me deixar no trabalho.

Eu segui atrás dele, esperando que eu não fosse me arrepender.

# Capítulo 14

Três listas telefônicas. Essa foi a quantidade de listas que ele teve que empilhar no banco para que eu pudesse ver por cima do painel de instrumentos.

Eu não estava envergonhada.

Não.

Mortificada, desconfortável, e vagamente divertida. Praticamente tudo isso dizia como eu me sentia, enquanto os bombeiros da estação o assistiam empilhar suas listas telefônicas no banco do motorista de sua picape vermelho-cereja e, em seguida me içar para dentro.

Não importa o fato de que eu senti que tinha que esticar minha perna todo o caminho para pressionar o pedal do acelerador.

Eu ri quando me virei para entrar no estacionamento da *Target* (é a minha loja favorita), lembrando ligeiramente do esverdeado da pele de Holt enquanto eu dirigia para longe. Quando eu levantei a mão para acenar para ele, o verde ficou muito mais profundo e ele gritou:

—Ambas as mãos no volante!

Quero dizer, realmente, por que ele insistiu que eu dirigisse o caminhão?

Era um veículo agradável, mas realmente grande, e era um pouco como conduzir um barco. Parecia saltar ao longo da estrada, mergulhando sobre cada pequeno buraco ou irregularidade no pavimento.

Eu estacionei a cerca de uma milha de distância da entrada. Eu tinha pavor de atingir lateralmente outro carro, ou prendê-lo em um ponto que eu não seria

capaz de voltar atrás. Então eu escolhi a última vaga do lote, assim eu seria capaz de conduzir direto para fora de lá quando eu saísse.

Eu realmente não estava com vontade de fazer compras, mas eu não tinha nada melhor para fazer, então vaguei por um bom tempo, olhando para as coisas que eu não precisava e para outras coisas que eu desejava poder pagar. Eu apareci na seção de casa e me peguei escolhendo coisas que seriam ótimas na casa de Holt. Almofadas para a cama, arte para as paredes, utensílios de cozinha que poderia suportar suas tentativas de uma refeição. Quando percebi o que estava fazendo, eu fiquei ali olhando em volta como se alguém me pegasse com o meu vestido dobrado em minha meia-calça, e papel higiênico no fundo do meu sapato. Eu fugi para a seção de maquiagem antes de acabar no balcão de jóias olhando anéis de diamante.

*Não vai acontecer*, eu me lembrei, porque, claramente, eu precisava de um lembrete.

Depois disso, eu fui ao que realmente precisava: lâminas de barbear, pinças, produtos de cabelo, e todos os outros artigos que uma menina pode precisar. Meu olhar desviou-se para algumas fivelas realmente belas, mas eu não me incomodei em pegá-las porque elas custavam muito dinheiro.

Suspirando, eu me virei, pegando um movimento com o canto do meu olho. Olhei rapidamente, só para ver algo escuro desaparecer no final do corredor. Eu não pude conter a forma como minha frequência cardíaca acelerou ou o ligeiro tremor nas mãos.

*É apenas alguém fazendo compras*. Eu me tranquilizei.

Mesmo assim, eu me afastei da seção, olhando para baixo nos corredores enquanto eu passava. Cerca de três filas abaixo, eu o vi.

Um homem com um capuz escuro.

Tudo no meu carrinho tombou com a força da minha parada brusca.

*Que diabos você está fazendo*? Minha mente exigia. *Corra*!

Mas era tarde demais. A pessoa ouviu o meu deslize e virou, empurrando para trás o capuz e olhando na minha direção.

Longos cabelos loiros derramavam sobre os ombros. Ela me deu um olhar estranho enquanto eu estava lá e fiquei boquiaberta. Eu tentei sorrir e não soar como uma perseguidora completa.

—Desculpa! Achei que você fosse outra pessoa. —E então eu me afastei, silenciosamente me xingando.

Peguei duas caixas de barras energéticas que eu notei que Holt gostava de comer, e então fui para a seção de roupas de dormir. Olhei para todos os pijamas bonitos, com os tops e shorts correspondentes. As camisolas eram femininas e bonitas com curvas e bolinhas. Pensei em comprar alguma coisa... Algo que eu pudesse usar para dormir no caso de Holt decidir dormir comigo novamente esta noite.

Mas no final, eu não o fiz.

Porque se eu comprasse essas camisolas, eu não precisaria de sua camiseta.

Eu fui para o caixa, sentindo pequenas alfinetadas de aviso na parte de trás do meu pescoço. Eu me senti mal... Senti-me observada.

Olhei em volta, mas ninguém parecia estar olhando.

Rapidamente, eu paguei meus artigos e empilhei os sacos no carrinho. Eu poderia carregar todos eles, mas com meus pulsos ainda cicatrizando, e a distância que eu teria que caminhar até o caminhão, decidi que usaria o carrinho.

Lá fora, o calor do sul do verão me atingiu, e eu parei para pegar em um dos sacos, o meu novo par de óculos de sol que eu escolhi. Eles eram brancos com lentes ovais largas. Uma vez que estavam na minha mão, eu verifiquei a rua e depois continuei, atrapalhada com a etiqueta pendurada na haste dos meus óculos.

Eu ouvi a aceleração de um motor, mas não olhei para cima.

Não até que ouvi um chiado de pneus que parecia perto demais e alguém do outro lado do estacionamento dar um grito.

Eu levantei minha cabeça.

O tempo parou.

O carro não.

No último segundo, eu foquei no carro na minha frente, e mergulhei para o lado, batendo em um carro estacionado e caindo sobre o asfalto quente.

O som de trituração de metal perfurou meus ouvidos.

Eu estava ciente do carro se afastando, e, em seguida, havia pessoas me rodeando, tentando me ajudar a sair do chão.

Um homem com calça jeans e uma camiseta preta inclinou-se sobre mim.

—Puta merda! Você está bem? Ele tentou te atropelar.

Eu olhei para ele, pressionando a mão na minha testa. Tudo estava rodando e me deixando tonta.

—Eu vou chamar a polícia. —Disse ele e puxou um telefone celular. Foi quando notei os sapatos. Eles eram totalmente novos ou raramente gastos. Marca comum aos homens.

Eu dei uma guinada para cima da calçada, estendendo uma das mãos para me equilibrar contra o carro nas proximidades. O homem estendeu a mão para me ajudar, e eu me afastei antes que ele pudesse me tocar.

—Não há necessidade de chamar a polícia. Estou bem.

Seus olhos arregalaram-se. Ele era jovem, talvez da minha idade. Ele não parecia o tipo de cara que tentaria me queimar até a morte. Mais de uma vez. Eu odiava o fato de que eu estava instantaneamente desconfiada de todos ao meu redor.

Claro, o que eu esperava? Que ele andasse por aí usando uma camiseta que dizia INCENDIÁRIO em toda a frente?

Improvável.

—Senhora, esse cara acabou de tentar te atropelar!

—Sim, eu estava lá. —Eu gritei. Eu estava realmente cansada de alguém tentando me matar.

—Você precisa chamar a polícia. —Disse uma mulher que estava nas proximidades.

—Será que alguém anotou a placa? Uma descrição? Qualquer coisa?

—Perguntei. Qualquer coisa seria útil.

Todo mundo olhou em volta fixamente um para o outro.

O cara com o tênis falou. —Ele era um homem. Ele usava óculos e um casaco escuro.

Meu joelho havia raspado de onde eu caí, e eu podia sentir o sangue quente escorrendo pela minha perna.

—Obrigada. —Eu disse a ele, tentando não olhar para seus sapatos e gritar. Eu sabia que ele não era o cara que tentava me matar, mas me deixava louca saber que não podia confiar em ninguém. Como eu poderia continuar com a minha vida e não olhar para cada homem vestindo esses sapatos ou um capuz escuro? É assim que a minha vida seria a partir de agora, eu sempre olhando por cima do meu ombro, procurando em cada rosto por um sinal de que eles eram o assassino?

O homem dos sapatos suspeitos me olhou com cautela. Reuni o sorriso que pude e disse:

—Obrigada por me oferecer ajuda. Eu realmente gostei disso.

—Você realmente não quer que eu chame a polícia?

—Não. Não há nada que possam fazer. Ele se foi.

Alguém aproximou-se e eu fiquei tensa, esperando algum tipo de ataque. Um jovem casal estendeu minhas sacolas, oferecendo-me as minhas compras derramadas.

—Acho que juntamos tudo. —A menina disse simpaticamente. Ela tinha um rabo de cavalo loiro e pele muito bonita.

Agradeci-lhes e depois me abaixei para pegar tudo o que despejou da minha bolsa quando eu caí.

A multidão começou a sair, felizmente, e tudo que eu queria fazer era sair dali também. Agarrando as sacolas com ambas as mãos, dei um passo para longe do carro com as pernas bambas e olhei para o caminhão, que estava como um farol à distância.

Mas então me lembrei dos meus óculos de sol.

Devo tê-los deixado cair na minha pressa de fugir do atropelamento.

Eles estavam caídos na rua.

Ao lado do carrinho de compras.

Que estava completamente amassado e uma das rodas tinha caído.

Abaixei-me e peguei os óculos de sol. Eles estavam dobrados ao meio e uma das lentes foi quebrada.

*Que pena*, pensei. Que desperdício de um bom par de óculos.

Uma risada histérica surgiu na minha garganta, e eu a engoli, caminhando em direção ao caminhão, jogando minhas sacolas para dentro e, em seguida, içando-me.

Uma vez lá, eu desmoronei contra o assento, tentando acalmar o tremor das minhas mãos.

Poderia ter sido um acidente.

Eu sabia que não era.

# Capítulo 15

Fui para casa. Eu só bati em alguns meios-fios ao longo do caminho, sendo um deles em frente da casa.

Eu entrei e verifiquei cada quarto e armário para me certificar de que não havia assassinos à espreita, e então eu fui para o banheiro e limpei o arranhão e sangue seco na minha perna.

Graças a Deus ele tinha um kit de primeiros socorros debaixo da pia, porque eu precisava de um curativo.

Depois eu me enrolei no sofá, inalando o cheiro de Holt nas almofadas. Repassei os canais de televisão, procurando algo que pudesse tirar a minha mente do fato de que alguém lá fora me queria morta.

Não era algo que eu poderia envolver o meu cérebro facilmente. Parecia que em um minuto eu estava diante de uma estante de livros, indo à caça ao tesouro em um mercado de pulgas, e me perguntando que tipo de doces tinha para comer enquanto eu assistia a um filme, e no próximo eu estava constantemente sendo perseguida por uma chama ardente, olhando por cima do meu ombro quando eu saía em público, e vivendo com um homem que acabei de conhecer.

Minha mãe sempre disse que a chave para a vida era jogar com as cartas que você recebia. Bem, como eu poderia jogar quando eu não entendia o jogo?

Um comercial de algum show de entretenimento de “celebridades” que passava à noite invadiu meus pensamentos, levando-me a olhar para cima.

*Novos detalhes sobre a morte no mês passado do ícone do rock, Tony Diesel, foram liberados. O relatório da autópsia confirma que sua morte repentina e chocante foi causada por uma overdose acidental de drogas. Tony foi enterrado*

*semanas atrás em um cemitério exclusivo em Beverly Hills. O serviço não foi aberto ao público. Agora que a causa da morte foi confirmada, toda a atenção será dirigida...*

Peguei o controle remoto e mudei o canal, completamente desinteressada em fofocas de celebridades.

Eu não sabia quem era Tony Diesel. Eu não ouvia música de rock. Eu achava que soava como um bando de homens gritando palavras ininteligíveis em um microfone. Eu preferia pop e música country. Mas pareceu-me que ele e eu tínhamos algo em comum.

Nenhum de nós estava muito bem com a morte.

Não importa quanto dinheiro você tem, quão famoso é, ou quão mal você está, você só quer ser deixado sozinho. A overdose de drogas parecia uma maneira bastante ruim para morrer. É claro que eu realmente não sabia de quaisquer boas maneiras de morrer.

Eu balancei minha cabeça. Eu estava sendo estranha e mórbida. Todos esses pensamentos sobre a morte e como morrer. Verificar os armários e os chuveiros por assassinos à espreita. Isto não era realidade. Isto era um pesadelo, e eu queria muito acordar.

E desde que eu já estava acordada, isso realmente não parecia ser uma opção.

Então eu decidi estar em negação.

Eu me sentaria aqui e assistiria a um infomercial sobre a perda de cabelo para homens, e fingiria que não me importava com o mundo.

Ok, eu não assistiria a isso. Era ridículo.

Eu mudei de canal até que encontrei uma maratona do *The Vampire Diaries*.

Pelo menos os homens nessa série não eram carecas.

Eu mergulhei em triângulos amorosos e drama de adolescente pelo resto do dia. Foi realmente muito divertido. Mesmo assim, quando era hora de pegar Holt, eu estava feliz. Eu senti falta dele todo o dia. E não era porque eu tinha estado com medo. Houve um monte de vezes em minha vida quando eu estive com medo ou insegura, mas eu nunca senti falta de ninguém. Eu só contava comigo mesma.

Eu senti falta de Holt por que... Bem, porque sim.

Eu não pensaria sobre o motivo.

Quando eu estava caminhando para o caminhão (eu estacionei na rua, então eu não teria que voltar pela calçada) um carro estava passando por ela. Normalmente, eu não teria pensado em nada disso, exceto pelo fato de que alguém tinha acabado de tentar me atropelar.

Em vez de mover-me em direção ao caminhão, eu parei no centro do pátio e olhei para o carro enquanto ele passava. Não era um sedan escuro como o carro no estacionamento da Target. Era um BMW prata.

Eu juro que ele abrandou a velocidade à medida que passava pelo quintal onde eu estava. As janelas eram tão escuras que eu não podia ver quem estava sentado no interior. Eu esperei até que o carro saísse da rua antes de correr para o caminhão e me fechar dentro.

No final da rua, parei, certificando-me de que ninguém estava atrás de mim, e ajustei as listas telefônicas debaixo da minha bunda. Uma delas havia escorregado e estava muito desconfortável.

Uma vez que terminei, eu coloquei o caminhão de volta na pista e olhei para a rua antes de acelerar. O BMW prata estava estacionado algumas casas abaixo, no meio-fio.

Estranho, eu pensei e passei por ele. Cerca de quatro casas abaixo na direção oposta, o BMW voltou para a estrada e me seguiu.

Chame-me de louca, mas isso provavelmente não era bom.

Meu aperto no volante intensificou, meus dedos ficaram brancos. Eu disse-me para ter calma, que provavelmente era alguém apenas dirigindo para onde quer que tivesse que estar. Mas isso não me impediu de verificar compulsivamente o espelho retrovisor para ver se ele ainda estava lá a cada três segundos.

Ele estava.

Ele era um homem, se eu não estava enganada. Ele tinha o cabelo muito curto e óculos de sol no rosto. Eu não podia fazer mais nada, e eu precisava manter minha atenção na condução. Pensei em ligar para Holt, mas depois me lembrei de que eu não tinha um novo telefone celular ainda.

Cheguei a um cruzamento bastante grande e achei que seria o lugar em que ele viraria. Ele iria para a direita em direção à área mais congestionada com as lojas e restaurantes, e eu iria para a esquerda em direção ao quartel.

Mas isso não aconteceu.

Virei-me e ele também, ficando mais ousado e movendo-se para ficar logo atrás de mim. Ele parou tão perto por trás que, quando eu olhei no retrovisor, eu não podia ver seu pára-choque dianteiro. Nervos torceram meu estômago e eu me mexi no meu lugar. Suor cobria as palmas das minhas mãos, tornando o volante escorregadio enquanto eu dirigia.

*Quase lá.*

O homem que seguia logo atrás deu uma buzinada. Eu pulei e uma das listas telefônicas deslizou para fora da pilha. Sentei-me tão alto e em linha reta quanto eu poderia e deslizei para a borda do assento, pressionando para baixo no acelerador um pouco mais. O grande motor respondeu imediatamente e eu disparei à frente.

O BMW disparou também.

Quando eu olhei no retrovisor, notei que ele não estava só me importunando com sua buzina não autorizada, mas agora ele estava com o braço para fora da janela, sacudindo-o para mim.

O braço dele estava coberto de tecido escuro.

O pânico tomou conta.

A estação dos bombeiros apareceu, e eu coloquei o pedal no metal. O caminhão acelerou pela rua, com os pneus chiando contra a estrada e soltando um pouco de fumaça. Eu não me importava. Eu continuei indo, dirigindo tão rápido quanto eu podia. Eu quase ultrapassei o estacionamento, mas eu pisei no freio, puxei o volante e dirigi ao longo do meio-fio. Eu derrapei até parar na pista central, não em um local de estacionamento e não dando a mínima.

Eu abri a porta quando um dos homens veio com confusão no rosto. Eu pulei para o chão, tropeçando um pouco, e meu pulso amorteceu um pouco da queda, e eu gritei.

O BMW parou no estacionamento atrás de mim. A porta do motorista abriu para que o homem pudesse sair.

—Ajude-me! —Eu gritei, me levantando e correndo em direção ao bombeiro. —Aquele homem está me perseguindo!

Corri para frente e ele me pegou pelos ombros, e seu olhar focou no outro homem atrás de mim.

—Ele tentou me tirar da estrada!

Outros homens estavam saindo para a garagem agora, avaliando a situação e formando um círculo em volta de mim.

—Katie. —Gritou o homem, e eu me virei, olhando para os caras que me cercavam. Meu perseguidor era um homem mais velho com ombros largos e um bronzeado.

—Oh meu Deus, ele sabe o meu nome. —Disse ao homem ainda segurando meus ombros. Seus olhos escuros estreitaram-se no meu rosto, e sua boca puxou em uma linha sombria.

—Ele não vai chegar perto de você. —Prometeu.

O homem correu e eu gritei.

Ele foi interceptado por vários bombeiros com muita raiva. Ele tentou empurrar através deles, ainda com a intenção de chegar a mim. Eu o ouvi falar, mas não entendi suas palavras.

E então um dos homens dirigiu seu punho no rosto do homem e ele caiu no chão.

Meu corpo inteiro relaxou com alívio.

O estrondo de uma porta se abrindo e batendo na parede me fez pular e olhar para o quartel. Passos pesados bateram dentro da garagem, aproximando enquanto Holt gritava meu nome.

Quando eu peguei um vislumbre dele, todo o meu corpo deu um grande suspiro. Os homens ao meu redor se separaram, dando-lhe um caminho diretamente para mim. Ele parou apenas a ponto de me puxar em seus braços, com seus olhos varrendo cada polegada de mim antes de se estabelecer no meu rosto.

—Eu não destrui seu caminhão. —Eu disse, tentando soar como outra coisa, e não completamente aterrorizada.

E então eu estava em seus braços. Meu rosto enterrado contra a força de seu peito.

Finalmente, eu estava segura.

# Capítulo 16

—Não deveríamos ter ficado? —Perguntei-lhe, olhando para fora da janela traseira enquanto nós dirigíamos para longe da estação dos bombeiros.

—Se nós ficássemos, eu o teria matado.

—Oh. Bem, então eu acho que foi bom termos saído.

—Você quer me explicar por que eu quero matar esse cara lá atrás?

Eu disse a ele exatamente o que aconteceu, deixando de fora a parte sobre quase ser atropelada na Target. Achei que não ajudaria suas tendências assassinas.

*Olhe para mim, brincando sobre o assassinato*. Isso realmente não era engraçado.

—Ele sabia o meu nome. —Eu sussurrei. Eu acho que essa foi a parte que mais me incomodou.

Holt estendeu o braço e eu deslizei pelo banco e encaixei-me em seu lado. Poucos minutos depois, chegamos em sua casa, e isso me fez pensar em outra coisa.

—Ele sabe onde vivemos. — E isso levou algo para longe de mim que eu nem percebi que eu tinha. Segurança. As paredes da casa me faziam sentir protegida, me faziam sentir como se eu não precisasse ter medo o tempo todo.

—Se alguém quiser entrar naquela casa, Katie, eles terão que passar por mim.

Isso não me fez sentir melhor. Isso me fez sentir pior. Eu não queria que qualquer tipo de dano chegasse a ele enquanto tentava me proteger.

No interior, afastei-me para o banheiro para limpar meu rosto com um pano fresco e acalmar meus nervos em frangalhos. Holt estava na cozinha mexendo nos armários e foi aí que eu percebi que não tinha ido às compras.

—Eu me esqueci de comprar algo para o jantar. —Eu disse do canto da sala.

—Quer sair?

—Claro. — Seria melhor do que sentar aqui e esperar algo ruim acontecer.

—Eu vou só tomar um banho muito rápido. — Eu pensei que talvez isso ajudasse a lavar um pouco da loucura a qual me envolvi hoje.

Holt concordou em nos levar para um lanche. Lembrei-me das barras energéticas que eu comprei, e que tinha tirado do saco que eu tinha despejado na cama e ignorado.

—Aqui. —Eu disse, entregando as duas caixas. Eu estava esperando que ele não percebesse como as caixas estavam parecendo trituradas e mutiladas.

—Que diabos aconteceu com isso?

—Eu deixei cair. —Eu murmurei e virei-me para fugir para o chuveiro.

—O que aconteceu com seu joelho, Katie?— O tom em sua voz me fez parar imediatamente.

—Meu joelho? — Eu perguntei inocentemente.

—Freckles. —Ele rosnou, o aviso claro.

—Eu tive um acidente no estacionamento da Target.

—Que tipo de acidente?

Eu decidi apenas acabar com isso. —Tentativa de atropelamento e fuga.

—Não há um arranhão no meu caminhão. —Disse ele, sem entender o que eu quis dizer.

—Não fui eu quem atropelou. Mas fui eu quem fugiu.

—Você está me dizendo que alguém tentou te atropelar com seu carro?

—Eu estou bem. —Eu insisti.

—Por que você não me chamou! —Ele exigiu.

—Porque você estava no trabalho.

—E?

—E... Eu não farei você vir correndo toda vez que algo acontece.

—Acho que você também não chamou a polícia, não é? —Ele disse, com a voz tensa.

—Não. Eu só queria voltar para casa.

—Jesus.

—Essa não é uma linguagem muito agradável.

Ele rosnou uma risada e sacudiu a cabeça. —Você é um ímã para problemas.

—Eu não pedi a você para lidar com o meu problema. —Eu rebati e, em seguida, corri para o banheiro e me tranquei nele.

Lágrimas queimaram os meus olhos e me deixaram com raiva. Eu não choraria. Eu cansei de chorar.

Liguei o chuveiro e, em seguida, abri a porta do banheiro, certificando-me de que ele não estivesse do lado de fora, apenas esperando para gritar comigo novamente. Ele não estava, por isso, reuni todas as minhas coisas no quarto e escorreguei para dentro.

Eu mantive a água a uma temperatura morna. Eu achei que a água quente me faria sentir ansiosa estes dias, provavelmente por causa de todo o calor que eu suportei no fogo. A memória da última vez que estive neste chuveiro parecia ser tudo o que eu conseguia pensar.

A forma como suas mãos deslizaram sobre a minha pele úmida. A forma como seus dedos trabalharam o shampoo no meu cabelo e massagearam a tensão do meu couro cabeludo. Meu corpo começou a doer por ele de forma que eu nunca tinha sentido antes. Não era uma dor ruim, no entanto. Era o tipo de dor que eu não queria que fosse embora, um desejo que desabrochava profundamente e que tomava conta debaixo da minha pele.

Eu calmamente me lavei e me depilei. Felizmente, eu não precisava lavar meu cabelo e eu apenas deixei as bandagens em meus pulsos molharem. Elas precisavam ser trocadas de qualquer maneira.

Uma vez que terminei, eu me sequei e retirei as ataduras ensopadas, tomando cuidado para secar as feridas completamente. Então eu abri a loção corporal de pêssego e apliquei na minha pele seca, menos nos meus pulsos.

Eu consegui trabalhar meu cabelo em uma trança lateral suave que caia sobre meu ombro, com pequenas ondas caindo em volta do meu rosto. A única maquiagem que me incomodei em fazer foi colocar uma máscara leve nos meus cílios e um gloss cor de pêssego-rosa. Vesti meu único jeans e uma camiseta cinza que cobria meu peito.

Todas as minhas ataduras para meus pulsos estavam na cozinha, e quando saí do banheiro, eu esperava que Holt tivesse perdido um pouco de sua raiva.

Ele estava de pé na sala de estar, mas ele não estava sozinho. A polícia estava aqui. Eles poderiam muito bem sumir.

—Oficiais. —Eu disse, entrando na sala. —É sobre o homem do BMW?

—Sim, senhora. Nós estávamos saindo. O Sr. Arkain pode lhe atualizar.

—Vocês não querem me questionar? — Surpresa saía de mim em ondas.

—Não há necessidade, neste momento. —Um deles respondeu enquanto Holt os levava até a porta.

Ele mal fechou a porta quando eu comecei a fazer perguntas. —O que eles disseram? Eles prenderam esse homem?

Holt atravessou a sala e puxou-me contra seu peito. —Eu sinto muito.

As palavras pareceram retumbar de seu peito.

—Está tudo bem. — Minha voz estava muito abafada contra ele, então eu não tinha certeza se ele sequer tinha me ouvido.

—Não é sua culpa que tudo isso esteja acontecendo. Eu não devia ter gritado com você.

Eu me afastei para pegar as ataduras que eu precisava. —Eu deveria ter chamado você.

Ele as pegou de mim e fez sinal para eu me sentar. A essa altura, ele já estava acostumado a trocar essas ataduras, e ele fez isso no piloto automático, funcionando de forma rápida e sem problemas. —Você será um perito quando essas coisas estiverem curadas o suficiente para ficarem descobertas.

—Não é algo no qual eu queira ser um especialista. —Ele disse com tristeza.

Um silêncio pesado nos envolveu, como uma espécie de névoa espessa nas primeiras horas da manhã. —Você sabe o que eu penso?

—Que eu sou totalmente impressionante?

Eu bufei. —Além disso.

—Então você concorda?

Eu dei um tapa em seu braço de brincadeira. —Chega de falar sobre assassinato, perseguições de carro, ou incêndio esta noite.

—Você não quer saber o que os policiais disseram?

—Não, realmente. — Eu estava cansada de pensar sobre tudo isso.

—Então, o que você sugere?

—Jantar. Conversa normal. Sorvete.

—E beijo? —Ele perguntou, puxando o fim da minha trança.

Antecipação passou por mim. —Eu gosto de beijar.

—Você gosta de tocar? —Ele deslizou a mão por dentro da minha coxa vestida de jeans.

—Você gosta? — Eu retruquei corajosamente, fazendo o mesmo com sua perna.

—Cuidado, querida. Se você quiser sair desta casa, observe o que você faz com os dedos.

De repente, o jantar não parecia tão importante. —Eu mudei de ideia.

Seus dedos acalmaram onde descansavam na minha perna. —Sobre o que?

—Eu realmente não preciso jantar. — Meus dedos subiram um pouco mais alto. —Ou conversar.

Ele gemeu, me agarrou pelo cós da minha calça e me puxou para mais perto, então eu estava presa entre suas pernas.

—Tudo o que eu pensei hoje foi sobre ontem à noite. —Ele murmurou, puxando minha boca para baixo contra a sua.

Sua língua não perdeu tempo, e investiu na minha boca disposta demais e acariciando contra a minha. Preguiçosamente, nossas línguas giraram em um círculo, em uma pequena dança sedutora que disparou pequenos jatos de emoção dentro dos nervos sob o meu jeans.

Os músculos da minha vagina começaram a flexionar como se eles estivessem se preparando para alguma coisa... Ou na possibilidade de convidar alguma coisa.

—Holt. —Eu disse sem fôlego, um pouco de hesitação encontrou o seu caminho na nuvem do meu desejo.

—Nós não faremos qualquer coisa que você não queira fazer, Freckles.

— Suas mãos deslizaram até o topo do meu rosto com ternura, e seu beijo tornou-se dolorosamente suave. Era a sua gentileza que me fazia sentir ousada.

Eu subi em seu colo, abrangendo sua cintura e pressionando o meu peito contra o seu. Era deliciosa a forma como seu corpo estava sob o meu, a forma como cada parte de mim ficou sensibilizada, e cada toque me embalou até o meu núcleo.

Agarrei um punhado de sua camisa e puxei-a sobre suas costas e, em seguida, passei os dedos sobre sua pele nua. Ele soltou meu rosto para puxar a camisa por cima da cabeça e quando ele inclinou para trás para me beijar de novo, eu balancei a cabeça.

—É a minha vez. —Eu o lembrei.

Ele deixou cair às mãos entre nós, descansando perigosamente perto do centro da minha calça jeans, e meu corpo reagiu, empurrando-se um pouco mais perto de suas mãos.

Ele começou a puxar alegremente o botão da minha calça quando comecei minha exploração de seu físico incrível. Comecei em seus ombros, desci minhas mãos ao longo de sua massa incrível e, em seguida, arrastei mais para baixo para agarrar seus bíceps definidos. Sua pele era suave e quente ao toque, me fazendo querer subir em cima dele e encontrar um lugar para descansar.

Mantendo meu aperto seguro, inclinei-me e dei um beijo no canto dos seus lábios. Ele virou a cabeça para que eu pudesse beijá-lo totalmente, mas eu me afastei e, em seguida, comecei a beijar o meu caminho até sua orelha, tomando o lóbulo em minha boca e gentilmente sugando-o. Quando eu terminei,

segui com a minha língua para cima em torno da forma de sua orelha, antes de sussurrar o quanto eu amava o jeito que ele cheirava.

Suas mãos agarraram o interior das minhas coxas, e um gemido baixo vibrou de seu peito.

Olhei para baixo, observando que os meus mamilos não eram os únicos a endurecerem em minúsculos botões pequenos, então eu passei a mão contra eles, e parei para beliscá-los levemente entre o polegar e o dedo indicador.

Olhei para ele, minha língua molhando meus lábios. —Posso beijar você?

—Querida, você pode fazer o que diabos você quiser.

Inclinei-me, passando minha língua sobre um desses brotos duro e, em seguida, cobrindo-o com os meus lábios completamente. Chupei-o em minha boca e suas mãos encontraram minha cabeça, inclinando-a para que eu estivesse ainda mais perto e prendendo-me lá. Eu aumentei a pressão, sugando um pouco mais forte, e fui recompensada com um gemido rosnado.

Em seguida, eu deslizei mais e fiz a mesma coisa com o outro enquanto minhas mãos começavam a traçar ao redor da cintura de sua calça de brim.

Quando eu terminei de me esbanjar em seus peitorais com atenção, eu me sentei, inclinando-me para beijar seus lábios, mas o meu movimento enviou uma corrida intensa de prazer através do meu centro, e um pequeno suspiro saiu dos meus lábios.

Ele olhou para mim com as pálpebras pesadas, dando-me um sorriso. Agarrando meus quadris, ele me guiou em um movimento de balanço suave que começou a desligar metade da minha mente. A forma como o meu jeans esfregava contra o seu me deixou com fome, com mais fome do que eu já tinha tido.

Eu coloquei meus braços em volta do seu pescoço, apertando-me contra ele, tomando à dianteira e beijando-o profundamente. Eu não tirei minha boca da dele; Eu não procurei por ar. Eu não precisava de oxigênio, eu precisava mais dele.

Suas mãos serpentearam entre nós, e ele usou um único dedo para acariciar a costura da minha calça jeans que pressionava contra a minha virilha.

Algo explodiu dentro de mim e eu gemi. Eu não pude aguentar, e desmoronei contra seu peito enquanto ele aplicava mais pressão contra aquele local secreto. Onda após onda de êxtase rolou em cima de mim, e cada pensamento coerente fugiu minha mente.

Quando ele finalmente tirou a mão e deslizou por baixo da minha camisa e em minhas costas, meu corpo estava completamente desossado e corado da cabeça aos pés. O cume duro em suas calças ainda pressionava contra mim, agitando ainda mais o desejo dentro de mim.

Foi incrível.

Eu me afastei para olhar em seus olhos atados de paixão. —Leve-me para a cama, Holt.

—Se você não estiver pronta... —Ele começou, e eu silenciei suas palavras com um beijo provocativo e balancei contra ele mais uma vez.

Ele levantou enquanto eu travava minhas pernas em volta de sua cintura, e me levou para o quarto, puxando as cobertas e me espalhando em todo o centro do colchão.

Sentei-me, estendendo a mão para o botão de sua calça jeans.

Sua mão cobriu a minha. —Você tem certeza?

Eu nunca estive tão certa de algo na minha vida inteira. Na verdade, eu tinha certeza de que se ele não cobrisse meu corpo com o seu bem ali, eu ficaria louca.

—Você um dia quis tanto algo que mal podia ver?— Eu sussurrei.

—Todos os dias, desde que você entrou nesta casa.

Eu estiquei a mão e desabotoei a calça jeans, baixando lentamente o zíper. Com um puxão suave, ela cedeu, abandonando-a ao chão. Meus olhos foram diretamente para a protuberância sob sua cueca boxer. Era uma grande protuberância que me fez engolir em seco.

Ele me empurrou para trás na cama, inclinando-se sobre mim, e sua ereção roçou o interior da minha coxa. Perguntei-me novamente sobre o seu tamanho, mas antes que pudesse me preocupar, ele estava movendo-se para baixo, para agarrar o fim da minha calça jeans em meus tornozelos. O tecido do jeans raspou sobre as minhas pernas enquanto ele o arrastava para fora, e o ar frio do quarto roçou minha pele superaquecida.

Quando minha calça foi embora, ele segurou meu pé e começou a beijar até o interior da minha perna. Eu comecei a tremer de desejo. Era quase como se o meu corpo entendesse o que ele faria, mal conseguindo conter sua emoção.

Seu beijo estava na parte de trás do meu joelho agora, movendo-se para cima... Para cima... Então ele beliscou o interior da minha coxa. Eu olhei para baixo, no comprimento do meu corpo em contraste marcante com sua cabeça escura contra a palidez da minha coxa. Eu tremi.

—Holt. —Eu disse, chocada com meu tom grosso.

Ele olhou para cima, aqueles olhos claros me perfurando apenas acima do meu lugar mais secreto. Eu pensei que ele fosse dizer algo.

Ele não disse.

Com nossos olhos focados, eu assisti enquanto ele lambia o centro da minha calcinha. Minhas costas arquearam para fora da cama, e um gemido involuntário perfurou o silêncio em torno de nós.

Ele enfiou os dedos no tecido e deslizou-o para baixo pelas minhas pernas, jogando-o em algum lugar por cima do ombro. Então ele inclinou-se para baixo, roçando as pregas suaves do meu centro, e começou a fazer coisas com a sua língua que eram totalmente pecaminosas.

Entre suspiros, senti seus dedos suavemente separar minhas dobras e, em seguida, a textura ligeiramente áspera de sua língua mergulhou em minha entrada e me fez chorar.

Agarrei um punhado do lençol de cada lado dos meus quadris, e apertei-os até que eu pensei que o tecido pudesse rasgar. Meus joelhos tremiam tanto, de forma incontrolável, que eu provavelmente teria ficado constrangida se eu tivesse espaço para todo esse pensamento dentro do meu cérebro.

Pouco antes de eu cair mais uma vez sobre a borda da felicidade completa, ele afastou-se e sorriu. —Você está tão incrivelmente molhada e tem um gosto tão doce.

Sentei-me, minha cabeça zumbindo um pouco como se eu estivesse bêbada, e peguei o cós da sua cueca. Ele estava tão duro agora que criou uma tenda nela.

Antes de puxar o tecido para baixo, eu me inclinei para frente e pressionei um rastro de beijos por seu abdômen e abaixo de seu umbigo.

Holt puxou minha camisa sobre a minha cabeça e chegou perto para soltar meu sutiã, deixando-me completamente nua aos seus olhos. Era justo que ele ficasse tão nu quanto eu.

Eu arranquei a última barreira remanescente entre nós, e meus olhos arregalaram-se com a maneira como ele se projetava para cima no espaço.

Foi a primeira vez que eu vi esta parte de um homem pessoalmente. Eu queria tocá-lo, para ver que tipo de reação ele teria, mas eu estava com medo de que ele não fosse gostar. Eu estava com medo de que eu pudesse fazer isso errado.

Eu decidi começar no interior de suas coxas, do jeito que ele fez para mim. A pele aqui não era tão suave quanto sua parte superior do corpo. Pêlos cobriam os topos de suas pernas e cresciam densamente logo acima de seu pênis.

Enquanto eu subia, segurei suas bolas na minha mão, gentilmente roçando meu polegar em um círculo em torno delas, mesmo antes de lhes dar um aperto muito gentil e seguir em frente.

Olhei para ele, novamente insegura, mas seus olhos estavam fechados e sua respiração estava difícil, então eu assumi que estivesse fazendo a coisa certa.

Com um pouco mais de incentivo, eu envolvi minha mão em torno da base de sua dureza e acariciei delicadamente para cima. Esta era a parte mais macia e lisa em todo o seu corpo. A cabeça era um pouco mais larga do que o resto, e quando eu deslizei para cima, minha outra mão pegou logo abaixo dele e ele gemeu, um gemido que rasgou de seu peito.

—Você está tentando me matar? —Disse Holt, com a voz tensa.

—O que? Não. —Eu puxei minha mão, pensando que eu tivesse feito algo errado.

Ele fez um som e me empurrou de volta na cama, vindo sobre mim, seu peso prendendo-me ao colchão.

—Você não fez nada de errado, Freckles. Você fez tudo tão perfeitamente bem, que se eu permitir que você me toque mais, a diversão vai acabar antes de começar.

Eu passei a mão contra sua barba macia, apreciando a forma como ela fazia cócegas na minha palma.

—Eu já volto. —Disse ele, dando-me um beijo rápido antes de desaparecer em seu banheiro. Aproveitei a oportunidade para deslizar para cima da cama, colocando a cabeça perto dos travesseiros.

Alguns segundos depois, ele reapareceu com um pequeno pacote de embalagens na mão. Ele atirou ao meu lado e deitou-se na cama.

Eu meio que pensei que esta seria a parte em que, você sabe, ele me possuiria. Mas eu estava errada. Ele começou a me beijar de novo, prestando atenção a cada parte minha, como se eu fosse algo que precisava ser valorizado.

Eu fiz alguns toques e carícias, mas na maior parte, ele não me deixou tocá-lo, dizendo que haveria tempo de sobra para isso mais tarde.

Eventualmente, ele estabeleceu-se entre as minhas pernas ainda trêmulas, o comprimento dele brincando com minha entrada. Ele me beijou, e então ouvi o rompimento do pacote de papel alumínio, e suas mãos me deixaram completamente.

Antes de descer contra mim novamente, ele colocou as mãos sobre o interior das minhas coxas e empurrou minhas pernas mais abertas. Usando dois dedos, ele gentilmente deslizou em meu núcleo, fazendo-me gemer em antecipação.

—Você está pronta para mim. —Ele disse suavemente, puxando o dedo e, em seguida, vindo sobre mim mais uma vez. —Eu vou ser gentil. —Ele jurou.

Nervos tensionaram meu corpo um pouco, e eu agarrei-me a seus quadris, esperando a dor que eu sabia que estava por vir.

—Olhe para mim, Katie. —Ele pediu, e assim o fiz.

Ele era lindo, e havia tanta emoção em seu rosto, que eu segurei seu queixo e dei um beijo em seus lábios.

Ele uniu nossos corpos em um movimento rápido.

Eu gritei, e não porque doeu, embora tenha doído apenas um pouco, mas porque a sensação dele me enchendo quase me enviou ao limite.

Ele manteve-se parado, segurando o peso em cima de mim com seus braços.

Eu beijei seu ombro. Eu beijei seu pescoço. Virei à cabeça e beijei seu bíceps. Ele começou a mover-se em seguida, com movimentos lentos preliminares no início, mas depois começou a aumentar.

—Diga-me que está tudo bem. —Ele sussurrou em meu ouvido.

—Está perfeito.

Ele puxou para fora e, em seguida, mergulhou em mim de novo e de novo, balançando completamente todo o meu mundo. A tensão começou a construir dentro de mim, e eu comecei a mover-me com ele, pedindo a doce liberação.

Holt baixou a cabeça e colocou um dos meus mamilos em sua boca, me excitando com os dentes.

Eu gritei, e todo o meu corpo estremeceu enquanto um poderoso orgasmo me rasgava. Agarrei-o, com medo de que eu pudesse enlouquecer.

Acima de mim, seu corpo ficou rígido e com um mergulho final, eu senti a sua libertação em meu centro. Sua dureza empurrou de novo e de novo, acariciando contra as paredes do meu colo do útero.

—Puta merda. —Disse ele depois de alguns minutos de nada, além da nossa respiração pesada. Ele rolou de cima de mim, caindo na cama e olhando para o teto. —Isso foi... — As palavras dele morreram.

—Foi tudo bem? —Perguntei, meu corpo vibrava. Eu nunca tinha me sentido tão satisfeita, nunca. Eu só esperava que ele sentisse o mesmo.

Ele riu. —Esse é o sonho molhado de cada homem e garoto vindo à vida.

Eu acho que isso significava que foi bom.

Ele rolou para o lado e colocou uma mão contra a minha cabeça. —E você? Sente-se bem?

Eu ouvi um pouco de dúvida em sua voz, e eu sorri. —Essa foi a melhor primeira vez que qualquer menina ou mulher já teve.

Ele sorriu. Ele tinha um bom sorriso.

—Quem é o homem? —Ele cantou.

—Você é definitivamente o homem. —Eu disse, rindo.

Ele me deu um beijo rápido e depois saltou para o banheiro, onde ouvi a água correr. Eu sabia que precisava me limpar também, mas eu não conseguia encontrar a energia para sair da cama. Holt voltou, ainda completamente nu, mas desta vez seu... sua parte não estava mais em atenção.

Ele carregava um pano branco pequeno, e subiu entre minhas pernas e começou a me limpar. —Você não tem que fazer isso. —Disse eu, de repente me sentindo muito tímida.

—É o meu trabalho cuidar de você. —Disse ele, nenhum indício de desafio em sua voz. Era como se eu fosse o trabalho mais importante que ele jamais teve.

De repente, não parecia uma coisa tão ruim ser cuidada por Holt.

Quando terminou de me limpar, ele jogou a toalha no banheiro onde ela bateu contra o chão de ladrilhos. Ele estendeu ao meu lado, reuniu-me em seus braços, e apoiou o queixo no topo da minha cabeça.

Ergui a cabeça e olhei para ele através da iluminação muito fraca. —Você me deixará cuidar de você também?

Seu rosto suavizou e ele sorriu. —Sim.

Eu estabeleci-me de volta contra ele, sentindo um inchaço suave no meu peito.

Depois de alguns momentos, ele disse: — Então, como é que você vai cuidar de mim?

Enfiei minha mão em seu estômago e para baixo em direção aos seus quadris. Seu peito retumbou com prazer, mas ele pegou minha mão. —Não tão rápido. Seu corpo vai precisar de um pouco de tempo para se ajustar.

—Eu me sinto bem. —Eu resmunguei e, em seguida, meu estômago roncou alto.

—Parece-me que alguém precisa comer.

—Pode ser sorvete?

—Sorvete então. —Disse ele, batendo no lado do meu quadril.

—E depois do sorvete?

—Eu acho que já terá passado da sua hora de dormir. Eu vou ter que te botar na cama. —Sua mão moveu-se para o meu seio enquanto falava.

—Promete?

—Oh, querida, sempre.

# Capítulo 17

Eu não posso acreditar que fiz isso. Ok, esse foi um pensamento completamente juvenil, além do fato de que eu peguei minhas roupas e corri para o banheiro, só para encostar-me à parte de trás da porta e sorrir como uma idiota, enquanto as borboletas completamente assumiam o interior do meu corpo.

Eu reprimi uma risada e comecei a vestir meu vestido verde-oliva. Um olhar no espelho me disse que eu era uma bagunça total. Eu liberei a trança amarrotada e soltei as mechas agora onduladas.

Acabo de perder minha virgindade. E foi incrível.

Eu nunca percebi que o sexo poderia ser assim. Só de pensar nisso, meu corpo praticamente deslizou em uma poça bem ali no chão. Tudo dentro de mim parecia solto e líquido. Minha cabeça estava um pouco bêbada, como se eu tivesse tomado vinho demais. Eu também estava mais consciente das minhas partes femininas, mais do que eu já tinha estado antes. Eu me sentia diferente lá em baixo, esticada, um pouco dolorida, e talvez até um pouco inchada.

Larguei o pente e me olhei no espelho diretamente nos olhos. Será que eu tinha arrependimentos? Eu procurei dentro de mim mesma. Eu procurei fundo, passando pelo formigamento do meu corpo, e a satisfação dentro dos meus membros. Olhei tudo, não me esquivei de quaisquer pensamentos ou sentimentos que rodavam em torno de mim.

E eu encontrei a resposta.

Não.

Bem, ok, talvez eu tivesse um arrependimento: o fato de que eu não tinha feito isso mais cedo.

Outra risadinha escapou da minha boca e eu agarrei o meu brilho labial, cobrindo meus lábios. Holt bateu na porta do banheiro enquanto movia-se pelo corredor. —Tire sua bunda daí, Freckles. Você está linda.

Retiro o que eu disse.

Estou contente por não ter feito isso mais cedo. Estou feliz que eu levei o meu tempo e esperei por alguém que realmente me fez sentir desse jeito. Eu poderia ser inexperiente quando se tratava de sexo e romance, mas eu não sabia que cada mulher havia experimentado isso. Na verdade, eu tinha quase certeza de que não havia mais ninguém que poderia me fazer sentir da maneira como Holt me fez.

Depois de lavar cuidadosamente as mãos, eu saí para a sala, pegando a minha bolsa e empurrando meus pés em minhas sandálias. Holt manteve a porta aberta para mim e saí para o sol do fim de tarde.

Apenas quando os meus pés pisaram na grama, um BMW prata parou na calçada e estacionou atrás do caminhão de Holt.

Eu congelei, realmente não sabendo o que fazer. Esse cara não deveria estar na cadeia? Ele não deveria estar sentado na delegacia de polícia pelo que ele tentou fazer-me apenas algumas horas atrás?

Uma menina não podia ir tomar um sorvete sem se preocupar com quem pudesse estar esperando por ela do lado de fora?

Holt chegou ao meu lado, segurando suas chaves, e olhando na direção do BMW com irritação estampada em seu rosto. Eu pensei que fosse um pouco estranho ele não estar exibindo os sentimentos assassinos, segundo ele, que sentiu por esse cara antes.

Imagino que era por que…

—Agora pode ser um bom momento para me dizer o que a polícia disse.

Ele colocou a mão na parte inferior das minhas costas e inclinou seu corpo em direção a mim e ligeiramente para frente. —Ele é um advogado. Ele afirma que está tentando falar com você já faz um tempo.

—Então, os advogados geralmente tentam tirar as pessoas da estrada, quando eles querem falar? — Eu bufei. —As pessoas têm essas coisas agora chamadas de telefone.

—Você não tem um telefone mais. —Ele me lembrou suavemente.

Oh. Bem, verdade.

Mas eu ainda não estava disposta a dar a esse cara o benefício da dúvida. Ele me assustou.

—Os policiais não podiam segurá-lo. Tecnicamente, ele não fez nada de errado. —Ele falou em voz baixa, inclinando-se para dizer suavemente as palavras perto da minha orelha.

—Você acredita neles? —Perguntei, virando-me para olhar em seus olhos.

Eu vi a nuvem de dúvida sombreada com azul. —Eu certamente não planejo confiar nele. Mas talvez nós devêssemos, pelo menos, perguntar-lhe antes de eu liberar o cachorro louco.

Eu arqueei uma sobrancelha. —O cachorro louco?

Ele sorriu. —Dentro de cada homem existe um cachorro louco apenas esperando para sair.

—Certo. —Eu arquivaria essa informação inútil para que eu nunca precisasse saber novamente.

O Sr. BMW abriu a porta do carro e saiu, de pé entre seu carro e a porta para olhar para nós por cima do teto do carro.

—Senhorita Parker? Peço desculpas pelo mal-entendido mais cedo, mas meu nome é Paul Goddard, do *Goddard, Goldberg e Stein*. Eu sou um advogado. Eu já percorri um longo caminho para falar com você.

Essa era apenas uma tentativa idiota de ficar perto o suficiente para me matar?

Holt inclinou-se e cochichou no meu ouvido: —Os policiais disseram que sua identidade confere.

—O que você quer? — Eu gritei para o homem.

—Eu só preciso de alguns minutos de seu tempo. É sobre alguns documentos legais.

—É sobre a minha casa destruída pelas chamas?

—Não, senhora. Eu não estava ciente de que sua casa havia sido incendiada, até que cheguei à cidade hoje.

—De onde você é?

—Hollywood, Califórnia.

—Eu não conheço ninguém na Califórnia.

—Estaria tudo bem se eu me aproximasse para explicar?

Ponderei esse pedido por um momento. Ele estava certamente sendo cauteloso desta vez. Ele parecia com um advogado. Vestindo um terno escuro e gravata. Seu cabelo grisalho era curto e tinha um bronzeado profundo, o que implicava que ele poderia ser da Califórnia (ou que ele tinha um vício saudável em bronzeamento artificial).

Claro, agora eu estava curiosa para saber o que isso poderia ser.

—Ok. —Eu disse a ele.

Ele abaixou em seu carro e pegou uma pasta, fechou a porta e atravessou o quintal para parar a alguns pés de distância. Ele tinha um olho negro de onde um dos homens da estação dos bombeiros lhe deu um soco. Eu não me sentia mal sobre isso. Ele mereceu.

—Eu sinto muito que começamos com o pé errado. —Ele começou.

Eu ri. —Se você considerar seguir-me por toda Wilmington, buzinar para mim, e tentar me tirar da estrada seja "começar com o pé errado", então eu suponho que você está certo.

—Eu não estava tentando tirá-la da estrada. Eu estava tentando chamar sua atenção. Você é uma mulher muito difícil de encontrar, senhorita Parker.

—Você me chamou de Katie antes.

—Mais uma vez, outro erro. Eu pensei que você pudesse parar de entrar em pânico se eu te chamasse pelo primeiro nome. Eu pensei que lhe daria a impressão de que eu estava familiarizado com você.

Holt bufou. —Familiar como um perseguidor.

—Sim, também. — Ele limpou a garganta. —Eu não tinha percebido que estava tendo alguns... problemas até que fui escoltado para a delegacia de polícia.

Cruzei os braços sobre o peito. —Alguém está tentando me matar. —Eu respondi sem rodeios.

—Eu receio que possa saber o motivo.

Holt enrijeceu ao meu lado e agarrei minha bolsa, torcendo a alça em minhas mãos. —Talvez devêssemos falar sobre isso lá dentro.

Holt me entregou as chaves da porta da frente e, em seguida, conduziu-me à frente dele, mantendo-se entre mim e o advogado em todos os momentos.

Eu sentei-me na ponta do sofá, com ansiedade e suspeita me encobrindo. Holt sentou-se ao meu lado e eu deslizei um olhar para ele. —A polícia não disse nada sobre isso com você? —Eu perguntei.

Ele deu um leve aceno de cabeça.

O Sr. Goddard ouviu e respondeu: — Eu não discuti isso com a polícia. Privilégios de cliente-advogado.

—Eu não sou sua cliente. — Eu estava ficando irritada com toda essa conversa que eu não entendia.

—Não. Mas seu pai era.

Você poderia ter ouvido um alfinete cair no silêncio que se seguiu. Eu me mexi desconfortavelmente. —Você deve estar enganado. Eu não tenho um pai.

—Senhorita Parker, você sabe quem era Tony Diesel?

Eu enruguei meu nariz, pensando no comercial que eu vi antes. —O cantor de rock?

—Não me diga que você não gosta de rock. —Disse Holt.

—Não é o meu favorito.

Ele colocou a mão sobre o coração enquanto eu fazia uma careta.

Revirei os olhos.

—Tony Diesel era como um deus do rock. —Holt anunciou. —Foi uma pena sobre a sua morte.

Olhei para o Sr. Goddard, que estava balançando a cabeça solenemente.

—O que isso tem a ver com alguma coisa?

—O Sr. Diesel citou você em sua última vontade no testamento.

—Eu? — Eu disse, sentindo-me mais confusa a cada segundo.

—Você é Katherine Eileen Parker, não é?

—Eu gosto de Katie.

—Você nasceu em 15 de março de 1991, e o nome da sua mãe é Elena Marie Parker.

—Era. —Eu o corrigi, com minha voz oca.

—Como?

—Minha mãe morreu há vários anos.

—Sinto muito, eu só sei a informação que estava no arquivo. Eu não olhei para a sua... situação. Eu realmente deveria ter checado.

—Não se desculpe. Está tudo bem.

O Sr. Goddard fez uma pausa, sentando-se na extremidade oposta do sofá e olhando para Holt enquanto fazia isso. Quando Holt não se opôs, ele colocou a pasta no espaço entre nós e abriu-a, pegando uma pilha de papéis vinculados.

Então ele olhou para cima.

—Tony Diesel nomeou você como seu único parente vivo, a sua filha, para ser mais preciso.

Eu pulei como se alguém tivesse me dado um tapa, e olhei para ele tão intensamente que a minha visão ficou embaçada. Holt passou o braço em volta da minha cintura, mas eu mal senti.

—Ele não era meu pai. —Eu sussurrei, com uma dor cortando meu peito. Se isso era algum tipo de piada de mau gosto, foi muito, muito ruim.

—Com toda a honestidade, eu não sei se ele é ou não. Mas ele parecia pensar que você era. Tenho aqui uma carta escrita por Elena Parker datada no outono de 1990. Ela escreveu para o seu pai, explicando que ela estava grávida, que ele era o pai. —Enquanto falava, ele me entregou a carta.

Eu a desdobrei, olhando para a caligrafia que pertencia a minha mãe. Olhei para ela, sentindo lágrimas nos meus olhos enquanto eu seguia com o dedo as letras das palavras que ela escreveu. Minha mãe uma vez segurou este pedaço de papel. As frases escritas aqui eram todos pensamentos que estavam dentro de seu cérebro. Ao longo dos últimos sete anos, eu senti falta dessas partes suas, partes que ainda lamentava, mas partes que nunca voltariam. O pouco que eu tinha foi queimado na noite em que minha casa pegou fogo.

Esta carta... representa tanto. Era o último pedaço restante da única pessoa que amei.

—Hey. —Holt disse suavemente, passando a mão sobre a parte de trás do meu cabelo.

—Posso ficar com isso? —Perguntei, olhando para o Sr. Goddard.

—Sim. — Então ele colocou o maço de papéis do testamento na minha frente. —Eu sei que isso deve ser incrivelmente difícil de ouvir. Tony Diesel... Bem, posso ser franco?

—Por favor. —Eu disse, ainda olhando para a carta enquanto uma única lágrima descia sobre minha bochecha.

—Tony Diesel era um músico brilhante. Ele nunca perdeu um show, amava seus fãs, e trabalhou duro em seu trabalho.

—Sinto um “mas” chegando. —Disse Holt.

—Mas ele também era egoísta, um viciado em drogas, e podia ser um bastardo real.

—E? — Eu insisti.

—E, portanto, ele ignorou sua mãe e esta carta completamente. Ele nunca reconheceu você como sua filha até que ele entrou em meu escritório com essa carta há alguns anos, e disse que queria deixar a maior parte de sua propriedade para você.

—Por que ele faria isso?

—Meu palpite? Porque ele não tinha qualquer outra família, e os amigos que ele teve todos eram muito ricos. —Ele fez uma pausa. —E porque ele gostava de causar um rebuliço. Ele provavelmente queria chocar as pessoas uma última vez.

—Bem, eu definitivamente estou chocada.

—Eu trouxe os documentos comigo para você assinar.

—E se eu não for realmente sua filha?

O advogado fez uma pausa e olhou para cima. —Já que ele e sua mãe não estão mais aqui, você pode nunca saber com certeza. Mas isso realmente não importa.

—Não? —Perguntou Holt, sentando-se para frente.

—Não. Legalmente esse dinheiro é seu.

—E você acha que esta é a razão para alguém querer me matar?

—Eu acho que é perfeitamente possível.

—Quanto dinheiro você está falando aqui? —Perguntou Holt.

—Quarenta milhões de dólares.

Holt assobiou entre os dentes e sentou-se contra as almofadas. —Isso é um motivo muito legal para um assassinato.

Eu não podia sequer compreender essa quantidade de dinheiro. Era mais do que qualquer pessoa pode precisar. —E se eu não quiser isso? — Eu disse, o pensamento escapando da minha boca.

—Bem, você poderia doar tudo para a caridade.

Eu balancei a cabeça. Eu poderia fazer isso. Eu poderia assinar tudo e depois não ter que pensar em nada disso nunca mais.

—Senhorita Parker, levará algum tempo para pensar sobre isso. Isto é algo que não deve ser decidido durante a noite. O dinheiro pode ficar no banco até que você saiba ao certo o que quer fazer.

—Ele tinha uma casa? Carros? —Perguntou Holt.

—Sim, ele tinha várias casas. Todas delas, exceto uma, serão postas à venda. Esse dinheiro é seu também.

—O que vai acontecer com aquela que não está à venda?

—Na verdade, ele deixou essa para outra pessoa.

—Eu pensei que você disse que ele não tinha qualquer outra família.

—Ele não tem. Ele deixou para a sua mais recente ex-esposa. Ela viveu lá por pouco tempo, então eu suponho que ele sentiu que era parte dela.

—Quanto tempo eles foram casados? —Perguntei.

—Apenas um ano. Eles se divorciaram há dois anos.

Todos nós sentamos ali em um silêncio constrangedor por vários momentos antes de o Sr. Goddard limpar a garganta. —Eu deixarei uma cópia do testamento e vários outros documentos para que você possa olhar. Meu vôo de volta para a Califórnia não ocorrerá até depois de amanhã. Tome uma noite para pensar sobre isso, e podemos nos encontrar de novo amanhã.

Ele empilhou uns papéis no centro do sofá e, em seguida, fechou sua pasta. Ele levantou-se, olhou para mim, em seguida, sentou-se.

—Há mais alguma coisa? —Disse Holt, inclinando-se novamente.

—Eu sinto que eu deveria avisá-la. —Ele começou.

—Sobre? —Questionei.

—Eu não era o advogado de seu pa... de Tony. Eu não lidei com qualquer um de seus aspectos legais, exceto esse seu testamento. Como eu disse, ele veio até mim há alguns anos com essa carta, e ele me pediu para elaborar um novo testamento, e foi o que fiz.

—E sobre o seu outro advogado?

—Ele é um associado na minha empresa. Seu nome é William Courtland, e ele trabalhou com Tony por vinte anos. Ele tratava de todos os negócios pessoais e profissionais de Tony. Eles eram amigos também. Eu sempre disse a ele que misturar amizade com negócios era uma má ideia, mas ele afirmou que não seria um problema.

—E ele não sabia que Tony veio até você para que mudasse seu testamento?

—Eu não penso assim. Eu nunca disse a ele, e parece-me que, se Tony quisesse que ele soubesse sobre as mudanças, ele teria pedido a William para fazê-las. —Enquanto falava, uma fina camada de suor irrompeu em seu lábio superior, e ele bateu em sua testa com as costas da mão. Eu não conseguia descobrir por que isso iria deixá-lo tão ansioso. Mas, em seguida, ele continuou.

—Nós não temos falado com William em mais de duas semanas. A última reunião que tivemos, ele estava preparando os documentos para trazê-los aqui para notificá-la e obter suas assinaturas. Eu estou supondo que ele nunca chegou?

—Não.

Ele franziu a testa. Era óbvio que o desaparecimento deste homem o incomodava.

—Ele já fez algo assim antes? —Perguntou Holt.

—Não. — Então, ele deu de ombros. —Bem, sim, mas ele estava geralmente com Tony e ele sempre ligava para nos avisar. — Então ele olhou Holt diretamente nos olhos. —É uma sensação diferente desta vez.

Holt balançou a cabeça lentamente.

—Diferente como? —Perguntei frustrada, porque parecia estar tendo algum tipo de conversa não dita.

—William estava com raiva quando descobriu que a maior parte da propriedade de Tony foi deixada para você. Ele sentiu que depois de vinte anos de amizade leal, de estar de plantão para Tony vinte e quatro horas por dia, ele merecia algum tipo de compensação.

—Tony não deixou nada a ele? —Perguntei, pensando em quão terrível isso era.

—Ele deixou. Vários milhões de dólares. Mas William não parecia pensar que foi o suficiente. —Mais uma vez, ele olhou para Holt.

—Por que você pediu a ele para trazer os documentos se ele estava com raiva?

Mais uma vez, o Sr. Goddard enxugou a testa. —Porque ele pareceu aceitar sua vontade depois de alguns dias. Ele foi para o funeral privado. Ele veio para trabalhar todos os dias. Quando eu tinha uma importante reunião com um cliente, ele se ofereceu para trazer os documentos. Ele disse que poderia ser seu último caso oficial para Tony.

Então, basicamente, o que ele estava dizendo era que, lá fora em algum lugar, em algum lugar nas proximidades, provavelmente estava um homem que se sentia traído e empurrado de lado, e toda essa raiva era dirigida a mim.

Quarenta milhões de dólares parece ser uma razão suficiente para eu morrer.

—Obrigado por ter vindo. —Disse Holt, de pé. O Sr. Goddard fez o mesmo e os dois homens se aproximaram da porta.

Segui, mas parei ao lado do sofá, precisando de um pouco de espaço.

—Sinto muito por fazê-lo ser preso. E pelo seu olho. —Eu disse. Eu ainda não estava muito bem pela maneira como agi. Eu me sentia ameaçada. Eu tinha o direito de me sentir assim, e eu estava apenas reagindo à minha situação.

—Você tem minhas sinceras desculpas, senhorita Parker. Eu realmente não queria assustá-la.

Ele puxou um cartão de visita do interior do casaco e estendeu-o para Holt. —Aqui está o meu cartão. Pode falar comigo pelo meu telefone celular. Vou ficar no Hampton Inn aqui em Wilmington. Ligue-me amanhã para arranjar um tempo para nos encontrarmos de novo.

Holt respondeu e, em seguida, mostrou-lhe a saída. Fiquei ali, entorpecida e olhando para os meus pés. Minha mente ia a tantas direções diferentes. Eu não poderia realmente resolver tudo em um único pensamento. Em vez disso, o interior do meu cérebro parecia que havia uma centena de pessoas diferentes, todas sussurrando, todas tentando falar ao mesmo tempo.

Eu fui até o sofá e me sentei, deixando minhas mãos caírem entre os joelhos. As paredes da casa pareciam que estavam cedendo, como se não houvesse essa pressão me empurrando de todos os lados.

Eu tive um pai. Talvez.

Ele era um viciado em drogas.

Ele estava morto.

Ele me deixou quarenta milhões de dólares.

Mas o pensamento que parecia gritar mais alto do que a maioria?

Minha mãe nunca me disse.

Holt deu um passo na minha frente, estendendo a mão para eu tomar. Olhei para cima, deixando a mão suspensa entre nós.

—Vamos lá, você precisa sair daqui.

—Aonde nós vamos?

—Você verá.

# Capítulo 18

Estava totalmente escuro quando chegamos ao nosso destino. Nós abrimos as janelas e o ar quente da noite, pesado, com o cheiro do sal e do mar, flutuava na cabine e nos cercava.

Fiquei surpresa quando ele parou em uma loja de beira de estrada muito brilhante, e desapareceu lá dentro por alguns minutos, antes de retornar e dirigir a uma curta distância até um ponto de acesso público à praia.

—Eu espero que você goste de praia. —Disse ele, parecendo de repente repensar a sua decisão de me trazer aqui.

—Eu amo praia.

Ele sorriu e pegou um saco de papel marrom. Quando ele retirou a mão do saco, ele estava segurando um picolé, um dos tipos clássicos em forma de um foguete com camadas de vermelho, branco e azul.

—Não é sorvete, mas... — Mesmo se eu odiasse picolés, eu teria tomado só por causa do olhar em seu rosto. Ele parecia um menino animado para a manhã de Natal, ou um rato que tinha enganado uma armadilha e fugido com o queijo.

Mas aconteceu de eu amar picolés. Então eu não tive que fingir o grito de alegria que eu dei enquanto desembrulhava, e deslizava meus lábios ao redor do topo gelado e doce.

—Mmmm. —Eu disse enquanto lambia.

Ele me olhou, com seus olhos ficando aquecidos.

—Quer um pouco? — Eu estendi para ele. Ele inclinou-se e passou os lábios em torno, do mesmo jeito que eu tinha feito alguns segundos antes.

Ele me olhou atentamente enquanto recuava, sugando a doçura enquanto se afastava.

Alfinetadas de desejo correram ao longo da minha pele. —Você pegou um para você? — Eu perguntei, minha voz assumindo uma qualidade gutural.

Ele enfiou a mão no saco e tirou um idêntico ao meu.

Peguei meu picolé. —Ei! Coma o seu, então.

Ele riu quando nós saímos do caminhão com as nossas guloseimas geladas e fomos até as escadas de madeira e um longo deck, como uma passarela que levava até a areia.

Mesmo que estivesse escuro, o oceano ainda era uma visão deslumbrante. Nós ficamos lado a lado apenas olhando para a vista deslumbrante. Era um mar infinito, com ondas escuras cobertas com o branco que caía ao longo da costa e corria em direção à praia. Espuma branca flutuava ao longo da água misteriosa, flutuante e livre.

A lua tinha subido um pouco acima da borda da água, à distância, e ela estava pesada, cheia, brilhando com um brilhante tom dourado. Isso refletia na superfície da água, com destaque para uma parte do oceano nunca alcançada.

O vento soprava da água. Fechei os olhos e inalei, sentindo meu cabelo levantar em meus ombros e dançar atrás de mim, enquanto eu recolhia o perfume inebriante que só a natureza no seu melhor poderia produzir.

Holt escorregou seus dedos nos meus, unindo-os e facilmente me levando pela calçada e na areia. Tirei minhas sandálias, ansiosa para mergulhar meus dedos na suavidade da areia. Ainda estava um pouco quente do sol do dia.

Eu amei a forma como ela se aglomerava ao redor dos dedos dos pés e enterrava os topos dos meus pés. Holt tirou os chinelos também, e nós chegamos mais perto da borda da água.

Nós não dissemos nada enquanto passeávamos, de mãos dadas pelo comprimento da praia. O som das ondas encheu o silêncio, e a falta de pessoas me fez sentir como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo.

Eu levantei meu queixo, olhando para os milhões de estrelas brilhando no céu. Estrelas sempre pareciam mais brilhantes quando se está em uma praia. Era porque a terra aqui não era interrompida por edifícios e empresas, por luzes e música. Era mais escuro aqui, mais tranquilo.

—Eu precisava disso. —Eu disse a ele, visualizando o fim da cauda de uma estrela cadente.

—A praia tem uma maneira de fazer uma pessoa se sentir pequena. —Ele respondeu.

Ele estava certo. Era exatamente por isso que eu me sentia melhor. Porque aqui fora, olhando para esse corpo gigante de água, na quantidade infinita de céu, eu me sentia pequena como se houvesse muito mais lá fora do que eu percebia. Em casa mais cedo, tudo o que eu podia sentir e pensar era sobre os problemas, a forma como a minha vida parecia estar desmoronando. As coisas pareciam tão grandes e insuperáveis. Eu sentia como se pudesse nunca sair de debaixo deles.

Mas não aqui.

Aqui eu sentia como se pudesse respirar. Eu sentia como se o vento estivesse saindo das ondas, levando embora a pior das minhas preocupações, e a água estivesse absorvendo o pior da minha dor. Aqui eu não sentia como se todo o meu mundo estivesse desmoronando. Foi aqui que eu percebi o quão sortuda eu era apenas por... existir.

—Seu picolé vai derreter. —Disse Holt, inclinando-se para sussurrar no meu ouvido.

Uma grande onda bateu contra a costa e correu para frente, molhando os nossos pés e me fazendo rir. —Está frio! —Eu gritei, tentando sair do seu caminho e falhando.

Holt soltou minha mão para envolver um braço em volta da minha cintura e me levantar para que os meus pés pendessem acima da água.

Meu peito estava pressionado contra o seu enquanto ele me sustentava, retrocedendo para fora das ondas. Agarrei-me a ele, rindo, com medo de que ele fosse me deixar cair e eu fosse mergulhar na água fria.

Quando estávamos mais acima na areia seca, ele parou, olhando nos meus olhos enquanto meu estômago dava uma cambalhota. Ele fechou as meras polegadas entre nós, pressionando os lábios voluptuosos contra os meus em um beijo quente e persistente.

Então, ele me liberou para sentar-se na areia, abrindo as pernas e fazendo sinal para eu me sentar entre elas. Eu fiz isso, pressionando minhas costas contra sua frente, e esticando as pernas juntamente com as suas. Eu ri quando vi que meus pés só chegavam ao meio de suas panturrilhas.

Eu não tinha percebido o quão fria minha pele tinha ficado, até que ele envolveu os braços em volta de mim. Ele era como entrar em um raio de sol em um dia frio e com vento. Seu queixo descansou na coroa da minha cabeça, e eu podia sentir meus fios de cabelo ficarem presos na área desalinhada de sua mandíbula.

Concentrei-me no picolé pingando na minha mão, tentando não chupá-lo fazendo barulho muito alto, mas depois, finalmente desisti e apenas fui em frente. Quando ele terminou, eu usei o palito para traçar padrões irregulares na areia entre as pernas.

—Katie, você me dirá sobre você? — Ele falou perto do meu ouvido, para que o vento não levasse embora suas palavras, antes que eu pudesse ouvi-las.

Inclinei-me para ele um pouco mais, apreciando a sensação de estar completamente rodeada por ele, e inclinei a cabeça para trás, dobrando-a para que as minhas palavras fossem dirigidas a ele.

—Eramos só eu e minha mãe durante a maior parte da minha vida. —Eu comecei, me sentindo um pouco estranha, porque esta era a primeira vez que eu disse a alguém sobre o meu passado.

—Ela nunca me disse quem era meu pai, apenas que ele não estava interessado em ser pai, e que eu estava melhor sem ele de qualquer maneira. Quando eu tinha quinze anos, ela foi morta em um acidente de carro. —Holt apertou seus braços em torno de mim, mas ele não disse nada ou interrompeu as minhas palavras.

—Nós não temos qualquer outra família. Minha vida inteira tinha sido apenas ela e eu. Então, quando ela morreu, fui enviada para o sistema, a um orfanato. Tentei ser emancipada, mas o juiz disse que eu era jovem demais para viver por conta própria.

Eu parei para olhar para trás, nas ondas quebrando, e ainda usando o palito para traçar na areia.

—Eu mudei muito de casa, normalmente pelo menos uma vez por ano. Às vezes, três vezes por ano. Houve um casal legal nas famílias de acolhimento, mas os outros pareciam estar cansados e loucos para saírem do sistema. Eu não sei por que eles continuaram a pegar filhos, quando eles claramente estavam tão cansados disso. Eu acho que era pelo dinheiro, ou talvez eles simplesmente não soubessem como dizer ao governo que eles estavam cansados de cuidar de crianças. Parecia que toda vez que eu me mudava, eu tinha que dar mais e mais da minha vida de antes da minha mamãe morrer. Manter todos os meus bens tornou-se difícil por causa de tantas mudanças, e muitas vezes eu não tinha o meu próprio quarto para mantê-los de qualquer maneira.

—Isso parece que foi difícil.

—Não eram os bens materiais que foram difíceis de dar, mas as memórias que estavam anexadas a eles.

Senti-o acenar contra a minha cabeça e eu continuei. —Eu estava cansada, perdida no sistema durante três anos. Eu trabalhei em todos os lugares em que eu fui. Eu assumi tantas horas de trabalho quanto eu poderia. Eu lia

constantemente. Os livros eram os meus maiores companheiros, e histórias a minha maior distração. Guardei cada centavo que eu tinha, esperando que um dia eu fosse capaz de ter minha própria vida, minha própria casa, em algum lugar que ninguém pudesse tirar de mim.

—O dia em que completei dezoito anos, eu saí da minha casa temporária com um par de malas em meu nome. Eu fui para a faculdade com uma bolsa de estudos, e vivi em um apartamento minúsculo, e ainda trabalhava e guardava dinheiro. Eu não me incomodei em chegar perto das pessoas ou fazer amigos. Mas eu amava livros, eu amo a literatura, e eu adoro a tranquilidade do interior de uma biblioteca, de modo que me tornei uma bibliotecária.

—Você não fez nenhum amigo? Nem mesmo um?

—Nem mesmo um. —Eu respondi, inclinando a cabeça para trás para olhar para ele.

—Meu pai nunca me quis e minha mãe me deixou. Eu sei que ela não queria me deixar dessa forma, mas ainda deixou um buraco na minha vida. As pessoas no sistema de acolhimento sempre meio que olhavam através de mim em vez de em mim. E então eu decidi que prefiria gastar meu tempo com personagens fictícios do que com os da vida real.

—Isso soa muito solitário, Freckles.

Adorei a forma como seu peito retumbou quando ele falou. Isso vibrou contra minhas costas.

—Eu estava feliz. —Eu disse com um encolher de ombros. —Eu tinha construído uma boa poupança no momento em que me formei na faculdade. E com o dinheiro que minha mãe me deixou quando morreu, fui capaz de comprar a minha casa. —Eu sorri um pouco para mim. —Era uma boa casa. Tapume amarelo e flores no quintal. Até mesmo com uma piscina. —Eu olhei para ele.

—Você se lembra da piscina? Aquela a qual você me jogou.

Ele riu.

—De qualquer forma, eu finalmente tinha um lugar que era meu e que ninguém poderia tirar de mim. — Eu fiquei em um silêncio, pensando nela carbonizada que permanecia lá até hoje.

—Mas alguém tirou. —Holt disse, com um tom duro em sua voz.

—Sim.

—Então, o que você pensa sobre Tony Diesel? — Enquanto falava, ele esfregava a palma da mão ao longo do meu braço nu, quase como se seu toque fizesse suas palavras mais fáceis de ouvir.

E fez.

—Eu não sei o que pensar. Acho que é possível. Quero dizer, o Sr. Goddard disse que não estava interessado em ser um pai, e isso é exatamente o que a minha mãe me disse.

—Ele deixou-lhe um inferno de um monte de dinheiro.

—Eu não consigo entender o porquê. É algum tipo de desculpas por ignorar-me por toda a minha vida? Era porque se sentia culpado? Se eu pegar o dinheiro, então seria como dizer que a maneira como ele se comportou estava tudo bem.

—O que mais? —Perguntou ele, convidando-me a derramar mais.

—Por que ela não me contou? —Eu sussurrei, com as palavras rasgando a parte mais profunda de mim. Essa era a parte mais prejudicada. Sentia como se minha mãe tivesse mentido, como se ela tivesse retido informações que eu merecia saber. Ela era minha melhor amiga, ela era a única pessoa em quem eu confiava sobre todas as outras.

—Talvez ela pensasse que se te contasse isso a feriria.

—Ele não está nem listado na minha certidão de nascimento. —Eu disse.

Tristeza e raiva lutavam dentro de mim. Raiva por não saber se isso era verdade, e por ter sido mantida no escuro. Mas tristeza, também, porque eu não queria me sentir assim. Eu não queria ter pensamentos negativos sobre uma mulher que passou toda a sua vida cuidando de mim e, em seguida, morreu muito cedo. Sua memória merecia mais do que a minha raiva.

—Quer saber o que eu acho?

Sentei-me e virei-me, dobrando os joelhos em meu peito e encaixando o meu corpo entre suas coxas. —Conte-me.

—Acho que a perda real é dele. Quem quer que seja. Qualquer um que recusa a chance de ter a sua vida tocada por você é um idiota. E eu nunca tive a oportunidade de conhecer sua mãe, mas eu sei que ela era incrível, porque ela a gerou.

Apoiei o queixo no topo dos meus joelhos e sorri. —Você faz parecer tão fácil.

Ele encolheu os ombros. —De onde estou sentado, parece que sim.

—Você aceitaria o dinheiro?

Ele franziu os lábios, em seguida, sorriu. —Provavelmente.

—O dinheiro muda as pessoas. Ele muda as coisas.

—Você não gosta de mudanças, não é?

Eu balancei minha cabeça. —Não. Eu gosto de estabilidade. Eu gosto de saber o que esperar.

—Parece que você sempre espera o pior das pessoas. —Disse Holt, sua voz soando muito sábia.

Eu queria negar. Mas eu não podia, porque era verdade.

—Você já se perguntou o que aconteceria se você esperasse algo de bom de alguém? — O vento soprou enquanto falava, e em vez de levar as suas

palavras para longe, ele as aproximou, envolvendo-as em volta da minha cabeça. Em volta do meu coração.

—Não, até recentemente.

Ele moveu-se rapidamente, se jogando para frente e me agarrando, e caindo para trás, então eu estava deitada sobre seu peito e ele estava deitado na areia.

A maior parte do meu corpo estava do outro lado dele, com a parte de baixo das minhas pernas e pés ainda na areia entre suas pernas. Eu descansei meus braços sobre seu peito e me inclinei para baixo, iniciando um beijo profundo. Sua mão enrolou em torno da parte de trás da minha cabeça, segurando-a no lugar, mantendo-me para não quebrar o beijo. Como se eu fosse fazer isso.

Sua língua era incrível, a forma como ela parecia encontrar todos os locais secretos dentro da minha boca, desbloqueando o meu desejo como uma antiga chave mágica. Nossas línguas torceram tão ferozmente, tão profundamente na boca do outro, que eu tinha dificuldade em saber onde uma terminava e a outra começava. Uma das minhas mãos agarrou um punhado de sua camiseta, e a outra encontrou a bainha e deslizou entre o tecido e a pele.

Ele estava quente, o tipo de quente que fez meus dedos ondularem na areia, o tipo de quente como um cobertor elétrico que aquecia em pleno inverno, e fazia você querer viver para se arrastar para a cama. Eu aconcheguei um pouco mais perto, balançando contra ele, e um gemido irrompeu do fundo de sua garganta.

Sua mão esquerda desceu da minha cabeça e segurou minha bunda, apertando-me cada vez mais contra ele, moendo sua ereção latejante contra o tecido frágil do meu vestido.

Mexi um pouco mais, gostando do jeito que sentia ao me esfregar contra ele. E então o ar fresco da noite foi tocando minhas coxas, deslizando contra a pele que anteriormente tinha sido coberta. Holt estava deslizando meu vestido para cima em torno dos meus quadris, e orientando as minhas pernas para que

eu montasse em seu colo, no cume duro da sua calça jeans, pressionada firmemente contra a minha calcinha molhada.

Olhei para ele, meu cabelo soprando sobre meus ombros e escondendo um pouco do meu rosto. Eu senti como se houvesse um vulcão gigante borbulhando dentro de mim, e que estava à beira da erupção com lava insanamente quente.

Ele acariciou o interior da minha coxa com a mão, sussurrando para mim sobre quão suave como a seda minha pele parecia contra a sua. E, em seguida, suas mãos começaram a mover-se mais, deslizando sob o meu vestido até o limite do meu seio, puxando para baixo as taças do meu sutiã, e beliscando meu mamilo levemente, rolando-o entre os dedos.

Eu gritei. A sensação era incrível, e eu comecei a balançar os quadris contra ele.

Sua outra mão se juntou a outra já sob o meu vestido, e ele me acariciou, beliscando e provocando até que eu pensei que poderia ficar louca com a necessidade. Eu senti como se estivesse subindo uma colina, indo para cima, e para cima, e para cima, e tudo o que eu queria ver era a crista, o pico da colina, para que eu pudesse mergulhar de volta para baixo.

Suas mãos afastaram-se dos meus seios, e me inclinei para beijá-lo, mas ele gentilmente me empurrou de volta para cima. Seus dedos encontraram as bordas da minha calcinha, deslizando dentro e nas dobras molhadas, e pronto.

—Holt. —Eu sussurrei com minha voz trêmula e fraca.

—Goze para mim, doçura. —Ele ronronou enquanto seus dedos começavam a mover-se, deslizando para dentro e para fora, para cima e para baixo. Mordi meu lábio e agarrei seu bíceps.

A tensão no meu corpo estava sendo contruída, e comecei a me mover mais rápido, mais frenética contra sua mão. Ele mergulhou dois dedos dentro de mim e curvou-os para frente, como se estivesse acenando para mim através de

um quarto. E então a mão livre encontrou o pequeno broto inchado no meu centro, e acariciou-o suavemente.

Eu entrei em erupção. Meu corpo estremeceu violentamente em cima dele. Eu joguei minha cabeça para trás e gemi, e meus olhos arregalaram-se quando olhei para o céu salpicado de estrelas. Meu corpo continuou contraindo enquanto as ondas de prazer me venciam uma e outra vez, até que finalmente meu corpo acalmou para um suave tremor.

Holt puxou suas mãos e estendeu-as para mim, me puxando para baixo em seus braços, onde eu soltei um enorme suspiro de satisfação.

O som das ondas voltou para os meus ouvidos. A sensação da areia nos meus pés fez meus olhos arregalarem. —Oh meu Deus! —Eu sussurrei frenética, erguendo a cabeça e olhando ao redor. —Nós fizemos isso em público!

Ele riu. —Não há mais ninguém aqui.

—Mas e se houvesse?

—Então eles estariam pensando no bastardo sortudo que eu sou agora mesmo.

Eu ri e caí contra o seu peito mais uma vez. O interior da minha calcinha estava tão molhado que era meio desconfortável, então eu me movi e ele gemeu.

Meus olhos focaram em seu rosto. Eu poderia ter acabado de ter um orgasmo de tremer a terra, mas ele ainda estava duro como uma rocha.

Enfiei minha mão sobre a frente de seu jeans.

Ele rolou rapidamente, prendendo-me na areia e pressionando um beijo em meus lábios. Mas então ele levantou, e estendeu a mão para me puxar junto com ele.

—Vamos lá. —Disse ele.

Ele decolou em uma corrida, ainda segurando minha mão, então eu comecei a correr também. Corremos em direção ao cais antigo que tinha parcialmente caído no mar. Não havia mais nenhum poste iluminando, ou uma pequena loja no final. Era apenas uma estrutura escura, que se projetava para o meio do mar salgado, onde, em seguida, desaparecia.

Holt conduziu-me por ele, acima na areia. Ele fornecia uma bela cobertura, bloqueando as estrelas e a brisa do oceano. Ele me agarrou pela cintura e me girou, plantando seus lábios nos meus em um beijo com tanta fome que pareceu agitar um desejo novo.

Estendi a mão para sua calça, abrindo-a e alcançando dentro. Enrolei minha mão em torno dele, apertando através do tecido de sua cueca.

—Eu quero você, Katie. Eu te quero tanto, agora.

Enfiei minha mão sob o cós da cueca, segurando a prova de suas palavras.

—Sou sua.

Deitei-me na areia, puxando meu vestido para cima em volta da minha cintura enquanto ele enfiava a mão no bolso de trás e tirava um preservativo. Eu vi quando ele o rolou para baixo do comprimento incrível de sua dureza, e depois veio para frente, fixando-se entre as minhas pernas. Dolorosamente lento, ele puxou minha calcinha para baixo, deixando-a enganchada em torno de um dos meus tornozelos. Ele colocou um beijo suave no interior da minha coxa, e depois deslizou pelo meu corpo, até que os cotovelos descansaram em ambos os lados da minha cabeça.

Quando ele tirou o cabelo do meu rosto, ele me beijou suavemente, lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo e o sangue não estivesse batendo em suas veias como se ele estivesse correndo uma maratona.

Mas eu podia sentir seu coração batendo forte. Ele batia tão rapidamente contra meu peito que eu sorri.

Enquanto ele me beijava, ele sondou a entrada para o meu corpo, deslizando para dentro facilmente. Senti meus olhos rolarem para trás na minha

cabeça enquanto minhas pálpebras fecharam-se, e minha cabeça rolou para o lado.

Ele moveu-se contra mim. Eu respondi a cada um de seus golpes com um meu, até que eu levantei minhas pernas e as envolvi em torno de sua cintura. Ele me abraçou forte, me puxando contra ele enquanto me penetrava mais e mais, tão profundamente que meus músculos travaram.

Sua respiração tornou-se mais difícil, e eu sabia que ele estava prestes a gozar quando ele apoiou-se em seu braço e estendeu a mão entre nós, mais uma vez, para encontrar o broto inchado. Ele apertou os dedos contra ele, e minhas costas arquearam de surpresa quando outro orgasmo fluiu através de mim. Este não foi tão poderoso quanto o último, como se o vulcão já tivesse entrado em erupção, e agora a lava quente estivesse revestindo tudo dentro de mim.

Ele gemeu, e sua própria libertação explodiu.

Em vez de rolar de cima de mim, ele me beijou enquanto puxava para fora, e estendia a mão para puxar o meu vestido sobre minha nudez. Só então ele rolou.

Depois que eu coloquei a minha calcinha e ele estava completamente composto, ele me puxou para os seus braços, abraçando-me perto. —Eu te trouxe aqui para que você pudesse pensar, não para que eu pudesse tirar vantagem de você.

—Eu gostei. — Eu confidenciei.

Ele recuou. —É?

Será que ele realmente não sabia o quão quente ele era?

—Definitivamente. Eu nunca me senti assim antes.

—Nem eu. —Disse ele, pegando a minha mão e me levando de volta pelo caminho em que viemos. Desta vez, nos aproximamos da beira da água para que as ondas pudessem molhar nossos pés.

—Nem mesmo com Taylor?

Ele bufou e parou, puxando-me para olhar para mim. —Todos os meus sentimentos por Taylor estavam aqui. —Disse ele, pegando a minha mão e esfregando-a contra a braguilha. —Com você... —Ele disse, levantando minha mão e trazendo-a para descansar sobre seu coração. —Meus sentimentos estão principalmente aqui.

Este sentimento de certeza desceu sobre mim, como se eu estivesse exatamente onde deveria estar. Engoli o caroço alojado na minha garganta.

—Então, Taylor deve ter sido muito boa na cama. —Eu disse, tentando não sentir ciúmes, mas falhando.

Ele revirou os olhos. —Você acabou de voltar de lá? — Ele apontou para o cais. —Isso foi muito melhor do que “muito boa”.

Eu ri, sem saber o que dizer.

—Eu não quero falar sobre Taylor. Ela é o meu passado. Você é o meu futuro.

Parei de andar enquanto a água corria em volta dos meus tornozelos, e gotículas minúsculas salpicavam contra minhas panturrilhas. —Eu sou?

—Sim. Você tem algum problema com isso?

Eu balancei a cabeça, tantos sentimentos me oprimindo. Ele sorriu e começamos a andar novamente.

Eu queria ser parte do futuro de Holt. Eu queria isso mais do que eu queria alguma coisa. Em algum momento, ele conseguiu inserir-se de modo inteiro em minha vida, de forma que eu não podia imaginar um dia sem ele.

Isso me assustava.

Por duas razões:

Uma: dar o meu coração significava que eu corria o risco de tê-lo quebrado.

E dois: com alguém lá fora, tentando me matar, eu não tinha certeza de que eu teria um futuro.

# Capítulo 19

Eu acordei em seus braços com o som constante de seu batimento cardíaco debaixo da minha orelha. Eu não estava vestindo uma camisa e ele também não, por isso, a nossa pele estava pressionada, juntas, e minha perna estava jogada por cima da sua.

Fiquei ali por um longo tempo, deixando o ventilador de teto acariciar minha pele com o ar frio, enquanto o meu corpo suavemente movia com o mesmo subir e descer do peito de Holt enquanto ele respirava.

Pensei na minha mãe, minha casa, o fogo, o Sr. Goddard, e Tony Diesel. Eu tinha um monte de decisões a tomar, uma vida para colocar de volta no lugar.

O engraçado é que, mesmo depois de tudo, eu não sentia que minha vida tinha desmoronado.

Eu senti que tinha se encaixado no lugar.

Eu realmente nunca me permiti pensar de forma diferente antes. A partir da idade de quinze anos, eu decidi que queria definir um caminho, e segui-lo. Eu tinha apenas um objetivo em mente. Estabilidade e independência. Era tudo o que eu realmente queria... Mas agora isso não parecia estar perto o suficiente.

Minha casa foi tirada de mim. Meu trabalho colocado em espera. Alguém tentou me atropelar com um carro, e fui morar com um estranho.

Mas apesar de tudo, aprendi que talvez houvesse mais da vida do que o meu trabalho, e minha casa era algo que poderia ser substituído (e talvez por algo ainda melhor), e eu não estava pronta para morrer, porque a vida estava finalmente ficando interessante.

Eu não tinha necessidade de saber com certeza se Tony Diesel realmente era meu pai, porque isso não importava. Não mudaria a forma como fui criada, as memórias que tive da minha mãe, e eu não estava prestes a deixá-lo ditar o meu futuro.

Eu não tinha tudo planejado, e eu não sabia o que aconteceria, mas estava bem com isso.

Abaixo de mim, Holt moveu-se, então eu me inclinei e salpiquei seu rosto com beijos. Ele se esticou contra mim e, em seguida, rolou, envolvendo-me em seus braços e me prendendo contra o colchão.

—Eu poderia me acostumar a acordar assim. —Ele murmurou antes de mergulhar a cabeça e me beijar.

—A que horas você tem que estar no trabalho? —Perguntei quando ele finalmente se afastou.

—Eu não vou. Tirei o dia de folga.

Eu arqueei uma sobrancelha. —Você tirou?

—Com tudo o que aconteceu, eu não seria capaz de me concentrar no trabalho de qualquer maneira, sabendo que você estava aqui sozinha.

—Eu sou uma menina grande, Holt. — Eu não queria que ele pensasse que eu não poderia cuidar de mim.

—Na verdade, você é do tipo minúscula.

Agarrei-o pelo rosto. —Se você precisa ir trabalhar, vá.

—O único lugar que eu preciso ir é sair para buscar panquecas.

—Posso ir também? — Eu perguntei docemente, batendo meus cílios.

—Eu poderia ser convencido a levá-la junto. —Disse ele sugestivamente.

—Hmmmm. —Eu respondi, brincando, e colocando a mão em sua bunda.

—Bem, eu provavelmente deva começar a trabalhar em persuadir você.

Eu fiz um trabalho muito bom.

* * *

A garçonete me entregou um prato enorme com panquecas de mirtilo com manteiga. O doce aroma da panqueca macia fez meu estômago roncar em apreço. Eu empurrei o meu copo de suco de laranja para abrir caminho para a comida que estava prestes a ser apresentada à minha barriga.

Eu passei meu dedo em torno da panqueca gigante cheia de manteiga, e trouxe-o aos meus lábios enquanto a garçonete entregava para Holt sua própria pilha de panquecas, além de um prato carregado com ovos mexidos, bacon, e torradas.

Quando ela foi embora, eu alcancei o xarope.

—Você está tentando me matar? —Disse Holt, inclinando-se sobre a mesa e apunhalando o garfo na minha direção.

Olhei em dúvida para o garfo. —*Você* está tentando me matar?

Ele sorriu. —Você não pode simplesmente sair por aí lambendo os dedos assim, Freckles. Isso faz um homem esquecer de que ele está em um lugar público.

Eu ri e enfiei o garfo em minhas panquecas, empurrando uma garfada não muito gentilmente em minha boca e, em seguida, gemendo enquanto a doçura deslizava sobre minha língua.

—Lá vai você de novo. —Ele disse, com seus olhos escurecendo de desejo.

—A noite passada e esta manhã não foram o suficiente para você? Perguntei de brincadeira.

—Eu acho que nunca terei o suficiente de você.

Suas palavras me afetaram de alguma forma... Uma espécie de saudade tomou conta de mim. O que ele disse implicava algum tipo de relacionamento de longa data, algo que duraria. A ideia de que esta poderia ser a minha vida, que os meus dias poderiam ser preenchidos com paixão e risos, foi tão intensa que me pegou desprevenida.

Eu o assisti comer por alguns minutos, e quando olhei, percebi que eu realmente não sabia muito sobre ele, além do fato de que ele era divorciado.

—Então, como é que um cara se torna o chefe dos bombeiros com a idade de vinte e quatro anos? É muito jovem, não é?

—Simplesmente aconteceu.

—Eu vou precisar de mais do que isso. —Eu disse, sentindo-me corajosa e roubando um pedaço de bacon de seu prato. Eu vi a anfitriã levando uma mulher para o outro lado do salão, e sentando-a em um estande próximo à nossa mesa. A mulher tinha cabelo longo muito loiro, e lábios tão cheios, que pensei que eles deveriam ter sido aumentados com Botox. Vi quando ela deslizou para dentro da cabine, pegou o cardápio oferecido, e pediu um café. Havia algo sobre ela... Algo que parecia vagamente familiar. Quando a anfitriã desapareceu, ela olhou para cima, e me pegou olhando. Desviei o meu olhar imediatamente e voltei a minha atenção para Holt.

Ele colocou o garfo para baixo e olhou para cima. —Controle de incêndio era algo que sempre pareceu me interessar. —Explicou ele, enquanto eu me deliciava com seu bacon. —Então, quando eu tinha dezesseis anos, meu pai sugeriu que eu fosse voluntário no corpo de bombeiros local. Então eu fui e realmente gostei. Os caras foram muito legais, e era algo em que me senti bem, em fazer a diferença na vida das pessoas.

—Parece que você teve um grande pai.

Ele assentiu. —Sim, os meus pais são muito bons.

—Eles ainda estão casados?

—Sim, eles vivem na cidade. Eles te amarão.

—Eu? — Eu engasguei, tentando alcançar meu suco. —Por que eles querem me conhecer?

—Eles vão querer saber a razão pela qual seu filho está tão feliz.

Eu abandonei a minha comida e lutei contra a vontade de chorar. Eu não queria ter esperança. Eu não queria pensar que poderia haver uma família cheia de pessoas como Holt, que me abraçariam e me fariam uma das suas. Eu passei muito tempo na esperança disso, com cada lar adotivo em que eu fui. No final, tudo acabava exatamente da mesma maneira: ruim.

A mão dele veio sobre a mesa e cobriu a minha. —Ei, o que foi que eu disse?

Eu balancei minha cabeça. —Nada, eu só...

—O quê? — Ele perguntou quando eu não falei.

—Eu acabei de concluir que eu realmente estava acostumada a ficar sozinha.

Ele apertou meus dedos. —Você não está mais sozinha, Katie. Você nunca estará sozinha novamente.

Ele tirou a mão e voltou a comer, como se suas palavras não tivessem acabado de alterar todo o universo.

Mas elas alteraram.

—Então, você vai terminar de me contar sobre o seu trabalho? — Eu disse, limpando a garganta e tentando voltar a uma conversa menos emotiva.

—Ofereci-me durante anos. Então, quando eu terminei o ensino médio, passei por treinamento de incêndio, treinamento em RCP, formação médica de base, treinamento de segurança de fogo, e fiz um monte de trabalho físico para

ficar em forma. Quando terminei tudo isso, a WPD ligou e me ofereceu um emprego com eles.

—Você trabalhou muito duro.

—Eu acho que quando é algo que você ama, não parece como trabalho.

Eu balancei a cabeça. Eu entendia porque essa era a maneira como eu me sentia sobre livros.

—Então, quando você se tornou o chefe dos bombeiros?

Sua expressão se tornou sombria. —Cerca de um ano atrás.

Eu me inclinei mais para perto da mesa para que eu não perdesse nada do que ele estava prestes a dizer.

—Fomos chamados para um incêndio desagradável. Algum edifício antigo que ficava na periferia da cidade. No momento em que chegamos lá, o lugar era um desastre. As chamas eram tão altas e brilhantes que estava uma loucura. Nós trabalhamos tentando apagar as chamas, mas parecia que não importava o que fazíamos, tudo continuou queimando mais forte. —Seus olhos estavam muito longe, e eu poderia dizer que ele estava perdido na memória daquele dia.

—Nós finalmente conseguimos diminuir as chamas de um lado do edifício. A maioria do exterior se foi a esta altura, então o chefe e um par de caras foram um pouco mais para dentro, porque parecia que havia algo acontecendo que não entendi muito bem. Assim que eles se aproximaram, o que restou do prédio explodiu.

Eu coloquei a mão na boca, ofegando levemente.

—Restos voaram por toda parte, os homens desceram, e o chefe... Ele ficou preso debaixo de uma parte flamejante de madeira.

—Então, o que aconteceu?

—Tudo aconteceu muito rápido. Eu só comecei a me mover, você sabe? Eu fui ao piloto automático, apenas fazendo o que eu pensei que precisava ser feito. Eu instruí os outros homens a me ajudarem a arrastar os rapazes feridos ao longo do caminhão, e administrarem os primeiros socorros tanto quanto podiam. Liguei para o apoio e uma ambulância, e instrui os outros homens apenas a manter pulverizando. Eu sabia que tudo o que estava dentro havia sido destruído, o fogo havia tomado conta de tudo naquele ponto.

—E seu chefe?

—Ele ainda estava preso. No começo eu pensei que ele estivesse morto, mas então eu o vi mover-se, pequenos empurrões de dor porque ele estava sendo queimado no fogo.

Lembrei-me do medo avassalador de pensar que eu queimaria até a morte, da maneira como a fumaça sufocava meus pulmões, e pensei que sufocaria e morreria. Lembrei-me da forma como a minha pele parecia, a intensa ardência da queimadura, a dor de tudo isso expulsava toda a razão. Fiquei olhando para meus pulsos enfaixados, imaginando o horror da queima, sabendo que a dor não pararia até que eu estivesse morta.

—Eu peguei um extintor e corri em direção ao pior das chamas, criando uma espécie de caminho para o seu corpo. Então eu pulverizei tudo, e o feixe cobriu completamente tudo o que nos rodeava. Eu provavelmente não deveria tê-lo movido, mas era isso ou deixar o fogo consumí-lo completamente. Ele gritou quando o toquei. É o tipo de grito que eu nunca quero ouvir novamente. Felizmente, quando nós estávamos nos movendo, ele desmaiou.

—Você salvou a vida dele. —Murmurei, em seguida, olhei para cima. —Ele sobreviveu, não foi?

—Sim. Ele sofreu queimaduras extensas, mas sobreviveu.

—Que horrível.

—Quando eu fui vê-lo no hospital algumas semanas mais tarde, eu estava com um pouco de medo de que ele estivesse bravo comigo por salvá-lo. Quero

dizer, por minha causa, ele estava sentado em uma cama de hospital coberto de ataduras, e com o tipo de dor que eu nem sequer desejo ao meu pior inimigo.

—Ele estava bravo?

Ele sorriu. —Quando cheguei ao quarto, havia uma menina da idade de dez anos sentada no final de sua cama, lendo-lhe um livro sobre cavalos. Quando ele me viu, ele disse a ela para ir buscar um sorvete, e quando ela se foi, ele...

—Ele o quê? — Eu exigi.

—Ele me agradeceu. Ele me disse que, ainda que ele estivesse com a pior dor de toda a sua vida, e ele tivesse meses de recuperação pela frente, ele estava grato por estar vivo.

—Como ele está hoje?

—Ele está indo bem. Ainda está se recuperando, mas percorreu um longo caminho. Aposentou-se com honra e passa muito tempo com a sua família agora.

—Então, eles o fizeram chefe dos bombeiros. —Eu terminei por ele, meu coração cheio de orgulho.

—Eu não queria o trabalho no início, mas eles foram persistentes, e os outros caras recusaram o trabalho porque todos eles disseram que eu ganhei o título.

—Você ganhou.

Ele deu de ombros e deu uma mordida em sua panqueca.

—Você é muito humilde para um cara com uma cabeça tão grande.

Ele riu.

Enquanto nós acabávamos de comer, algo me ocorreu. —Deixe-me adivinhar. —Eu comecei. —Você estava no processo de obtenção de um divórcio quando tudo isso aconteceu. Em seguida, sua ex decidiu que não queria ser sua ex depois de tudo.

—Como você sabe?

—Oh, eu não sei, pela forma como ela agiu como se fosse sua dona no outro dia.

—Bem, ela não é. Taylor e eu não somos mais nada. Tem sido assim por muito tempo.

—Ela parece muito persistente.

Ele bufou. —Ela realmente não me quer. Eu não ganho muito mais agora do que antes da minha promoção. Ela só queria o prestígio do meu título. —Ele revirou os olhos. —Uma vez que ela der uma olhada no meu extrato bancário, ela mudará sua mente de novo.

—Dinheiro não é tudo.

Ele olhou para cima e seu rosto suavizou. —Sim, eu sei.

—Falando de dinheiro. —Ele disse e enfiou a mão no bolso de sua bermuda para puxar o cartão que o Sr. Goddard lhe deu. —Você vai chamá-lo e arranjar um tempo para conversar?

—Eu não sei o que fazer. —Eu confidenciei, olhando em frente ao restaurante. Notei que loira já tinha um prato de comida na frente dela, mas ela não estava comendo, porque ela tinha seu telefone celular preso ao seu ouvido.

—Posso lhe dizer o que eu acho?

—Por favor.

—Eu acho que você deveria chamá-lo, encontrá-lo mais tarde hoje, e assinar os papéis. Você pode levar o seu tempo para decidir se você quer ficar com o dinheiro, mas pelo menos dessa forma tudo estará em seu nome.

Eu fiquei intrigada com suas palavras. —Por que isso importa?

—Porque uma vez que estiver tudo em seu nome, não será um jogo justo para mais ninguém.

Debrucei-me sobre a mesa e falei em voz baixa. —Então você acha que, uma vez que eu o aceite, quem está tentando me matar vai parar?

—Parece que sim. Agora, o dinheiro está no limbo. Se você morrer antes de reivindicá-lo, então eles meio que ganham. Mas uma vez que tudo estiver em seu nome, não importa se você morrer, porque o dinheiro irá para quem você deixá-lo.

—Você está certo.

—Eu sei. —Ele disse presunçosamente, sentando-se para trás na cadeira.

—Posso pegar seu telefone celular?

Depois que ele me entregou, disquei o número do cartão. O Sr. Goddard pegou no terceiro toque. —Olá, é Katie Parker. Falamos ontem.

—Sim, claro, senhorita Parker. Como você está?

—Vou bem, obrigada. Estou ligando para ver se poderíamos arranjar um tempo para assinar esses documentos que discutimos.

—Claro. Será que esta noite está bem para você? Eu tenho uma chamada de conferência esta tarde.

—Claro. Pode ser às seis horas?

—Seria ótimo. Você gostaria de me encontrar aqui no hotel? Existe um salão ao lado do lobby.

Eu concordei e, em seguida, desliguei o telefone, entregando-o de volta para Holt.

—Eu devo encontrá-lo mais tarde no seu hotel.

—Então nós temos todo o dia?

—Parece que sim.

Ele sorriu e fez uma chamada, providenciando para nós irmos a algum lugar.

—Quem era? — Perguntei depois que ele pediu a conta à garçonete.

Ele me deu um sorriso malicioso. —Minha mãe.

Senti minha boca abrir. Ele estendeu a mão sobre a mesa e usou seu dedo para fechar minha mandíbula. —Você vai pegar moscas.

Apertei os olhos. —Eu não posso conhecer seus pais!

—É só a minha mãe. Meu pai está no trabalho.

—Não!

—Por que não? —Ele perguntou, pegando a carteira. Peguei a conta de sua mão e coloquei a língua para fora.

—Eu vou pagar.

Seus olhos estreitaram-se. —Bem. Você paga. Eu vou pegar o caminhão. Minha mãe está nos esperando.

Antes que eu pudesse argumentar ainda mais, ele levantou e saiu empurrando as portas de saída. Deixei escapar um suspiro de frustração e peguei o dinheiro da minha bolsa. Ansiedade fez minhas mãos tremerem enquanto eu contava a quantidade correta do dinheiro. Eu não estava pronta para encontrar sua mãe. Eu não conseguia entender por que ele estava forçando isso. Nós não estávamos nem mesmo namorando... Nós... Bem, eu não sabia o que estávamos fazendo, mas não parecia como se estivéssemos em qualquer estágio para eu me encontrar com seus pais.

A garçonete veio quando o caminhão vermelho brilhante deslizou para o meio-fio. Entreguei-lhe o dinheiro e disse-lhe para ficar com o troco, então parei para tomar outro gole do meu suco. Sobre a borda do meu copo, meus olhos conectaram com a loira na cabine.

Ela deixou o telefone e estava me observando com um estranho tipo de brilho em seus olhos. Intranquilidade obscureceu meus pensamentos quando coloquei o suco na mesa e me levantei. Eu não olhei para trás quando saí do restaurante, mas eu juro que senti seus olhos me seguindo até que eu estivesse fora de vista.

# Capítulo 20

Seus pais viviam perto de uma enseada, o que proporcionava uma visão durante todo o ano para o mar. Sua casa era uma casa de rancho térrea, composta no exterior por tijolos, janelas em arco, e paisagismo alinhado à propriedade. A calçada de concreto conduzia ao longo do lado da casa, até uma garagem para dois carros, com uma passarela que levava até a porta vermelha da frente.

Em vez de parar na calçada, Holt estacionou em frente, na esquina da rua ao longo da borda do gramado verde.

—Esta é uma linda casa. —Eu disse, olhando pela minha janela para as pequenas palmeiras que cresciam na frente. A casa era limpa e arrumada. Você poderia dizer que era antiga, mas bem mantida pelas pessoas que se preocupavam com ela. —Eu não deveria estar aqui. —Objetei pela milionésima vez.

—Você tem um lugar melhor para estar? —Ele perguntou, arqueando uma sobrancelha escura.

Ele me pegou. Eu não tinha nenhum lugar para estar. Pelo menos até às seis horas da noite. —Eu não entendo por que você está me forçando a isso.

Ele afastou-se do volante, deixando o motor em funcionamento para que o ar continuasse a esfriar o interior da cabine. Ele pegou minha mão que estava no meu colo e segurou-a.

—Se você sentir que estou forçando você a fazer algo que você não quer fazer, então me diga. Vou levá-la para casa.

Casa.

Onde era isso exatamente? A dele?

Meu silêncio deve tê-lo enervado porque ele suspirou. —Sei que não nos conhecemos há muito tempo e sua vida está de cabeça para baixo no momento.

Eu balancei a cabeça para ele continuar.

—Mas eu quero você na minha vida. Agora e depois de as coisas se acalmarem.

—O que você está dizendo?

Ele sorriu. —Eu estou dizendo que eu já sei o que quero. Quem eu quero. Eu não espero que você saiba agora. Eu nem sequer espero uma resposta. Eu só queria que você soubesse como me sinto.

Ele me queria. Todo esse desejo que senti antes inchou dentro de mim novamente, tornando difícil de respirar. Eu acho que eu o queria também. Eu não queria ter que dizer adeus a ele.

Mas eu poderia ter.

Se a pessoa lá fora, que me queria morta, tivesse algo a dizer sobre isso.

Como eu poderia prometer-lhe um futuro se eu não tinha certeza de que viveria após hoje?

—Holt, eu...

—Segure esse pensamento. Estamos sendo observados.

Pânico passou por mim e eu enrijeci, olhando pela janela de trás, à procura de algum tipo de carro escuro, como o que me atropelou, ou o BMW prata de um advogado que poderia ter mentido.

Mas não havia outros carros na rua.

—Eu acho que foi uma má escolha de palavras. —Holt murmurou, colocando um beijo na palma da minha mão. Em seguida, ele apontou para fora da janela.

Uma mulher alta com cabelo curto, escuro e um sorriso, estava na calçada. Quando me virei para olhar para ela, ela acenou para nós e fez sinal para nós entrarmos.

—Essa é a sua mãe? —Perguntei.

—Sim. Veja, ela não é tão assustadora.

Eu ri. —Tudo bem, vamos lá.

Quando ele veio para me ajudar a saltar da cabine, comecei a me preocupar com a minha aparência. Eu estava usando pouca maquiagem, meu cabelo estava solto e provavelmente louco em torno dos meus ombros, e eu estava vestida muito casual, com um jeans que Holt trouxe para mim, e uma blusa folgada que havia comprado.

—Você está linda. —Ele sussurrou, como se de alguma forma ele soubesse sobre a minha preocupação interior.

Ela estava esperando na calçada quando nos aproximamos.

—Holt! —Ela exclamou quando ele lhe deu um grande abraço. —Estou tão feliz de vê-lo hoje!

—Ei mãe. Obrigado por nos receber.

Ela bateu-lhe no estômago. —Você sabe que é bem-vindo aqui a qualquer hora.

Então seus olhos se voltaram para mim. Eles eram esse azul gelado, assim como os de Holt. —Você deve ser Katie.

—Sim, senhora.

Ela riu e jogou os braços em volta de mim em um abraço aconchegante, acolhedor, balançando um pouco antes de se afastar para olhar para mim novamente. —Você é linda! —Exclamou ela. —E tão pequena! Holt aqui é três vezes o seu tamanho!

—Mãe. —Ele gemeu e revirou os olhos.

—Você tem uma bela casa. —Eu disse, apontando para a casa.

—Obrigada. Está quente aqui hoje. Deve estar, pelo menos, uns quarenta graus à sombra! —Ela passou o braço pelo meu e me levou até a porta da frente.

—Você gosta de limonada?

—Sim, senhora.

—Chega desse negócio de senhora. Você pode me chamar de Pam.

Olhei por cima do meu ombro para Holt e ele piscou. O interior da casa era legal e muito espaçoso. Havia uma porta de entrada de azulejos que dava para uma grande sala com uma lareira tradicional, pisos de madeira e janelas amplas. Pam levou-nos através dessa sala e também através da sala de jantar, que ficava ao lado da cozinha.

—Sente-se. —Disse ela, finalmente soltando meu braço e apontando para as banquetas da ilha. Eu não me sentei, apesar de tudo. Fui direto para as portas traseiras que davam para um deck de madeira e no quintal. O estaleiro levava direto para a água, onde havia uma doca para um barco.

—Legal, não é? —Disse Holt, dando um passo atrás de mim. Eu tinha o desejo de me inclinar para trás contra o peito dele, para que ele pudesse envolver seus braços em volta de mim. Eu poderia, se não estivesse ciente de que sua mãe nos observava.

—Absolutamente. —Eu concordei.

—Então, Katie, Holt me disse que você é uma bibliotecária. —Disse sua mãe, puxando-me para longe da vista.

—Sim. Eu gosto de livros.

—Eu também!

A conversa voltou-se para livros e literatura, enquanto nós bebíamos limonada, e rimos juntos sobre a falta de conhecimento sobre livros de Holt. Ele, no entanto, ofereceu muitas opiniões sobre filmes baseados nos livros de que falamos.

Sua mãe era aberta e amigável, com um sorriso fácil e um olhar terno. Eu me senti à vontade e bem-vinda em sua casa, e isso fez algo no meu peito apertar. Na verdade, não de uma forma ruim, mas boa.

Eu pedi licença para ir ao banheiro, na esperança de ter um momento e encurralar a emoção que parecia querer exalar de mim a qualquer momento. Desde que eu realmente não tinha que usar as instalações, eu fui para a janela, olhando para o quintal ao lado.

Estar aqui nesta casa, só fez tudo pior. Fez essa dor dentro de mim, o anseio por algo mais do que eu pensei que queria, pior.

*Um dia de cada vez*, eu disse a mim mesma, inalando uma respiração profunda.

Depois de hoje, depois de eu assinar esses documentos, eu poderia começar a reconstruir minha vida. Eu poderia começar a fazer algumas decisões, e realmente pensar sobre o que eu queria.

Enquanto eu pensava, um movimento do lado de fora da janela chamou minha atenção. Era um carro passando pela rua. Não havia nada realmente incomum sobre um carro dirigindo pela rua.

Além do fato de que era um sedan escuro.

Flashes de quase ser atropelada me agrediram. Olhei para fora da janela, na esperança de dar uma olhada melhor no carro, mas ele já tinha saído da vista.

*Você está enlouquecendo, Katie*, disse a mim mesma.

Talvez depois de hoje, eu tirasse umas férias e apenas relaxaria. Eu certamente seria capaz de pagar. Uma vez que eu me senti um pouco mais controlada, com as minhas emoções sob controle, eu voltei para a cozinha, só para fazer uma pausa com o som de uma nova voz.

—Bem, onde está essa garota que você não para de falar desde que a tirou daquele incêndio?

—Ela está no banheiro, papai.

—Provavelmente deu uma olhada em sua mãe e está tentando fugir pela janela. —Disse ele, bem-humorado.

—Ed! — A mãe de Holt engasgou, mas em seguida, ela riu. —Eu não assustei aquela garota. Na verdade, eu realmente gosto dela. Ela é uma coisinha tímida, mas acho que o tempo vai corrigir isso.

Isso significava que ela me queria aqui por um tempo? Eu olhei para as fotos de família que revestiam o hall. Muitas delas eram de Holt quando criança, sorrindo e desdentado na câmera. Eles pareciam uma família tão feliz, com lembranças maravilhosas.

—Dê-me dez minutos com ela. —O pai de Holt respondeu.

—Pai. —Holt avisou. —Ela passou por muita coisa. Vá devagar com ela, ok?

—Eu só estou brincando, filho. — Ele riu e eu entrei na sala a tempo de vê-lo dar um tapa em Holt na parte de trás de sua cabeça.

—Katie. —Holt disse, afastando-se de seus pais e pegando a minha mão.

—Este é o meu pai, Edward.

—Apenas me chame de Ed, querida.

—Oi. É bom conhecê-lo. —Eu estendi a mão e dei na sua uma sacudida firme.

—Esse é um aperto firme que você tem. —Disse ele. —Para um garota tão baixinha. — Mas ele suavizou suas palavras com uma piscadela.

Eu ri.

Ele era um homem grande, assim como Holt, com ombros largos e pernas longas. Ele tinha cabelos escuros também, mas o seu estava manchado de cinza, e era um pouco mais longo do que o de Holt, quase chegando a alcançar o colarinho da camisa.

Ele era muito bronzeado, como se passasse muito tempo ao sol, e ele tinha rugas leves ao redor dos olhos, que fazia parecer que sorria muito.

—Meu pai passou aqui em sua hora de almoço. Ele é dono de uma empresa de construção.

—Oh, que tipo de lugares você constrói?

—Casas. Principalmente personalizadas, mas eu consideraria qualquer tipo de trabalho.

—Você construiu esta casa?

—Bom Deus, não! — Pam riu. —Ele é um perfeccionista, e nunca teria terminado. Nós estaríamos vivendo em um apartamento esperando ele terminar!

Pam foi até a geladeira e começou a empilhar alguns frios e queijo sobre a mesa. —Katie, querida, me passe o pão. —Disse ela, apontando para o balcão atrás de mim.

Eu entreguei a ela e ela sorriu.

—Holt, vou fazer ao seu pai um sanduíche. Você quer um?

—Estou morrendo de fome. —Disse ele.

—Você acabou de comer! — Eu exclamei.

—Você comeu todo o meu bacon. —Ele acusou.

—Eu não comi! — Eu ri, pegando uma fatia de pão e jogando-a nele.

Ele agarrou-a no ar e deu uma mordida enorme. O pai de Holt sorriu.

—Eu gosto dessa, filho. É melhor não deixá-la ir.

—Eu não planejo isso. —Ele disse, dando-me um olhar significativo.

Eu senti meu rosto corar e me ocupei em montar um sanduíche para ele.

—Katie, faz um para você também. —Disse Pam, entregando-me a maionese.

—Ah não. Esse bacon realmente me encheu. —Eu sorri maliciosamente.

Ela riu quando o telefone de Holt tocou no bolso. —É da estação. Vou atender.

Ele saiu para o convés de trás, deixando-me sozinha com seus pais. Eu não tinha certeza se estava pronta para ficar sozinha com eles ainda.

Eu ajudei sua mãe a guardar todas as guarnições do sanduíche, e depois deixei o sanduíche de Holt em um prato no balcão.

—Obrigada. —Disse sua mãe, olhando para mim.

—Pelo quê?

—Eu não o via assim há bastante tempo.

—Assim como? —Perguntei, confusa.

—Feliz. —Seu pai cortou, comendo metade do sanduíche em uma mordida gigante. Agora eu sabia de onde Holt conseguiu seu apetite.

—Eu tenho dificuldade em imaginar Holt como algo diferente do que feliz. Zombei.

—Normalmente, isso é verdade. Mas Taylor realmente fez um estrago nele.

—Eu a conheci.

—Então você sabe do que estamos falando. —Disse seu pai.

Eu balancei a cabeça. Não havia como negar que a ex-mulher de Holt era uma criatura desagradável.

Sua mãe colocou a mão no meu braço, dizendo meu nome baixinho, levando-me a olhar para cima. —Holt disse-nos sobre tudo o que você passou recentemente. Eu só quero que você saiba que é sempre bem-vinda aqui, e se houver algo que Ed e eu possamos fazer por você, deixe-nos saber.

*Ah, merda.*

Veio aquela emoção novamente.

Eu juro que eu estava me transformando em um bebê gigante.

—Obrigada. —Eu disse, minha voz ridiculamente embargada.

Sua mãe puxou-me em seus braços e me abraçou. —Bem-vinda à família, querida.

—Oh. —Eu disse, afastando-me. —Holt e eu não estamos tão sérios.

Ed apenas grunhiu, e sua mãe me deu um tapinha no braço como se eu estivesse confusa. Agora eu vi de onde Holt tinha essa sua teimosia do bem.

Felizmente, a porta traseira se abriu e Holt a atravessou, ainda segurando o telefone e franzindo a testa.

—Há algo errado? —Perguntei.

—Eu preciso ir para a estação por um tempo. —Disse com pesar. Então ele olhou para mim. —Eu sinto muito.

—Não fique. Eu lhe disse para ir trabalhar esta manhã.

Ele parecia dividido. Dividido entre o seu trabalho e eu. Eu não gostava disso. Fui ao seu lado e agarrei seu braço. —Basta ir, e faça o que precisa fazer.

—Eu vou fazer isso rápido.

Eu gemi. —Eu vou ficar bem.

—Ela pode ficar aqui com a gente até que você termine. —Disse Pam atrás de mim.

—Oh, você não tem que fazer isso. — Eu argumentei.

—Eu sei. Eu quero.

Holt pareceu gostar dessa ideia e as nuvens nos seus olhos evaporaram.

—Fique aqui. Então, eu não vou me preocupar por você estar sozinha.

Três pares de olhos se voltaram para mim. Como eu discutiria? *Nossa essas pessoas eram difíceis!*

Holt sabia que eu não tinha escolha, então sorriu, inclinou-se, e colocou um beijo rápido nos meus lábios, ali mesmo na frente de todos.

—Volto em breve.

Ele chegou perto de mim e pegou o sanduíche. —Obrigado, mãe! — Ele falou, e se dirigiu até a porta da frente da casa.

Uma sensação desconfortável tomou conta de mim quando ele desapareceu de vista. Algum tipo de intuição de pânico agarrou na minha garganta e meu coração começou a acelerar. Quando a porta da frente se fechou atrás dele, as imagens desse carro escuro dirigindo devagar na rua há poucos minutos brilhou atrás dos meus olhos.

—Holt! —Eu gritei, correndo para fora da sala atrás dele. Eu quase tropecei, voando pela sala de estar, mas conseguiu não cair, chamando seu nome novamente.

Eu ouvi seus pais chamarem meu nome e correrem atrás de mim, mas eu não parei. Eu tinha que chegar até Holt.

Eu abri a porta da frente e gritei o nome dele, assim quando ele estava abrindo a porta de seu caminhão.

—Holt, pare! —Eu gritei, correndo escada abaixo e para a calçada.

Ele olhou através da janela do lado do passageiro, a surpresa escrita em seu rosto. O motor do caminhão ligou quando ele girou a chave para iniciá-lo e, em seguida, ele saiu para vir ao redor do capô e ver porque eu estava gritando.

Ele não chegou tão longe.

A explosão sacudiu o chão sob meus pés, e foi tão alta, que eu pensei que nunca poderia ouvir novamente. Gritei seu nome e fui correndo em direção à bagunça, onde pedaços de metal e borracha choviam do céu.

Eu ouvi seu pai e sua mãe gritando, mas eu não olhei para trás. Eu apenas continuei correndo, direto em direção ao caminhão que agora era nada, além de uma enorme bola de fogo.

—Holt! — Eu gritei enquanto o calor da explosão me atingia como um soco no estômago. Eu me dobrei, lágrimas escorrendo pelo meu rosto e os soluços balançando meu corpo.

Seu caminhão explodiu. Ele estava de pé ao lado de seu caminhão... Onde ele está?

Levantando, eu corri para frente novamente, sacudindo as mãos de seu pai enquanto ele tentava me puxar para trás das chamas. Corri ao redor do lado do caminhão, ainda gritando o seu nome.

Foi quando eu o vi.

Ele estava deitado em frente, no jardim da frente do vizinho. Ele não estava movendo-se.

Eu saí correndo, alcançando o outro lado da rua e caindo de joelhos ao lado dele. Eu mal podia ver porque minha visão foi obscurecida pela fumaça e lágrimas. Eu coloquei minha cabeça no peito dele, tentando acalmar os soluços que rasgavam minha garganta, enquanto eu me concentrava em ouvir um batimento cardíaco.

Quando ouvi, eu desabei sobre seu peito com choro aliviado.

Enxugando as lágrimas dos meus olhos, eu me sentei, olhando para ele, tentando ver seus ferimentos. Seu pai apareceu em seu outro lado, segurando Holt pelo rosto e pedindo-lhe para acordar.

Ele tinha fuligem no rosto e sangue. Havia um monte de sangue. Ele tinha um corte acima do olho, escorrendo vermelho abaixo de um lado de seu rosto. Peguei sua mão para suplicar-lhe para acordar, e notei que os nós dos dedos estavam todos sem pele e em carne viva.

—Ele está respirando. —Disse seu pai, colocando sua orelha direita ao lado de sua boca. —Os paramédicos estão a caminho.

Eu chorei em silêncio, balançando para frente e para trás, mantendo a mão no meu colo. Naquele momento eu sabia, sabia que não havia como negar meus sentimentos por ele mais. Eu não podia fingir que não estávamos comprometidos. Eu não podia fingir que o que eu sentia sumiria quando minha vida acalmasse.

Ele foi feito para mim.

Nunca haveria qualquer outra pessoa.

E eu estava colocando-o em perigo.

*Você deveria tê-la deixado morrer.*

Essa nota tinha sido um aviso para ele. Não uma ameaça para mim. E eu fiz isso pior, voltando para sua casa e o envolvendo ainda mais. Não havia uma única dúvida em minha mente que a explosão era para nos matar, e me impedir de reivindicar esse dinheiro.

Ele ainda estava sangrando, e eu estendi a mão, tirando a minha camiseta solta que eu usava sobre uma básica branca e, em seguida, pressionando-a contra a ferida, tentando impedir o pior.

—Fica conosco. —Eu disse a ele, passando uma mão sobre seu cabelo.

Seu pai não estava mais olhando para Holt, mas me observando. —Ele vai ficar bem. —Eu sussurrei. Soou mais como uma oração.

Depois de uns vinte segundos, eu soltei um grito frustrado. —Onde está a ambulância!

Eu ouvi um veículo derrapar até parar atrás de nós, e me virei, pronta para gritar com eles para se apressarem, mas não era a ambulância.

Era o mesmo sedan escuro que eu vi subindo a rua mais cedo. Notei o para-choque riscado e amassado um pouco, como se tivesse batido em um carrinho de compras. Quem estava lá dentro era o responsável por toda essa dor.

Fúria inflamou dentro de mim, consumindo meus membros como um incêndio em uma floresta, como um fósforo caindo em uma poça de gasolina. Uma coisa era se meter comigo, mas era algo totalmente diferente mexer com o homem por quem eu estava completamente apaixonada.

—Fique com ele. —Disse ao pai de Holt, apontando para ele aplicar a pressão na ferida de Holt.

Então eu me levantei e marchei em direção à pessoa que estava saindo daquele carro.

# Capítulo 21

A primeira coisa que eu vi saindo do carro foi um par de sapatos branco de marca popular. Eu provavelmente deveria ter ficado com medo. Quero dizer, este era o cara que incendiou minha casa, meu quarto de motel, me atacou na biblioteca, e tentou me atropelar com um carro.

Mas eu estava muito zangada para sentir medo.

Holt estava deitado perto dali, inconsciente e sangrando por causa deste psicopata.

Ele continuou sentado no lado do passageiro do carro, com as pernas para fora, olhando para mim através de um par de óculos escuros. Em cima dos óculos, ele usava um boné de beisebol puxado para baixo em sua cabeça. Ele apenas ficou lá por alguns longos segundos, me olhando como se ele fosse um leão e eu fosse sua presa.

—Olá, William. —Eu disse, tendo uma dica de que esse cara era, de fato, o advogado que tinha sido mandado para entregar os papéis para mim.

—Paul nunca pôde manter a boca fechada. —O homem cuspiu, confirmando minhas suspeitas.

Corri para frente, abri mais a porta, e ele recuou. Fechei a porta, jogando-o para trás no carro. Ele deu um grito de raiva quando a porta esmagou suas pernas.

Agarrei a porta abrindo-a para acertá-lo novamente, mas ele a chutou, enviando-me de costas no chão.

—Você não deveria ter feito isso. —William cuspiu, abaixando e me agarrando pelo cabelo.

Por trás, o pai de Holt gritou meu nome.

O advogado recuou o punho para me dar um soco, mas eu girei, deixando escapar um grito abafado quando o meu cabelo parecia estar sendo arrancado de seus folículos. Corri para frente e enfiei o joelho no meio de suas calças e ele gritou.

—Sua puta! —Ele me chutou, me jogando para trás novamente.

Eu estava com tanta raiva que eu nem sequer senti isso. Eu só me levantei de volta, pronta para avançar nele novamente.

—Não temos tempo para isso. —Uma voz sussurrou de dentro do carro.

—Pegue-a e vamos embora!

Eles queriam me levar? Ah, não... Eu não entraria no carro. Se eu entrasse no carro, eu estaria tão bem quanto morta.

Corri, sem virar de costas, mas depois parei, não querendo levar o idiota louco mais perto de Holt.

Pensamentos dele inundaram meu cérebro, e eu olhei por cima do meu ombro, me perguntando se ele ainda estava respirando. Seu pai estava se levantando, passando por cima do corpo de seu filho e vindo para me ajudar.

Eu não queria que ele se machucasse também.

William se aproveitou da minha distração e me bateu no lado da cabeça com algo duro e frio. Pontos pretos enormes nadaram diante dos meus olhos, e então eu estava caindo nos braços do meu captor.

Ed gritou meu nome e correu para me ajudar, mas depois ele parou, arregalando os olhos e olhando para mim com uma expressão impotente.

—Você se aproxime dela e eu juro por Deus, eu vou matá-la e então matarei você. — William acenou com a arma descontroladamente.

—Não! —Eu gritei, minha voz soando mais como um gemido patético.

—Hooltttt. —Eu disse arrastando. —Fique lonnnngeeeeeeee.

Então eu estava sendo rebocada para trás, meus pés descalços arrastando no chão. A última coisa que me lembro de ouvir foi o som das sirenes que se aproximavam antes de tudo ficar quieto.

* * *

Uma coisa boa sobre ser sequestrada: você não precisa se preocupar com onde estava o assassino que esteve perseguindo você por semanas. Por quê? Porque ele já bateu na sua cabeça, enfiou você em um carro, e atualmente estava dirigindo para um local não revelado, que provavelmente incluía um buraco no chão e uma cadeira de dentista com alças.

Ok, talvez fosse hora de não falar sobre os filmes de terror.

Mas pelo menos eu sabia que Holt estava seguro.

Holt!

Pensamentos sobre ele e a explosão tinham surgido no banco de trás do sedan escuro, só para fazer a minha cabeça nadar enquanto eu afundava de volta contra o assento.

—Oh bem, você está acordada. —William disse do banco da frente.

—Estamos quase lá.

—Sente-se e faça-se parecer apresentável! —Veio uma nova voz do assento do motorista.

Eu não podia ver quem era porque eu estava deitada com a cabeça atrás do assento do motorista. Eu tentei sentar-me novamente e meu estômago revirou em protesto. *Devo ter uma concussão. Porcaria, o quão forte ele me bateu?*

—Quanto tempo eu estive desmaiada? —Perguntei, pensando novamente em Holt. Orei a Deus que a ambulância tivesse chegado e ele estivesse em segurança no hospital, obtendo ajuda.

—Nós chegamos. —Disse a motorista de novo, parando em um estacionamento. Empurrei-me no assento e olhei para fora da janela. Bem, pelo menos não era um buraco no chão.

Era um hotel. O *Hampton Inn* para ser exata.

Este era o lugar em que eu deveria encontrar o Sr. Goddard mais tarde hoje.

—O que estamos fazendo aqui? —Perguntei, colocando meu dedo no galo atrás da minha orelha. Ele era muito suave, e eu estremeci quando os meus dedos sondaram. Eu senti algo quente e líquido, e quando eu puxei minha mão, meus dedos estavam vermelhos.

A motorista parou o carro em um local vazio perto do toldo na entrada. Em seguida, eles viraram, e me prenderam com um olhar desagradável.

Era a mulher do restaurante desta manhã.

A que parecia familiar...

Engoli em seco quando ela empurrou de volta o capuz escuro cobrindo seu cabelo loiro. Esta era a mesma mulher da Target, a que eu vi na manhã do atropelamento.

—Deixe-me dizer-lhe como será isso. —Disse ela friamente. —Nós três entraremos naquele hotel, subiremos no elevador, e faremos uma visita ao Sr. Goddard. Então você assinará aqueles papéis dizendo que você recusa o dinheiro.

Eu abri minha boca para protestar, mas ela me cortou.

—Se você sequer olhar para alguém engraçado dentro do lobby, eu juro que vou atirar em você ali mesmo e a deixarei morrer. Então vamos começar a matar qualquer outra pessoa que estiver ao redor.

—Por que você faria isso? —Eu sussurrei, horrorizada com o pensamento deles atirando em pessoas inocentes.

—Porque esse dinheiro é nosso! —Ela gritou. —Fomos os únicos a suportar aquele idiota! Nós toleramos sua arrogância e atentemos cada estalar de seus dedos.

Nós? Quem era ela? Então eu percebi... —Você é sua ex-mulher, não é?

—Se ao menos eu tivesse o aturado um pouco mais, todo o dinheiro teria sido deixado para mim!

—Ele deixou-lhe uma casa. Não tenho dúvidas de que vale milhões.

Ela bufou como se isso fosse meros trocados.

Então eu olhei para William. —Tony deixou-lhe dinheiro. O Sr. Goddard me disse isso.

—Mais de vinte anos eu trabalhei para ele. Cobri suas indiscrições. Paguei seus fornecedores de drogas quando ele os chateava. Inferno, eu até mesmo dei a ele minha urina para que ele passasse em seus testes de drogas!

—Então, você o encobriu, em vez de ajudá-lo. —Eu disse, de repente, irritada novamente. Eu posso não ter conhecido Tony, ele pode ter abandonado a minha mãe quando ela estava grávida e se recusado a me reivindicar como sua filha quando eu nasci, mas ele não merecia isso. Era tudo tão triste. Ele estava cercado por pessoas que só o usavam, porque eles achavam que os levaria a algum lugar.

Não admira que tenha deixado o dinheiro para mim.

—Ele estava além de qualquer ajuda. — William rosnou.

Eu balancei a cabeça com pesar. Ninguém estava além de ajuda.

—Vamos. —A loira falou, abrindo a porta do carro.

William fez o mesmo, abrindo a porta de trás e chegando para me pegar. Antes de me puxar do carro, ele abriu o paletó que usava e me mostrou a arma escondida no coldre.

—Lembre-se, eu atirarei em você.

Eu saí do carro, balançando um pouco sobre minhas pernas instáveis, e tentando muito não dobrar-me e vomitar ali mesmo na calçada. Isso provavelmente o faria atirar em mim também.

A ex-mulher de Tony veio ao lado do carro, e passou o braço pelo meu como se fôssemos melhores amigas. Nojenta. Ela tirou o casaco com o capuz preto, para revelar um vestido preto colante, para coincidir com os saltos pretos altíssimos em seus pés.

William ficou perto do meu outro lado, enquanto eles nos levavam para o saguão do hotel. Imediatamente eu procurei em torno por alguém que eu pudesse alertar, alguém que eu pudesse, pelo menos, sussurrar as palavras “me ajude”.

Que sorte a minha, o lobby estava vazio, e a única mulher atrás da recepção estava ao telefone, olhando para uma tela de computador atrás da mesa.

Eles me levaram a um elevador e, em seguida, empurraram-me para dentro, uma vez que se abriu. Eu bati na parte de trás da parede do elevador e caí de joelhos. Vômito forçou sua saída pela parte de trás da minha garganta, mas eu engoli de volta.

—Levante-se. —Disse a mulher, me chutando. A ponta do sapato atingiu meu pulso ainda em recuperação e eu gritei.

—Nossa, vai devagar. —William disse a ela.

—Diz o homem que bateu na cabeça dela com uma arma.

Ele teve a graça de parecer envergonhado.

Idiota.

O elevador subiu até parar, e William estendeu a mão para me puxar para cima pelo cotovelo, e ancorar-me ao seu lado. Ele me meio que me arrastou pelo corredor.

Infelizmente, o corredor estava vazio também.

Paramos em frente a uma porta, e William bateu.

—Quem é? — O Sr. Goddard perguntou de dentro do quarto.

—Responde. —William rosnou, empurrando a arma nas minhas costelas.

—É Katie Parker, Sr. Goddard. —Eu disse, esperando que se eu parecesse assustada, ele chamaria a polícia em vez de abrir a porta.

Alguns segundos depois, a porta se abriu para revelar o Sr. Goddard que estava vestido com um terno escuro e gravata.

—Katie? Pensei que fôssemos... —Suas palavras foram cortadas quando viu que eu não estava sozinha.

Ele olhou para William. Em seguida, a arma. Então tentou bater a porta na nossa cara, mas William bateu a palma da mão na porta e empurrou-a. Então ele me deu um empurrão bruto para o quarto.

O Sr. Goddard estendeu a mão para me firmar. —Sinto muito. —Eu disse a ele.

—Paul? — Veio uma voz no alto-falante do telefone na mesa próxima.

—Algo está errado?

Eu me esqueci de que ele faria uma chamada de conferência esta tarde.

—Socorro! — Eu gritei. —Eles têm uma arma!

—Paul? —A voz chamou freneticamente. —Quem é?

William atravessou a sala, puxou o fio do telefone da tomada, e atirou o telefone contra a parede onde ele explodiu em uma confusão inútil.

Minha única esperança era de que, a pessoa com quem ele estava falando, tivesse ouvido o suficiente para chamar a polícia.

—Os papéis, Paul! Pegue os papéis! —William disse, apontando a arma para o homem.

—Que papéis? —Ele perguntou, colocando as mãos no ar.

—Ele quer que eu recuse o dinheiro. —Expliquei.

Os olhos de Paul arregalaram-se quando ele ficou lá, apenas olhando para a arma.

A loira se colocou entre a arma e o Sr. Goddard. —Pegue os papéis, velho. —Ela resmungou.

Ele balançou a cabeça e atravessou a sala até sua pasta, onde ele folheou alguns papéis e tirou o que ele estava procurando. —Este aqui é o que você assinaria se não aceitasse o dinheiro. —Disse ele, olhando para mim e depois para William, com sua boca achatada em uma linha reta.

William me empurrou na direção do Sr. Goddard e os papéis. —Assine.

—Você percebe que mesmo que ela assine os papéis, você ainda não terá esse dinheiro. —Disse Goddard, com seu tom arrogante de advogado. Se eu estivesse sendo interrogada por ele, eu estaria fazendo xixi nas calças.

—Você me deixe preocupar em obter o dinheiro. —William disse, com os olhos esbugalhados de raiva.

—Como é que você está pensando em conseguir? —Perguntou ele com curiosidade. Eu imaginei que ele realmente não se importava, ele estava apenas estava tentando ganhar mais tempo.

Comecei a olhar ao redor da sala, tentando encontrar algo que pudesse potencialmente ser usado como uma arma. Não havia muito. Este hotel era livre de desorganização e muito arrumado. As lâmpadas eram parafusadas às paredes, e não havia itens pesados, como um vaso de flores. Mesmo a TV era uma tela plana que também foi fixada à parede.

—Eu sou um advogado. —William gabou-se. —Vou amarrar esse dinheiro no tribunal até que eu possa encontrar uma brecha para torná-lo meu.

—E como você acha que fugirá depois de obrigá-la a assinar os papéis? Mantendo-nos com uma arma?

—Não vamos esquecer o incêndio, sequestro, atropelamento e fuga, e tentativa de homicídio.

—Atropelamento e fuga? —William disse, parecendo genuinamente confuso.

—Cale-se! Vocês dois! —A loira gritou, agarrando-me pelo braço e me arrastando para a mesa. —Assine isso!

—Ele não sabia que você tentou me atropelar com um carro no outro dia? — Perguntei-lhe em voz alta.

—Isso é verdade, Caroline?

Um nome bonito para uma pessoa tão feia.

—O que eu deveria fazer, Liam? Você estava falhando miseravelmente. Quero dizer, o quão difícil pode ser matar esta garota tão minúscula?

—Você não conseguiu também. —Eu rebati.

Ela me deu um tapa no rosto. Foi um tapa sólido, tão sólido que meus ouvidos zumbiram e minha pele ardeu. —Cale. A. Boca!

Tontura me ameaçou mais uma vez e meu estômago revirou. Eu agarrei a borda da mesa para me equilibrar.

Ela agarrou uma agradável caneta de ouro da mesa e empurrou-a para mim. —Assine. Agora.

Peguei a caneta e espalhei os papéis sobre a mesa, fingindo que estava inclinado sobre eles para rabiscar a minha assinatura.

—Eu não posso acreditar que você não confia em mim! — William gritou, soando como se ele pudesse revidar a qualquer segundo.

Caroline voltou-se para responder-lhe e eu me virei, trazendo a caneta para cima perto do meu ombro e, em seguida, balançando-a para baixo, mergulhando-a no ponto macio logo acima de sua clavícula entre o ombro e o pescoço.

Ela gritou de dor e caiu ao lado. William gritou o nome dela e correu para o lado dela, enquanto olhava para a caneta ainda enfiada em seu corpo. O sangue jorrava em torno dela, parecendo uma fonte doente.

—Vá! —Eu disse ao Sr. Goddard, apontando para a porta. Eu estava presa atrás da mesa, mas ele poderia pedir ajuda.

Ele correu para a porta, mas William se lançou atrás dele, batendo-lhe na cabeça com a coronha da arma. O Sr. Goddard caiu para frente com a face plantada no chão.

*Por favor, não deixe que ele esteja morto*, eu rezei silenciosamente.

Então, ele virou-se com um olhar selvagem e descontrolado em seus olhos.

Caroline fez um som e puxou a caneta de seu corpo, segurando-a e vendo o sangue gotejar da ponta.

—Sua putinha. —Ela rosnou, jogando a caneta de lado. O sangue estava escorrendo pelo seu braço e pelo decote de corte baixo de seu vestido preto.

Ela arrancou a arma das mãos de William e apontou-a fixamente para mim. —Eu vou te matar.

—Caroline. Espere. Ela não assinou os papéis ainda.

—Eu vou forjar o nome dela.

William veio para frente, deslizando entre mim e a arma. —Espere um segundo, está bem, *algodão doce*?

Ok, isso é apenas desagradável. Ele chama essa besta de *algodão doce*? A vontade de vomitar voltou com força total.

—Se apresse!

William virou-se para mim.

—Eu não tenho uma caneta mais. —Eu disse timidamente. Então eu olhei ao redor de William, em Caroline. —Então me diga, você estava dormindo com William antes de se casar com Tony, ou apenas quando você descobriu que poderia obter algum dinheiro com isso?

Ela fez um grito de indignação e reapontou a arma. Vi a decisão em seus olhos em uma fração de segundo, ela decidiu me matar. Em uma última tentativa de salvar a mim mesma, eu saltei para o lado quando a arma disparou, segurando William pela cintura e usando-o como um escudo.

Eu senti seu corpo amolecer enquanto nós dois caíamos com força no chão com ele em cima de mim. Ele era pesado como um enorme bloco de cimento.

—Liam! — Caroline gritou, apressando-se sobre nós, enquanto eu conseguia empurrá-lo e rolar por debaixo dele.

Ele gemeu e caiu de costas. Sua barriga estava encharcada de sangue.

—Você atirou em mim!

—Oh meu Deus! —Ela gritou e inclinou-se sobre seu corpo, chorando.

Eu aproveitei a chance para saltar sobre a mesa, pegar os papéis e correr em direção à porta.

—Não tão rápido. —Veio uma voz atrás de mim junto com o som da arma sendo engatilhada.

Eu congelei.

—Vire-se. —Ela ordenou.

Eu girei e olhei para ela. Ela estava pálida, e a arma não estava tão firme em sua mão como estava antes. Ela ainda estava perdendo sangue, e agora ele cobria suas mãos, mas eu não poderia dizer se era dela ou de William.

—Tudo o que tinha a fazer era assinar um pedaço de papel. —Ela disse, com voz calma mortal. —Nós teríamos deixado você viver. Mas agora... Agora eu vou desfrutar em matá-la.

Por favor. Ela era uma mentirosa. Ela e eu sabíamos que eles nunca tiveram qualquer intenção de me deixar viver. Suas palavras eram um desperdício colossal de ar.

—Pegue a caneta. —Ela apontou para uma que se encontrava na mesa de cabeceira ao lado da cama.

Fiz o que ela pediu.

—Assine os papéis.

Inclinei-me e usei o topo da cabeceira para escrever. Quando terminei, eu bati a caneta em cima do papel e me levantei.

—Pronto. O dinheiro é todo seu.

Ela sorriu com satisfação, e foi quando eu peguei o despertador perto da minha mão e atirei nela. Ele bateu na arma em sua mão, e eu saltei para ela, empurrando-a pelo chão.

Ela gritou quando eu fui atrás dela, mas ela me pegou pelo tornozelo e me puxou, levando-me a dar uma guinada para frente. O Sr. Goddard freou minha queda. Eu rolei, tentando chutá-la para que eu pudesse me levantar. Mas ela era

mais pesada, e foi capaz de me fixar no chão facilmente, abrangendo minha cintura e usando seu peso corporal.

Ela colocou as mãos em volta do meu pescoço e aplicou pressão, cortando meu suprimento de oxigênio e fazendo meus pulmões entrarem em pânico.

Acalme-se, disse a mim mesma. Pense!

Segurei seus pulsos, tentando erguê-los de cima de mim, mas quando começaram a nadar pontos diante dos meus olhos, eu decidi tentar outra coisa. Em vez disso, estendi a mão e cravei as unhas no buraco em seu ombro. Seu sangue era pegajoso e quente.

Ela gritou de dor, seu aperto falhou, e eu engoli o ar com avidez. Então eu rolei, tirando-a de cima de mim e fixando-a no chão. Ela agarrou-me, arranhando meus braços e beliscando minha pele. Eu puxei seus cabelos e levantei minha mão para dar um soco nela.

Mas ela pegou meu pulso e apertou.

Eu gritei, dor queimava meu braço dando-lhe a vantagem de me empurrar de cima dela. Quando eu rolei, minha cabeça bateu no armário e eu gritei de dor.

Minha visão ficou embaçada e ela inclinou-se sobre mim, sua boca movendo-se enquanto ela falava, mas eu não ouvia nada.

Era isso.

Eu desmaiaria e, em seguida, ela atiraria em mim.

Pelo menos eu não estaria acordada quando eu morresse.

Meus olhos começaram a ficar pesados como se fossem fechar, então pensei em Holt. No futuro que nunca teríamos.

Eu o ouvi falando comigo, me pedindo para acordar.

Eu sorri com a forma como o meu cérebro lembrava do som exato de sua voz.

Água fria espirrou no meu rosto, e meus olhos abriram enquanto eu engasgava com as gotas geladas que batiam na minha pele.

—Katie! —Holt gritou, deslizando a mão debaixo da minha cabeça e inclinando-se sobre mim. —Fica comigo.

Não era minha imaginação. Ele estava aqui!

—Holt? — Eu disse, minha voz soando longe.

—Tudo está bem agora. Você está segura.

—Você está aqui. —Eu disse.

—Sim, querida, eu estou aqui.

A névoa no meu cérebro foi sumindo, e meus olhos focaram em seu rosto. O corte acima da sobrancelha estava inchado e sangrando. Ele tinha manchas de sangue por todo o rosto, e seu olho estava ficando num tom desagradável de roxo.

—Por que não está no hospital? —Eu exigi, tentando me sentar, mas gemi e caí de volta para baixo.

—Devagar. —Ele murmurou.

—Hospital. —Eu o lembrei.

—Eu não vou a lugar nenhum sem você.

Alguém gemeu dentro do quarto. Soou como Caroline, e eu agarrei o braço de Holt. —Ela tem uma arma!

—Não mais. —Disse ele, com raiva alterando suas feições.

E, em seguida, a sala foi cercada por policiais e paramédicos. Holt me pegou e me embalou contra seu peito. Sentou-se na cama, mantendo-me em seu colo.

Um dos paramédicos estava inclinado sobre o Sr. Goddard. —Este está vivo. —Disse ele, olhando para o seu parceiro que estava inclinado sobre Caroline.

—Ela está viva também.

Então ele saiu do lado de Caroline e foi até perto da mesa onde William estava. Alguns segundos depois, ele disse. —DOA[4].

Um soluço saiu da minha garganta e eu segurei Holt. Ele me puxou mais perto contra ele e sussurrou contra meu ouvido que tudo ficaria bem.

Eu acreditei nele.

—Ela tem uma concussão. —Holt gritou, e em seguida, havia mãos sobre mim que não eram de Holt. Eram do médico verificando meus olhos e resposta.

Do chão, o Sr. Goddard gemeu e sentou-se encostado na parede. —O que aconteceu?

—Caroline atirou em William. Ele está morto. —Eu disse, olhando por cima de onde estava sentado.

—Sinto muito sobre tudo isso. —Disse ele tristemente.

—Eu também.

—Agora acabou. —Disse Holt, ainda se recusando a deixar-me ir (para a grande frustração do EMT[5]).

—O que ela tem? — Eu disse, sentindo uma pontada de pânico quando eu olhei para onde ela estava. —O que há de errado com ela?

—Eu dei um soco na cabeça dela. —Holt disse assumidamente.

—Eu a esfaqueei com uma caneta.

—Essa é minha garota.

[4] DOA (dead on arrival) – Morto à chegada.
[5] Paramédico.

Fiquei tão aliviada que sairíamos dessa vivos. Eu não me incomodei em lembrá-lo para não falar comigo como se eu fosse um cachorro.

Um policial estava prendendo suas mãos atrás das costas. —Ela passará um longo tempo na cadeia.

—Eles são os únicos que tem tentado me matar.

O oficial balançou a cabeça tristemente. —Haverá muito tempo para obter a sua declaração mais tarde, depois que você for para o hospital.

—Você acredita em mim, certo? — Eu me preocupei. E se ela fugisse com isso?

Ele assentiu. —Absolutamente. Há muitas testemunhas para ela sair dessa.

—Se você assinou aqueles papéis, eu vou me certificar de que os tribunais saibam que foi sob coação. —Disse Goddard.

Holt olhou para mim. —Você quis assiná-los, Katie?

Olhei para os documentos ainda na mesa de cabeceira. —Veja por si mesmo.

Ele inclinou-se e agarrou-os, olhando para a linha da assinatura.

Sua risada foi um som de boas-vindas.

Olhei para a minha “assinatura”.

DANE-SE.

Então eu olhei para o Sr. Goddard. —A minha assinatura não está nesse papel. Mas eu gostaria de assinar os papéis para reivindicar o dinheiro.

—Eu tenho cópias extras na minha mala. Eu nunca viajo sem cópias.

Eu olhei de volta para Holt. —Você veio por mim.

Ele tocou meu rosto com os dedos. —Quando eu acordei e meu pai me disse que tinham levado você, eu enlouqueci.

—Eu achei que você tivesse morrido naquele explosão.

—Precisaria de muito mais do que isso para me matar.

—Graças a Deus. — Eu coloquei minha cabeça contra seu peito. O EMT suspirou, deu-se por vencido e foi ver os ferimentos do Sr. Goddard.

—Como você sabia onde eu estava?

—Quando voltei a mim, meu pai me disse que duas pessoas a forçaram a entrar em um carro e foram embora. Eu sabia que era sobre o dinheiro, e eu sabia que você encontraria com o advogado aqui. Eu nem sequer esperei os paramédicos me checarem. Peguei o caminhão de trabalho do meu pai, e corri até aqui. Eu ouvi o tiro quando estava saindo do elevador. —Sua voz ficou rouca.

—Quando entrei aqui e a vi em cima de você, eu me perdi. Eu a teria matado, se os policiais não estivessem correndo pelo corredor.

—Obrigada por me salvar. —Eu sussurrei, alcançando a ponta de sua mandíbula.

—Você me salvou também. Se você não tivesse vindo correndo para fora da casa, eu teria ficado dentro do meu caminhão quando ele explodiu.

Eu fechei meus olhos por causa da imagem horrível.

—Como você sabia? —Perguntou.

—Eu não sabia. Eu só tive um pressentimento muito ruim e, de repente, eu entrei em pânico.

Ele me abraçou mais perto, curvando ao redor do meu corpo. —Chegamos perto, Freckles. Quase perdemos tudo.

—Mas nós não perdemos. —Eu sussurrei, inalando seu cheiro que ainda se agarrava a sua pele, mesmo depois dele ser vítima de uma explosão.

—Precisamos levar os dois para o hospital. —Disse um dos policiais, apontando para a porta.

Olhei para cima e notei que o Sr. Goddard e Caroline já haviam ido, e havia um lençol caído sobre o corpo de William.

Holt levantou-se. Quando ele não me colocou no chão, eu bati em seu peito. —Eu posso andar.

Ele balançou sua cabeça. —Você tem uma concussão.

—Assim como você. —Eu lembrei a ele.

—O sua é pior.

—Por quê? Porque eu sou uma garota? —Retruquei.

—Porque eu quero te abraçar.

Eu não podia discutir com isso. Então, eu não fiz.

A ambulância estava à espera quando saímos. Antes de me colocar na parte de trás, Holt inclinou-se e cobriu meus lábios com os seus. O calor foi instantâneo, varrendo dentro de mim e acendendo um fogo da paixão que só ele poderia me fazer sentir.

—Eu achei que os bombeiros devessem apagar incêndios, não acendê-los. —Eu disse quando ele levantou a cabeça.

Ele sorriu. —Acostume-se com o calor amada, porque esta é uma chama que nunca pretendo apagar.

Eu gostei do som disso.

# Epílogo

O toque do telefone me acordou. Eu me desembaracei do abraço de Holt e peguei meu celular novo em folha da mesa de cabeceira ao lado da cama. Eu gostava mais quando eu não tinha um telefone para tocar e me acordar.

—Alô? — Eu atendi, tentando não parecer como se eu estivesse dormindo no meio da tarde.

—Senhorita Parker?

—Sim? — Eu disse, minha mente repassando as possibilidades de quem poderia ser a mulher do outro lado da linha.

—Meu nome é Anita Caldwell. Eu sou do Banco First People aqui de Wilmington.

—Oh sim, como está, senhora?

—Eu estou bem. Obrigada por perguntar. Estou ligando para avisar que a transferência dos seus fundos foi finalmente aprovada. Todo o dinheiro foi depositado em sua conta, e está agora disponível para seu uso.

—Maravilhoso. Muito obrigada.

—É um prazer tê-la como cliente, Senhorita Parker.

—As transferências para as outras contas foram aprovadas também?

—Sim, senhora, tudo passou pelo “de acordo” da forma como você configurou suas contas.

—Obrigada por ligar, Sra. Caldwell.

—Se você precisar de qualquer outra coisa, por favor, não hesite em entrar em contato com o banco ou ligue-me diretamente.

—Eu irei.

Quando a chamada foi desconectada, eu joguei o telefone no pé da cama, esperando que ele fosse se perder nas cobertas e nunca ser visto novamente.

Eu senti um toque de mão suave no interior da minha coxa e sorri, olhando para um Holt ainda “dormindo”.

—Era do banco. —Eu disse a ele enquanto seus dedos subiam, demorando na borda da minha calcinha. —O dinheiro entrou.

—Então você está podre de rica? —Ele rugiu, sua voz ainda pesada de sono.

—Acho que sim.

Ele resmungou.

—Eu pensei que demoraria mais tempo.

—Tem sido um par de semanas.

Ele não disse nada, mas deslizou os dedos debaixo da minha calcinha, provocando a pele sensível lá. Meu corpo reagiu como sempre fazia quando ele me tocava. Desejo agrupou no fundo da minha barriga, meus mamilos endureceram, e umidade reuniu entre as minhas pernas.

Deitei-me, abrindo-me para ele, para seu toque.

—Você está tentando me distrair. —Murmurei quando um de seus dedos deslizou dentro de mim.

—Está funcionando.

Ele sabia que estava. Sempre funcionava. Eu sabia que ele não queria ter essa conversa, a conversa onde nós decidíamos aonde nosso relacionamento iria.

Ele tinha mantido sua palavra. Ele me disse que não tentaria me pressionar, e eu não tinha que responder-lhe imediatamente sobre o que eu queria. Mas cada vez que tentava trazer à tona o assunto, ele me silenciava de uma forma ou de outra.

—Eu sei o que está acontecendo aqui. —Murmurei entre um gemido lascivo.

Sua resposta foi escorregar outro dedo dentro de mim.

—Você está assustado.

Ele parou e levantou a cabeça do travesseiro.

—Como é?

Eu me empurrei contra seus dedos, que já não estavam fazendo o que eu queria que eles fizessem.

Com muito cuidado e dolorosamente lento, ele puxou-os para fora, puxando minha calcinha de volta no lugar e tirando o braço de debaixo dos lençóis. Segurando-me pela cintura, ele me puxou mais próxima a ele, para que parte dele estivesse deitado em cima de mim, enfiando os braços em volta de mim e brincando com as pontas do meu cabelo.

—Você quer falar, Freckles? Vamos conversar.

Eu respirei fundo.

—Eu acho que você está preocupado que eu não ficarei aqui, agora que eu tenho dinheiro mais do que o suficiente para sair.

Eu vi o reconhecimento por trás de seus olhos, e a insegurança.

—Eu só não queria forçá-la. Você já passou por muita coisa.

—Você também. —Eu sussurrei, chegando a traçar levemente a pequena cicatriz acima da sobrancelha. Seis pontos foi a quantidade necessária para fechar o corte em sua cabeça.

Ele pegou minha mão e deu um beijo em meus dedos.

—Pelo que me lembro, tudo o que eu queria era uma vida solitária, uma vida em que eu só tinha que me preocupar comigo, e não teria que me preocupar com alguém me deixando ou me machucando.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas eu balancei a cabeça e ele ficou em silêncio.

—Mas então, minha casa pegou fogo e tudo mudou. — Eu sorri. —Não era realmente sua função de trabalho vir visitar-me todos os dias no hospital, era?

Ele balançou sua cabeça.

—Eu não poderia ficar de fora. Eu odiava vê-la deitada ali assim.

—Eu te amo, Holt.

Ele respirou fundo, olhando para mim com aqueles incríveis olhos azuis.

—Katie...

—Já faz um tempo. Eu estava com muito medo de lhe dizer. Mas eu não estou mais com medo. Eu te amo e quero uma vida com você. Eu espero que você ainda queira isso também.

Sua boca estava em mim antes mesmo que eu terminasse de dizer as palavras. Ele me esmagou contra ele, segurando-me tão perto, que eu não tinha certeza de onde meu batimento cardíaco terminava e o seu começava. Segurei seus ombros, curtindo sensação após sensação que percorria meu corpo, enquanto sua boca movia-se sobre a minha novamente e novamente.

Em seguida, ele estava entre as minhas pernas, enterrando-se dentro de mim com um grande impulso e fazendo-me gritar de necessidade.

—Olhe para mim, Katie. —Ele exigiu, mantendo-se acima de mim com os cotovelos.

Forcei meus olhos a abrirem e olhei para cima.

—Eu te amo.

E então ele começou a mover-se lentamente, golpes pecadores, dentro e fora, dentro e fora, até que eu estava ofegante com antecipação.

Nem um de nós durou muito mais tempo, ambos caímos em êxtase no mesmo momento. Senti-o bombeando em mim, e a intimidade desse único ato fez meu coração apertar com alegria. Ele caiu em cima de mim, mas se conteve e ficou rígido, tentando rolar para que ele não me esmagasse.

Eu fiz um som de protesto e puxei-o de volta, envolvendo minhas pernas em volta dele para mantê-lo perto. Eu não estava pronta para quebrar o nosso contato ainda.

—Merda. —Ele xingou suavemente no travesseiro ao lado da minha cabeça. —Eu me esqueci de usar um preservativo. — Ele olhou para mim. —Eu estou limpo, eu juro.

Eu sorri. —Acho que é hora de começar a tomar a pílula.

—Só de pensar no meu filho crescendo dentro de você me emociona pra caralho.

—A mim também.

—É? —Disse ele, esperançoso.

Eu balancei a cabeça.

—Mas eu gostaria de tê-lo só para mim por um pouco mais de tempo antes de começar a pensar sobre isso.

—Fechado. —Ele disse, e moveu-se para me beijar, mas antes que pudesse, ele recuou. —Eu te amo.

—Eu também te amo.

—Eu não quero que você se mude.

—Eu também não quero. Eu falei com seu pai. Ele vai reconstruir minha casa, e então eu vou vendê-la. Esta é a minha casa agora.

O olhar na cara dele fez meu coração vibrar.

—Mas... —Eu avisei. —Eu vou comprar um pouco mais de móveis para casa.

—Eu não me importo. Você pode pintar todo o lugar de rosa, se isso te fizer feliz.

—Você me faz feliz.

Desta vez, ele me beijou.

—Holt? Há outra coisa que eu quero falar com você. —Eu disse quando ele levantou a cabeça.

—O que?

—Eu quero usar um pouco do dinheiro que Tony me deixou para abrir algum tipo de casa ou programa para crianças adotivas. Eu nunca quero que elas sintam-se da forma como eu me senti quando estava me mudando através do sistema.

No final, eu decidi ficar com o dinheiro. Eu o dividi em várias contas para que ele não ficasse todo em uma soma enorme. Eu decidi, em vez de apenas doar tudo (mas eu fiz algumas doações), que o utilizaria para realizar alguns dos meus próprios sonhos. E Holt não sabia disso, mas ele teria um caminhão novo.

—Essa é uma ótima ideia. Você vai mudar muito a vida dessas crianças.

—Como você mudou a minha.

Ele balançou sua cabeça. —Eu não mudei a sua vida. Você mudou.

—Eu não poderia ter feito isso sem você.

—Eu quase me esqueci. —Disse ele, levantando-se da cama e indo para sua cômoda. —Eu tenho algo para você.

—Você tem? — Eu inclinei-me contra a cabeceira.

Ele concordou, e me entregou um pequeno saco de veludo. Peguei-o e dei-lhe um olhar curioso, em seguida, despejei o conteúdo em minha palma.

—Oh meu Deus... — Engoli em seco, olhando para ele. —Como você...?

E então eu prontamente explodi em lágrimas.

Ele reuniu-me em seus braços e me segurou até que o mais pesado dos meus soluços diminuiu, e então eu me afastei para levantar minha mão entre nós. A prata cintilante brilhou para mim.

Era o colar da minha mãe.

Uma das últimas coisas que eu tinha deixado dela. Era um medalhão, um coração de prata com a pedra do meu nascimento no centro. Minhas mãos trêmulas atrapalharam com o coração até que eu o segurei, com lágrimas formando quando vi que a foto de nós duas ainda estava dentro.

—Eu pensei que tivesse perdido isso no fogo. —Eu sussurrei, passando um dedo delicadamente sobre nossos rostos sorridentes.

—Eu fui até a casa e procurei através dos escombros, e estava lá. Ainda inteiro. O fecho foi quebrado e estava coberto de fuligem, então eu tive que levar para a joalheria.

—Você não tem ideia do quanto isso significa para mim. —Eu disse, agarrando o colar na minha mão. Era como se aquele pedaço dela que eu pensei que tivesse perdido, a peça a qual eu estava de luto desde a noite do fogo, estivesse de volta. Agora eu tinha isso e sua carta a Tony (eu ainda não estava pronta para pensar nele como meu pai) para me lembrar dela.

Eu passei meus braços em volta do seu pescoço, abraçando-o com força.

—Obrigada, Holt. Muito obrigada.

—Obrigado. —Ele disse suavemente, se afastando e enxugando uma lágrima na minha bochecha.

—Pelo quê?

—Por suportar o calor. Por lutar por sua vida. Porque sem você, tudo na minha vida estaria frio.

Eu sorri. —Você nunca precisará se preocupar com isso. Haverá sempre um fogo queimando entre nós.

E havia.

FIM

